



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO, MESTRADO EM LETRAS**



FERNANDO OLIVEIRA CAETANO

**MEMES COMO PROPULSORES DE INOVAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL:
UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL**

DOURADOS-MS

2023



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO, MESTRADO EM LETRAS**



FERNANDO OLIVEIRA CAETANO

**MEMES COMO PROPULSORES DE INOVAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL:
UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, área de Linguística e Transculturalidade.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Saparas.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. MARCELO SAPARAS
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Prof. Dr. ADAIR VIEIRA GONCALVES
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Prof.^a Dra. GICELMA DA FONSECA CHACAROSQUI TORCHI
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Prof. Dr. ULISSES TADEU VAZ DE OLIVEIRA
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof.^a Dra. SUMIKO NISHITANI IKEDA
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

DOURADOS-MS

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

C127m Caetano, Fernando Oliveira
MEMES COMO PROPULSORES DE INOVAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL:: UMA
ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL [recurso eletrônico] / Fernando Oliveira Caetano. --
2023.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Marcelo Sappas.
Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2023.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Humor. 2. Metáfora conceptual. 3. Metonímia conceptual. 4. LSF. 5. Meme. I. Sappas,
Marcelo. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Prof. Dr. Marcelo Sappas, pela confiança no projeto com os memes, pela gentileza e paciência em explicar os conceitos teóricos da linguística e pela prontidão em me ajudar em todos os aspectos acadêmicos no decorrer desses dois anos. Suas atitudes e profissionalismo serão espelhados por mim enquanto professor, muito obrigado.

Aos professores doutores por aceitarem o convite para participar da banca de qualificação e por contribuir com a dissertação: Prof. Dr. Adair Vieira Gonçalves Prof.^a Dr^a. Gicelma da Fonseca Chacarasqui Torchi Prof. Dr. Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira e Prof.^a Dra. Sumiko Nishitani Ikeda

Aos colegas e professores da Turma 2021 do Mestrado em Letras (UFGD), pelas discussões e trocas de conhecimento. Em especial, Cristóvão Augusto Lima Silva.

À Ariane Rigotti, secretária do Mestrado em Letras/FALE.

Aos colegas do grupo de pesquisa GIFeL: Denise de Oliveira Barbosa Velasco, Gean Pereira, Giovanna Gomes Sansero Vieira e Sidney Sato.

A Christeme, Raposo e Zhengzheng, pelo carinho em momentos alegres ou difíceis.

A Aparecida Negrini, Eleni Caetano e Yonara Caetano, mulheres incríveis, que me incentivaram a estudar em todas as fases da minha vida.

RESUMO

Os memes, mensagens verbo-visuais, são um fenômeno recente que se popularizaram com a chegada da internet e das redes sociais. Essa nova forma de comunicação, criada e consumida por milhares de pessoas na rede mundial de computadores, provoca discussões acerca das inovações no aspecto de como nos comunicamos e conseqüentemente sobre o universo da linguística. Com a participação ativa de milhares de internautas ao redor do mundo, que interagem com a língua no ambiente online, esse momento social, por meio de memes, enquanto mídia de massa, suscita peculiaridades, como a criação de um novo campo de estudo, a linguística do online ou linguística da internet. Toda língua viva está em constante processo evolutivo, palavras surgem a todo o momento, e os ambientes virtuais são hoje veículos de propulsão desses vocábulos. Mudanças linguísticas que poderiam levar décadas para serem estabelecidas, hoje, com a internet, podem ser realizadas em uma questão de horas, ou seja, a tecnologia tem de certa maneira acelerado mudanças na língua. Sendo assim, o objetivo desta dissertação é investigar as escolhas lexicais contidas em memes da internet, examinando os textos multimodais (verbo-visuais) e a característica humorístico-crítica contida neles como uma ferramenta de persuasão para propulsão e popularização de inovações lexicais no ambiente online em um processo contemporâneo de enriquecimento e atualização do léxico da língua inglesa. Essa manipulação de palavras no ambiente online e a construção de novos sentidos por meio dos memes (variação semântico-lexical), em contextos específicos na internet, pode ser de interesse, por exemplo, no ensino de língua adicional, uma vez que os memes são comumente utilizados nas aulas de língua estrangeira para ampliar o conhecimento de aprendizes por se tratar de um novo gênero digital, que faz parte da realidade do alunado. Para tanto, a investigação não aborda o meme de um ponto de vista estritamente estruturalista, mas analisa-o como um instrumento de interação social, pois esse tipo de gênero de mídia depende de um contexto discursivo e aspectos cognitivos partilhados por seus interlocutores. Para analisar os itens lexicais presentes nos memes: *turn up*; *snowflake*; *lit*; *thicc*; *flexing* e *slick*, a investigação apoia-se na Teoria de Gênero e Registro (TGR) do meme (campo, relações e modo), que está dentro da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), uma teoria multifuncional, indicada por estudiosos críticos da linguagem como sendo a mais adequada para a análise do discurso e na sua extensão. A pesquisa também se apoia na abordagem sociosemiótica da Multimodalidade e Gramática do Design Visual (GDV), que serve de metodologia de análise para o aspecto imagético do meme. Além disso, a pesquisa é fundamentada na Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptuais para o estudo das construções metonímicas que apoiam as metáforas existentes nos memes e em estudos lexicais, para compreender os possíveis neologismos presentes nos textos meméticos. A investigação procurou se guiar pelas seguintes perguntas de pesquisa: (a) como é feita a persuasão via humor e ironia nos memes de internet? (b) como os sistemas imagéticos, segundo os princípios da abordagem cognitiva e a Gramática do Design Visual estruturam os neologismos em memes da internet? Os resultados mostram que os memes realizam a persuasão por meio do humor e ironia e que escolhas lexicais dos autores de memes não são isoladas, e que características multimodais e de metáfora conceptual corroboram a propulsão de inovações lexicais a partir do ambiente digital.

Palavras-chaves: Humor. Metáfora conceptual. Metonímia conceptual. LSF. Semântica. Meme.

ABSTRACT

Memes, verbal-visual messages, are a recent phenomenon which became popular with the event of the internet and social networks. This new form of communication, created and consumed by thousands of people on the world wide web, provokes discussions about innovations in terms of how we communicate and consequently about the world of linguistics. With the active participation of thousands of Internet users around the world, who interact with the language in the online environment, this social moment, through memes, as mass media, raises peculiarities, such as the creation of a new field of study, the online linguistics or internet linguistics. Every living language is in a constant evolutionary process, words appear all the time, and virtual environments are today vehicles for the propulsion of these words. Linguistic changes that could take decades to be established, today, with the internet, can be carried out in a matter of hours, that is, technology has in a way accelerated language changes. Therefore, the objective of this dissertation is to investigate the lexical choices contained in internet memes, examining the multimodal texts (verbal-visual) and the humorous-critical characteristic contained in them as a persuasion tool for the propulsion and popularization of lexical innovations in the online environment in a contemporary process of enrichment and updating of the English lexicon. This manipulation of words in the online environment and the construction of new meanings through memes (semantic-lexical variation), in specific contexts on the internet, may be of interest, for example, in additional language teaching, since memes are commonly used in foreign language classes to expand the knowledge of learners because it is a new digital genre, which is part of the reality of students. Therefore, the investigation does not approach the meme from a strictly structuralist point of view, but analyzes it as an instrument of social interaction, since this type of media genre depends on a discursive context and cognitive aspects shared by its interlocutors. To analyze the lexical items present in memes: *turn up*; *snowflake*; *lit*; *thicc*; *flexing* and *slick*, the investigation relies on the Theory of Gender and Registration (TGR) of the meme (field, relations and mode), which is within Systemic-Functional Linguistics (LSF), a multifunctional theory, indicated by language critics. as being the most suitable for the analysis of discourse and its extension. The research also turns to the sociosemiotic approach of Multimodality and Visual Design Grammar (VDG), which serves as an analysis methodology for the imagery aspect of the meme. In addition, the research relies on the Theory of Conceptual Metaphor and Metonymy for the study of metonymic constructions which support the existing metaphors in memes and in lexical studies to understand the possible neologisms present in memetic texts. The investigation sought to be guided by the following research questions: (a) how is persuasion carried out via humor and irony in internet memes? (b) how do imagery systems, according to the principles of the cognitive approach and Visual Design Grammar, structure neologisms in internet memes? The results show that memes perform persuasion through humor and irony and meme authors' lexical choices are not isolated, and multimodal and conceptual metaphor characteristics corroborate the propulsion of lexical innovations from the digital environment.

Keywords: Humor. Conceptual Metaphor. Conceptual Metonymy. SFL. Semantics.

Meme.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Variáveis do contexto de situação e Metafunções da linguagem.....	27
QUADRO 2 - Os tipos de metafunção.....	27
QUADRO 3 - A transitividade na LSF.....	29
QUADRO 4 - Tipos de modalidade.....	32
QUADRO 5 - Panorama geral dos recursos do sistema de avaliatividade.....	35
QUADRO 6 - Meme como atividade de <i>engage</i>	43
QUADRO 7 - Memes controversos.....	44
QUADRO 8 - Exemplo do Novo e o Dado em <i>layout</i> de <i>website</i>	54
QUADRO 9 - <i>Turn up</i> em dois memes.....	82
QUADRO 10 - <i>Lit</i> em duas <i>trends</i> de memes.....	92
QUADRO 11 - <i>Frames</i> no vocábulo <i>lit</i>	93
QUADRO 12 - O calor como domínio-alvo em quatro línguas distintas.....	93
QUADRO 13 - <i>Slick</i> em duas <i>trends</i> de memes.....	110
QUADRO 14 - Termos <i>chave</i> e <i>chavoso</i> nas redes sociais.....	121

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Estratificação dos planos comunicativos.....	24
FIGURA 2 - Texto em contexto.....	26
FIGURA 3 - Exemplo de <i>scriptio continua</i>	36
FIGURA 4 - Convite para evento do Ministério da Saúde.....	38
FIGURA 5 - Powerpoint para Deltan.....	40
FIGURA 6 - Tipografia como forma de comunicação.....	41
FIGURA 7 - Equivalência entre a GSF e a GDV.....	45
FIGURA 8 - Metafunções na LSF e GDV.....	46
FIGURA 9 - Processo de ação transacional unidirecional.....	47
FIGURA 10 - Representação visual do processo de ação bidirecional.....	48
FIGURA 11 - Processo de ação não-transacional unidirecional.....	48
FIGURA 12 - Ator não visível em ação não-transacional unidirecional.....	49
FIGURA 13 - Pontos de vista subjetivo e objetivo de um quadrado.....	51
FIGURA 14 - A criação de Eva (Lorenzo Maitani)	53
FIGURA 15 - Elementos mediadores.....	55
FIGURA 16 - A percepção do tempo na sociedade ocidental contemporânea.....	59
FIGURA 17 - A percepção do tempo na sociedade grega da antiguidade.....	60

FIGURA 18 - Um meme da pré-internet.....	67
FIGURA 19 - <i>Turn up</i>	78
FIGURA 20 - <i>Snowflake</i>	83
FIGURA 21 - <i>Lit</i>	91
FIGURA 22 - <i>Thicc</i>	97
FIGURA 23 - Exemplo de meme que alude a <i>thicc</i>	99
FIGURA 24 – Exemplo da metáfora <i>tamanho é poder</i> em uma charge política.....	101
FIGURA 25 - <i>Flexing</i>	103
FIGURA 26 - Adaptação da <i>trend flexing</i> sobre a pandemia.....	104
FIGURA 27 - <i>Slick</i>	109

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GDV	Gramática do Design Visual
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
SS	Semiótica Social
TGR	Teoria de Gênero e Registro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
SEÇÃO I	
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
1.1 Um breve histórico.....	18
1.2 A linguística sistêmico-funcional: Um breve histórico	21
1.2.1 A importância do contexto e as potencialidades de significado	23
1.2.2 Metafunção ideacional.....	27
1.2.3 Metafunção interpessoal.....	29
1.2.4 Metafunção textual.....	32
1.3 O sistema de avaliatividade.....	33
1.3.1 Atitude.....	34
1.3.2 Engajamento.....	34
1.3.3 Gradação.....	35
1.4 Multimodalidade.....	35
1.4.1 Revolução digital, Multimodalidade e sala de aula.....	41
1.4.2 Gramática do Design Visual.....	45
1.4.2.1 Função representacional.....	46
1.4.2.2 Função interativa.....	49
1.4.2.2.1 Olhar (<i>contact</i>)	50
1.4.2.2.2 Distância (<i>social distance</i>)	50
1.4.2.2.3 Ponto de vista / dimensão / perspectiva (<i>attitude</i>)	51
1.4.2.3 Função composicional.....	52
1.4.2.3.1 Dado e novo: O valor de informação da esquerda e da direita.....	52
1.4.2.3.2 Ideal e real: O valor de informação da parte superior e inferior.....	54

1.4.2.3.3	Centro e margem: O valor da informação central e periférica.....	55
1.4.2.3.4	Saliência.....	56
1.4.2.3.5	Enquadramento.....	56
1.5	Metáfora conceptual.....	56
1.6	Metonímia conceptual.....	60
1.7	Neologia e neologismos.....	62
1.8	Linguística da internet.....	63
1.9	Ironia.....	68

SEÇÃO II

2.	METODOLOGIA.....	73
2.1	Dados.....	73
2.2.	Procedimentos de análise.....	75

SEÇÃO III

3.	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS MEMES.....	78
3.1	<i>Turn up</i>.....	78
3.1.1	Contexto situacional.....	79
3.1.2	Análise e discussão do enunciado verbal.....	79
3.1.3	Análise e discussão da imagem e da cor.....	80
3.1.4	Análise e discussão da metáfora.....	81
3.1.5	Discussão geral da análise.....	82
3.2	<i>Snowflake</i>.....	83
3.2.1	Contexto situacional.....	84
3.2.2	Análise e discussão do enunciado verbal.....	84

3.2.3	Análise e discussão da imagem e da cor.....	87
3.2.4	Análise e discussão da metáfora.....	87
3.2.5	Discussão geral da análise.....	88
3.3	<i>Lit</i>	90
3.3.1	Contexto situacional.....	91
3.3.2	Análise e discussão do enunciado verbal.....	92
3.3.3	Análise e discussão da imagem e da cor.....	93
3.3.4	Análise e discussão da metáfora.....	94
3.3.5	Discussão geral da análise.....	95
3.4	<i>Thicc</i>	97
3.4.1	Contexto situacional.....	98
3.4.2	Análise e discussão do enunciado verbal.....	98
3.4.3	Análise e discussão da imagem e da cor.....	99
3.4.4	Análise e discussão da metáfora.. ..	100
3.4.5	Discussão geral da análise.....	101
3.5	<i>Flexing</i>	103
3.5.1	Contexto situacional.....	104
3.5.2	Análise e discussão do enunciado verbal.....	105
3.5.3	Análise e discussão da imagem e da cor.....	106
3.5.4	Análise e discussão da metáfora.. ..	107
3.5.5	Discussão geral da análise.....	108
3.6	<i>Slick</i>	109
3.6.1	Contexto situacional.....	110
3.6.2	Análise e discussão do enunciado verbal.....	111
3.6.3	Análise e discussão da imagem e da cor.....	112
3.6.4	Análise e discussão da metáfora.. ..	112
3.6.5	Discussão geral da análise.....	113

SEÇÃO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	122

INTRODUÇÃO

Como professor de Língua Inglesa, sempre procurando tornar a sala de aula mais atraente para os aprendizes, escrevi um livro denominado *Street Lingo: O inglês das ruas* (2015), que apresenta algumas expressões idiomáticas do inglês e seus usos. Movido pelo interesse pelo estudo de gírias em inglês, percebi que um recurso útil para se apresentar essas expressões aos aprendizes eram os memes. Esses recursos como potenciais materiais didáticos em sala de aula, se mostram envolventes, especialmente, mas não apenas, para os aprendizes mais jovens. Nesse sentido, decidi pesquisar sobre os memes como potenciais materiais didáticos nas aulas de língua inglesa, ou seja, me intrigou o fato de a interação entre o verbal e o imagético trazer novos significados e, assim, os memes serem de grande valia para sua utilização em sala de aula. Nesse estudo, constatei que o meme possui um viés humorístico-crítico e pode trazer significados nas entrelinhas, que os tornam uma ferramenta atraente aos aprendizes dentro do escopo de ensino de língua inglesa.

Por esse ângulo, esta pesquisa tem como objetivo investigar as escolhas lexicais contidas em memes da internet, examinando os textos multimodais (verbo-visuais) e a característica humorístico-crítica contida neles como uma ferramenta de persuasão para propulsão e popularização de inovações lexicais no ambiente online sob o olhar da metáfora e da metonímia com apoio da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e Teoria de Gênero e Registro (TGR) do meme (campo, relações e modo). Nessa lógica, a investigação procura responder às seguintes perguntas de pesquisa: (a) como é feita a persuasão via humor e ironia nos memes de internet? (b) como os sistemas imagéticos, segundo os princípios da abordagem cognitiva e o design visual estruturam os neologismos (ou as inovações lexicais) em memes da internet.

O gênero textual: meme, tem ganhado considerável relevância nos últimos anos devido ao contato que usuários fazem com esses textos multimodais no ambiente online. Um de seus objetivos é gerar humor, mas eles podem ser também um objeto de estudo relevante quando se trata de seu aspecto discursivo e de persuasão, pois o humor é um recurso que pode expressar afeto positivo na interação (HOLMES, 2000).

No presente estudo, a análise dos memes é baseada na metáfora e metonímia conceptual, tendo em vista que ambas são recursos de persuasão pois, no caso das metáforas, envolvem sempre um grau de perspectivação, quando certos traços são

realçados enquanto outros permanecem obscurecidos (IKEDA, SAPARAS. p. 57). As metonímias também são fundamentais para a construção significado verbo-visual, pois são icônicas e ao mesmo tempo indiciais (IKEDA, SAPARAS. p.60) e podem ser observadas nos memes, pois neste tipo de texto o humor é criado muitas vezes pelo mecanismo de uso de uma parte para representar o todo em um contexto socio-pragmático.

Os memes também serão analisados tendo como base duas dimensões da gramática semântico-pragmática da oração, segundo os princípios da linguística sistêmico-funcional, a transitividade (dentro da metafunção ideacional) e a modalidade (dentro da metafunção interpessoal), ainda dentro do campo de interesse desse último os textos verbo-visuais em memes serão analisados quanto aos seus epítetos atitudinais, estudados a fim pelo linguista australiano Martin, que chamou essa teoria de *Appraisal* (Avaliatividade).

Esta dissertação está estruturada da seguinte maneira: primeiramente a presente introdução e logo em seguida na seção I são apresentados os aportes teóricos que fundamentaram a pesquisa: um breve histórico do percurso linguístico, partindo de uma fase totalmente estruturalista até um momento mais pragmático com a linguística sistêmico-funcional e avaliatividade. Passando por conceitos como Multimodalidade e Gramática do Design Visual, Metáfora Conceptual, Neologia, estudos sobre a linguagem na internet e, por fim, ironia. Na seção II, é abordado o processo metodológico utilizado frente aos dados da pesquisa, a apresentação dos memes e os procedimentos de análise. Na seção III, são apresentadas as análises de cada meme (o enunciado verbal, enunciado imagético e metáfora), seguidas por discussões gerais sobre os memes. Na seção IV, são apresentadas as considerações finais, em que se divulgam as respostas da pesquisa, expondo os resultados desta dissertação. E por fim as referências que embasaram a pesquisa.

SEÇÃO I

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Um breve histórico

Um dos primeiros textos que demonstram o interesse em examinar a língua é *Astadhyayi*, escrito a cerca de 3.000 anos por um linguista indiano chamado Panini, que elaborou uma análise gramatical do sânscrito. A abordagem gramatical de Panini requer que as partes das palavras sejam organizadas em ordem. As regras devem, então, ser aplicadas para converter essas sequências em formas corretas (TRASK; MAYBLIN, 2013), sendo assim o trabalho de Panini antecipa em dois milênios as ideias de Noam Chomsky na década de 1960. Os gregos foram os fundadores da tradição europeia nos estudos linguísticos, o escolástico Aristóteles deu os primeiros passos com a divisão da sentença em duas partes chamadas de sujeito e predicado, conceito que ainda hoje é presente em análises gramaticais morfossintáticas. No fim do século XVIII, a principal preocupação de muitos linguistas europeus foi a semelhança de certas línguas, o que levou esses estudiosos à hipótese de que muitas línguas tinham um ancestral comum, o protoindo-europeu. Um linguista de Genebra, conhecido como Ferdinand de Saussure (1857 – 1913) também tinha interesse na linguística histórica. Ele fez importantes contribuições para a compreensão do protoindo-europeu (TRASK; MAYBLIN, 2013, p. 15), no entanto, como professor na Universidade de Genebra, Saussure apresentaria em suas aulas, outras ideias inovadoras acerca de como as línguas são organizadas e funcionam; para Saussure, a língua é como um sistema estruturado de elementos, em que cada elemento é definido principalmente pela maneira como se relaciona com outros elementos (TRASK; MAYBLIN, 2013, p. 18) e na análise saussuriana da língua o que importa é o modo como o sistema se estrutura, vindo daí o termo: *estruturalismo* (IKEDA; SAPARAS, 2022, p. 18). Em *Cours de linguistique générale*, obra póstuma de Saussure, compilada por alguns de seus pupilos da Universidade de Genebra, há algumas dicotomias elaboradas pelo professor genebrino para exemplificar suas ideias, uma delas é *langue* (língua) e *parole* (fala). A *parole* (fala) representa a parte psíquica nos fatos da linguagem, é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor (SAUSSURE, 2012, p. 45). A *langue* é, ao contrário, sistemática homogênea, (IKEDA; SAPARAS, 2022, p. 18) um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para seu estudo (SAUSSURE, 2012, p. 46). Essa dicotomia evidencia o chamado corte saussuriano, ou seja, Saussure acredita que o enfoque de uma pesquisa linguística deve ser a *langue* (língua ou sistema), ao invés da *parole* (a fala ou uso) (MUSSALIM; BENTES, 2011).

A linguística é para Saussure: a ciência que estuda a língua (*langue*), e toda a subjetividade na linguagem deve ser deixada de fora, a semântica e a pragmática podem ficar de lado, pois o que interessa é a estrutura, a morfossintaxe. Por muitas décadas, o estruturalismo foi paradigma único nos estudos da linguagem, dezenas de linguistas, ajudaram a alicerçar as ideias de que para se tornar uma disciplina de caráter científico, a linguística precisaria ser objetiva, deixando de lado processos cognitivos. Portanto, para os estruturalistas, a língua é uma entidade que sobrevive por si só, e o fator social teria pouca influência no quesito científico. No entanto, nos idos da década de 1960, linguistas começam a enfrentar dificuldades em análises de situações muito comuns na comunicação do dia a dia, um exemplo é o seguinte diálogo:

Falante: (1) Nossa, que frio aqui dentro!

Ouvinte: (2) Quer que eu desligue o ar condicionado?

As informações em (1) e (2) não são devidamente codificadas por meio de morfemas ou palavras, ou seja, uma análise morfossintática ou estruturalista do diálogo acima seria insuficiente para a compreensão devida do que ocorre, pois, no transcorrer desse diálogo mecanismos pragmáticos do uso da língua são acionados. O ouvinte entendeu as palavras em (1), como uma ação que deve ser tomada por ele, mesmo o falante não tendo expressado uma ordem direta, como uso da forma imperativa (“desligue o ar condicionado, estou com frio!”), esses são processos sociosemióticos usados a todo momento na comunicação e que regem a vida em sociedade. Essas implicaturas conversacionais, estudadas pelo filósofo estadunidense H.P. Grice no final da década de 1950, têm fatores extralinguísticos como um dos propósitos que é modalizar a língua de acordo com o contexto situacional discursivo, caso o contrário, poderia haver brechas para ruídos na comunicação. Outro fator importante é por exemplo a leitura multimodal de memes, feita rotineiramente no ambiente online. Como explicar a ironia e o humor contida em muitos deles, considerando apenas a morfossintaxe. Na tentativa de se responder a como o conhecimento linguístico é posto em uso, em situação real, pelos indivíduos, linguistas começam a se enveredar para as ciências cognitivas, conjunto de disciplinas que têm em comum o objetivo de compreender a natureza e o funcionamento da mente humana (KENEDY, 2013, p.15). Noam Chomsky é possivelmente um dos mais proeminentes estudiosos dessa área, a partir da década de 1950, ele começa a publicar ideias a respeito da natureza mental da linguagem humana. Uma dessas ideias ficou

conhecida como Mentalismo, doutrina que considera a língua como um estado da mente, autônoma e preexistente, ou seja, no Mentalismo chomskiano, língua é um atributo biológico, que só existe porque suas propriedades são biologicamente determinadas nos seres humanos (MAHER; GROVES, 2004). Portanto, para Chomsky, há no cérebro humano um componente dedicado especificamente à língua, assim como há no corpo humano componentes dedicados à várias funções específicas, como a produção de enzimas, à excreção de substâncias tóxicas etc., há, portanto, para Chomsky, uma espécie de “órgão mental” dedicado à faculdade da língua (MAHER; GROVES, 2004). Chomsky propõe desta forma uma gramática universal (GU), um estágio inicial da aquisição da linguagem, pois, para os gerativistas a GU é interpretada como uma propriedade do cérebro humano, sendo uma concretização biológica de faculdade da linguagem (KENEDY, 2013, p.94). A criança já nasceria com essa gramática universal, o que faz certo sentido, pois é notório que uma criança mesmo sem educação formal da língua consegue produzir conceitos morfossintáticos adequadamente, como por exemplo o uso do artigo: *a cadeira*, em vez de *o cadeira* ou *o menino brinca com a bola* em vez de *menino o brinca com a bola*. No entanto, a teoria de Chomsky é por vezes criticada, principalmente pelo linguista estadunidense Daniel Everett que ao publicar textos sobre a língua da tribo indígena Pirahã, confronta as concepções de Chomsky ao mostrar que na língua da tribo Amazônica não havia recursividade (EVERETT, 2012). Outra crítica é o enfoque excessivamente formalista da gramática transformacional do gerativismo por meio das análises arbóreas que mais uma vez assestava em direção ao nível sentencial, assim como nas análises formalistas de Saussure. Um dos objetivos da abordagem gerativo-transformacional de Chomsky era explicar como a língua é estruturada e para fazer isso seria essencial uma descrição explícita dela. Apesar da abordagem não ter como meta a produção de um programa de computador que gerasse língua, essa acabou sendo a metáfora motriz da teoria, como explica Thompson (2014):

Um computador é incrivelmente literal: ele não consegue interpretar o que você quer dizer, e irá fazer exatamente – e apenas – o que você pedir para ele fazer. Portanto, instruções para o computador precisam ser explícitas e unívocas: ou seja, dar ordens exatas, de maneira que cada passo em uma operação tenha o *input* necessário de fases anteriores e formulá-los de uma maneira que se evite causar operações errôneas indesejadas (THOMPSON, 2014, p.3, tradução nossa).¹

¹ A computer is wonderfully literal: it cannot interpret what you mean, and will do exactly – and only – what you tell it to do. Therefore, instructions to the computer have to be explicit and unambiguous: this

1.2 A linguística sistêmico-funcional: Um breve histórico

Mesmo antes da publicação do *Curso de linguística geral* de Ferdinand de Saussure, linguistas como Whitney, von der Gabelentz e Herman Paul sustentavam que o enfoque para explicação da estrutura linguística deveria ser em termos de imperativos psicológicos, cognitivos e funcionais (MUSSALIM; BENTES, 2011). A hegemonia da teoria formalista de Saussure nas análises linguísticas provoca descontentamento por parte de alguns linguistas que retomam e reatualizam o interesse em analisar a língua tendo como foco as questões discursivas; essa reação generalizada desencadeou o surgimento de várias tendências, como a Sociolinguística, a Linguística textual, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação (MUSSALIM; BENTES, 2011) e finalmente a teoria funcionalista, na qual as funções da linguagem têm papel predominante nas análises linguísticas (BATTISI; OTHERO; FLORES, 2022). No funcionalismo o interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social (MARTELOTTA, 2015). Um dos estudiosos que compartilhava uma visão sobre linguagem parecida com a dos funcionalistas, foi o antropólogo polaco-britânico Bronisław Malinowski [1884-1932], um dos fundadores da antropologia social moderna como também da linguística antropológica (SENFT, 2007, p. 142). No início do século XX, Malinowski começa a realizar pesquisas de campo na Papua Nova Guiné com o povo Mailu e os nativos das ilhas Trobriand; ao perceber que a língua é exigência fundamental para tentar entender essas populações, o antropólogo envereda-se em um projeto para descrever a gramática da língua Kilivila, no entanto, logo no início, Malinowski depara-se com diversos obstáculos; o conhecimento linguístico não bastava, era necessário informações mais precisas sobre a cultura daquele povo. Nesse mesmo período Malinowski também começa a escrever considerações sobre a língua de maneira geral. De acordo com Nerlich e Clarke (1996, p.320, apud SENFT, 2010, p.142) para Malinowski a "Gramática só poderia ser estudada em conjunção com o significado, e significado somente no contexto da situação"; o significado residiria na função pragmática da oração; a aceção de uma palavra reside em seu uso, sendo assim, para estudar o significado não se deve examinar

includes giving them in exactly the right order, so that each step in an operation has the required input from preceding steps, and formulating them so as to avoid triggering any unwanted operations by mistake.

palavras isoladas, mas sentenças ou orações no contexto situacional (SENF, 2007). As ideias de Malinowski influenciam o linguista John Rupert Firth [1890-1960], e seu aluno, o também linguista britânico Michael Alexander Kirkwood Halliday (M.A.K. Halliday), que na década de 1960 dá início à uma abordagem de análise gramatical denominada *Gramática de Escala e Categorias* (FUZER; CABRAL, 2014), servindo de base para a teoria sistêmico-funcional, uma teoria que tem capacidade de analisar qualquer fenômeno comunicativo, estando hoje em amplo desenvolvimento na multimodalidade (FUZER; CABRAL, 2014).

Ao analisar os termos Sistêmico e Funcional, é possível compreender com mais clareza as bases epistemológicas dessa teoria. Sistema é conceito teórico central na gramática de Halliday, que adota o sentido firthiano de *paradigma funcional* (uma teoria de língua como escolha). Uma gramática sistêmica é acima de tudo, paradigmática (NEVES,2018), ou seja, centrada no nível das escolhas. Para os systemicistas o enfoque na pesquisa com linguagem está em tentar compreender *qual elemento pode figurar em lugar de outro* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). O nível sintagmático (o nível da estrutura), apesar de ser parte essencial de uma descrição não é uma característica definidora da linguagem, pois Halliday acredita que a gramática de uma língua são cadeias sistêmicas, não um inventário ou listagem de estruturas; língua é um recurso para fazer significado, e o significado reside nos padrões sistêmicos de escolha (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p.23). Por sua vez, o termo funcional, diz respeito a interpretação dos significados dentro de um contexto social, ou seja, a visão do texto como a instanciação do “significado potencial” nos contextos de situações reais (NEVES,2018), no uso interativo da língua. O diálogo abaixo serve como exemplo dessa questão:

- a) *Você é corrupto.*
- b) *Corrupto é você.*

Note que uma análise de caráter sintático não daria conta de explicar a diferença entre as duas sentenças, isso só é possível quando se analisa o contexto de situação na qual a interação linguística supostamente ocorreu: possivelmente uma discussão. Sendo (a) uma afirmativa e (b) uma réplica. Ou seja, a função da inversão do predicado *corrupto* na frase em (b) é responder de maneira incisiva a algo que foi dito em (a).

De acordo com Beaugrande (1993), tendo toda linguística uma característica sistêmica, a abordagem de Halliday acerca da língua é *funcional sistêmica* em contraste com a *linguística formal sistêmica* de Saussure, Z.S. Harris, Chomsky etc. (1993, cap. I:20, apud NEVES, 2018, p.73). Ou seja, Halliday acredita na inadequação do formalismo e propõe a incorporação da semântica e da pragmática à análise sintática. Na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), a língua não está ou vem pronta, ela é organizada pelos indivíduos no leito social, tratando-se, portanto, de um fenômeno sociosemiótico, emerge das práticas mais diversas, de nossas relações vividas com os objetos que nos circundam ou dos quais fazemos uso. Para Eggins (2004) as pessoas negociam textos para intercambiar significados, em outras palavras, a função geral da língua se baseia na semântica.

Os usuários da língua não interagem para trocar sons uns com os outros, tampouco para trocar palavras ou frases. As pessoas interagem para fazer significados: para dar sentido ao mundo e a si mesmas. O propósito geral da língua pode ser descrito como um propósito semântico (EGGINS, 2004, p.11, tradução nossa).²

Ou seja, a representação dos fenômenos do mundo não são apenas representações sígnicas, semióticas. O sentido, o interpretante, emerge também das práticas mais distintas, de nossas relações vividas com os objetos/signos que nos circundam ou dos quais fazemos uso.

1.2.1 A importância do contexto e as potencialidades de significado

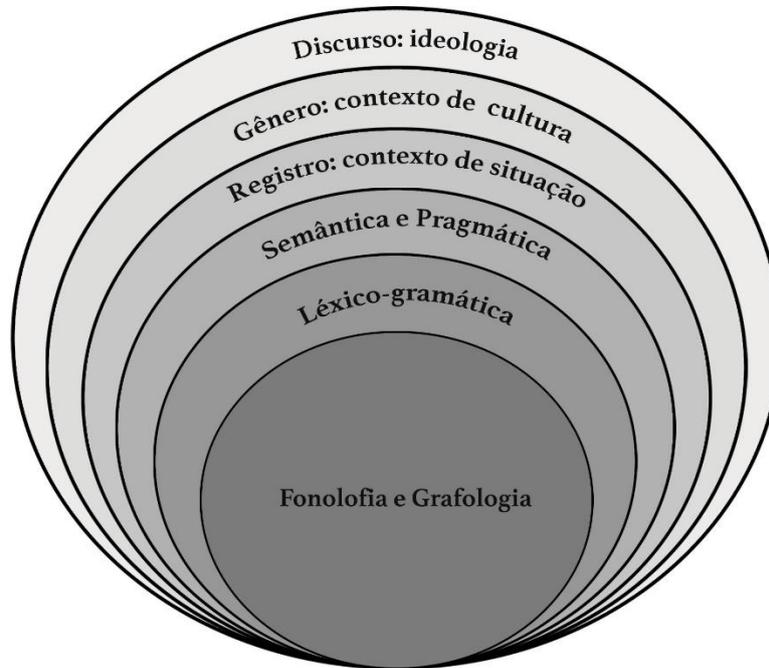
Tudo que é feito no mundo permite a articulação de diferentes significados sociais e culturais. Kress e van Leeuwen (2006) citam, como exemplo, o andar. Homens e mulheres andam de maneira diferente, instituições como a igreja, o exército e a indústria da moda desenvolveram características cerimoniais diferentes quando se trata de andar. Portanto, o mundo está cercado por recursos semióticos, e potencialidades semióticas para o significado (*meaning potential*) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), ou seja, os significadores linguísticos (isto é, palavra e frases) têm um potencial de significação³ ao invés de serem simplesmente significados prontos, e esses significados precisam ser estudados em um contexto social. Uma contribuição significativa da LSF é associar a

² “Language users do not interact in order to exchange sounds with each other, nor even to exchange words or sentences. People interact in order to make meanings: to make sense of the world and of each other. The overall purpose of language, then, can be described as a semantic one.”

³ Na semiótica peirceana, o termo é conhecido como *interpretantes* (S. PEIRCE, 2010).

macroestrutura da língua (ideologia) com a microestrutura da língua (as palavras, os textos etc.), pois o que ocorre na macrolíngua tem reflexos na microlíngua, ou vice-versa.

Figura 1 - Estratificação dos planos comunicativos



Fonte: adaptação de Halliday e Matthiessen (2014)

Na LSF texto e contexto estão interrelacionados, de modo que o texto reflete influências do contexto em que é produzido. Nesse sentido, “o contexto está no texto” (EGGINS, 2004). A habilidade para deduzir do texto é uma maneira de demonstrar que língua e contexto têm inter-relação. Eggins (2004) menciona como exemplo o fato de se poder prever a estrutura total e/ou algumas palavras específicas que supostamente estariam em uma receita de ovos mexidos, haveria nesse caso, segundo ela, pouquíssima dificuldade. A autora cita ainda a questão do contexto em níveis de processo e transitividade, um exemplo é o verbo sugerir, que dependendo do contexto carrega significados distintos, por exemplo, se seu chefe sugere algo, há implicatura conversacional (significado não-literal) de que não seja uma sugestão, mas uma obrigação (algo que você não pode recusar), portanto, uma interjeição ou ordem do tipo: *faça isso!*, mas se seu amigo sugere algo, a implicatura é de que seja uma sugestão verdadeira (você pode aceitar ou recusar a sugestão) (EGGINS, 2004, p.9). Dessa forma, os significados gerados pelas escolhas léxico-gramaticas estão alicerçados em um contexto cultural e situacional.

Nossa habilidade de deduzir contexto do texto, para prever quando e como o uso da língua pode variar, e a ambiguidade da língua removida de seu contexto, fornece evidências de que ao perguntar questões funcionais sobre a língua devemos focar não só na língua, mas no uso da língua em contexto. (EGGINS, 2004, p.9, tradução nossa)⁴

Ao reconhecer que a língua opera em contexto, Halliday e Matthiessen (2014) desenvolvem uma teoria *ecológica* da linguagem, uma teoria na qual língua é sempre teorizada, descrita e analisada em um ambiente de significados⁵, em um habitat semiótico. Seguindo as ideias de Malinowski, Halliday afirma que o potencial contextual de uma comunidade é sua cultura, o que ele chamou de contexto de cultura, o que os membros de uma comunidade podem exprimir em termos culturais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p.33), trata-se das práticas mais amplas associadas a diferentes países e grupos étnicos, como também as práticas institucionalizadas em grupos sociais, como escola, a família, a igreja, a justiça etc. (FUZER; CABRAL, 2014). Enquanto que investigar todo potencial de uma cultura parece ser uma atividade intimidadora, segundo Halliday e Matthiessen (2014), é muito mais alcançável ou prático tentar mapear os domínios culturais na tentativa de identificar o registro que opera dentro dela, ou seja, o contexto de situação, o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando (FUZER; CABRAL, 2014). Para exemplificar contexto de cultura e contexto de situação, observe o diálogo a seguir:

- *Ontem esperei por 40 minutos o Roosevelt, ele é muito demorado.*

- *Verdade, e está sempre lotado, por isso que eu prefiro o Guajará.*

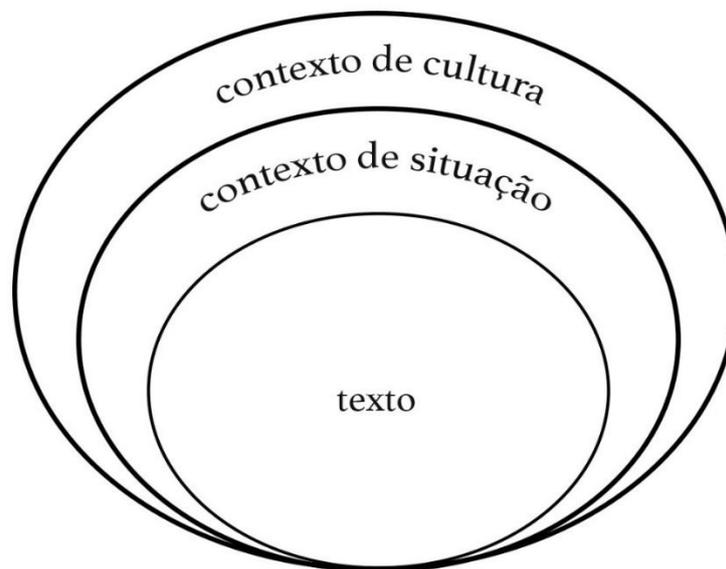
A primeira sentença pode oferecer uma interpretação ambígua, dependendo do contexto de situação, isso porque Roosevelt pode ser entendido como sendo o nome de um homem, no entanto para os moradores de Porto Velho, capital de Rondônia, Roosevelt é o nome de uma linha de ônibus muito conhecida, portanto, alguém que desconheça esse contexto (uma pessoa de outra cidade, por exemplo) poderá fazer uma outra leitura do enunciado. A interpretação do diálogo acima também poderia ser problemática caso a pessoa que tivesse que interpretá-lo não compartilhasse o mesmo contexto de cultural, ou

⁴ Our ability to deduce context from text, to predict when and how language use will vary, and the ambiguity of language removed from its context, provide evidence that in asking functional questions about language we must focus not just on language, but on language use in context.

⁵ "...an ecological theory of language – one in which is theorized, described and analysed within an environment of meanings..."

as práticas institucionalizadas pela sociedade brasileira à respeito das convenções relativas ao transporte público (onde os ônibus do sistema coletivo possuem placas de identificação com números ou às vezes nomes específicos, como Roosevelt). O contexto de cultura, associado ao contexto de situação é crucial para o entendimento do texto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) que está sempre inserido nesses dois contextos, como mostra a figura 2.

Figura 2 - Texto em contexto



Fonte: adaptação de Halliday e Matthiessen (2014)

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014) a língua é estruturada para fazer três tipos de significados (EGGINS, 2004 p.110), portanto há três variáveis do contexto de situação: campo, relações e modo.

- **Campo:** o que está ocorrendo na situação, a natureza da atividade social e semiótica, o assunto, o tópico. Abrange tanto a ação social em que o discurso se instaura (eventos, pessoas, objetos) quanto a configuração que a linguagem toma para fazer a representação (NEVES, 2018, p. 83).
- **Relações:** quem participa da situação, os papéis desempenhados por aqueles que tomam parte da atividade sociossemiótica. Os papéis sociométricos (afeto, tanto neutro quanto carregado, positivamente ou negativamente)
- **Modo:** qual o papel da linguagem e outros sistemas semióticos na situação; como por exemplo, a orientação do texto com relação ao campo (informativo, didático, explanatório etc.), as relações (persuasivas, exortativas, incitantes, polêmicas), o

compartilhamento entre os participantes (dialógico ou monológico), o canal (fônico ou gráfico, de improvisado ou preparado) e o meio (escrito ou oral).

Essas três variáveis contextuais estão relacionadas ao que Halliday chama de metafunções, ou seja, as funções que a linguagem desempenha:

Quadro 1 - Variáveis do contexto de situação e Metafunções da linguagem

Variáveis do contexto de situação		Metafunções da linguagem
Campo	←————→	Ideacional
Relações	←————→	Interpessoal
Modo	←————→	Textual

Fonte: adaptação de Halliday e Matthiessen (2014)

Os três modos de significado (ideacional, interpessoal e textual) operam simultaneamente em todas as orações. Cada metafunção representa um tipo de função na oração, e que é realizado por sistemas léxico-gramaticais específicos. O quadro a seguir traz um resumo desses conceitos.

Quadro 2 – Os tipos de metafunção

tipo de metafunção	função	sistema léxico-gramatical
Metafunção ideacional	oração como representação	transitividade
Metafunção interpessoal	oração como troca	<i>mood</i> e modalidade
Metafunção textual	oração como mensagem	estrutura temática (Tema e Rema)

Fonte: adaptação de Halliday e Matthiessen (2014)

1.2.2 Metafunção ideacional

Tem a função de representar padrões de experiência (IKEDA, SAPARAS, 2022); trata-se de usar a língua para falar sobre o mundo (THOMPSON, 1996), ou seja, a língua fornece uma teoria da experiência humana (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e reflete nossa visão de mundo. O conceito pode parecer óbvio, no entanto, é complexo, tendo em vista que o uso da língua não está de maneira direta ligada à uma realidade objetiva e incontestável, na verdade a língua serve como meio de moldar a experiência

humana no mundo (INGOLD,2017), um exemplo pode ser a percepção das cores, que é um fenômeno criado pelo cérebro por meio dos fotorreceptores, receptores sensoriais responsáveis pela visão; ou seja, usamos a língua para estabelecer a diferenciação e classificação das cores, algo que só faz sentido para um organismo vivo com células sensoriais sensíveis a luz, como o ser humano. Talvez, por esse motivo, a classificação e uso de termos relacionados a cores tenham sido problemáticos no decorrer da história da humanidade, porque eles refletem percepções sociolinguísticas de cada época; um exemplo é a ausência ou uso arbitrário da palavra azul em textos da antiguidade, como a *Íliada*, escrita no século IX a.c. pelo poeta grego Homero, fato que por centenas de anos intrigou intelectuais europeus alheios a questão de língua como uma ferramenta cultural que sofre mutações diacrônicas (DEUTSCHER, 2010).

A metafunção ideacional é realizada por duas funções: a função experimental que é responsável pela construção de um modelo de representação do mundo e a função lógica que é responsável pelas combinações de grupos lexicais e oracionais (FUZER; CABRAL, 2014, p.33); as funções lógica e experiencial nos permitem expressar significados ideacionais quando se transforma vida em texto (EGGINS, 2004, p. 256). De acordo com Ikeda e Saporas (2022) a experiência consiste em eventos – *acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se* e o principal sistema de escolha gramatical envolvido nesse tipo de significado é a transitividade (ou tipo de processo). Halliday e Matthiessen (2014) sugerem a classificação de três principais processos: *material, mental e relacional*, que se referem às ações ou eventos do mundo externo, à experiência interna da consciência e aos processos que classificam e identificam, respectivamente (IKEDA, SAPARAS, 2017). Além desses três processos, há também o processo comportamental, o verbal e o existencial. Na GSF os componentes da oração são processo, participantes e circunstância que explica como como fenômenos da experiência do mundo são construídos na estrutura linguística (FUZER; CABRAL, 2014). O quadro 3 traz alguns exemplos, os processos estão em negrito.

Quadro 3 - A transitividade na LSF

Tipos de processo	Exemplos
<p>Material Trata-se de um processo de <i>fazer</i> e por conta disso envolve essencialmente um <i>ator</i> (quem realiza a ação) e uma <i>meta</i> (um participante, quem recebe a ação do ator).</p>	<p>Pedro [ator] quebrou o copo [meta].</p>
<p>Mental Trata-se de um processo de <i>sentir</i>, portanto os participantes nesse caso são o <i>experenciador</i> (aquele em cuja mente o processo se realiza) e o <i>fenômeno</i> (o que é realizado pelo processo).</p>	<p>Pedro [experenciador] ouviu um barulho [fenômeno].</p>
<p>Relacional Trata-se de um processo de <i>ser, estar e ter</i>, e estabelecem uma relação entre dois conceitos. Os participantes são <i>portador</i> (a entidade que carrega o atributo) e o atributo.</p>	<p>Pedro [portador] é teimoso [atributo].</p>
<p>Comportamental Processo de atitudes fisiológicas humanas. A principal razão da existência desta categoria é a necessidade de se diferenciar os processos puramente mentais, daqueles que implicam sinais físicos.</p>	<p>Pedro [comportante] riu bem alto.</p>
<p>Verbal Processo do dizer. O dizente é o único participante obrigatório e pode ser humano ou humanizado. Os participantes opcionais são: o <i>receptor</i>, o <i>alvo</i> e a <i>verbiagem</i>.</p>	<p>Pedro [dizente] repetiu as ofensas [verbiagem].</p>
<p>Existencial Ocorre tipicamente com os verbos <i>haver, existir e ter</i> e geralmente não apresenta sujeito. O participante da oração é o <i>existente</i>.</p>	<p>Há pessoas pobres [existente] no bairro [circunstância].</p>

Fonte: Saparás e Ikeda (2017); Halliday e Matthiessen (2014); Thompson (2014); Fuzer e Cabral (2014)

1.2.3 Metafunção interpessoal

A língua é usada não só para representar experiências, ela permite também a interação entre as pessoas, pois a oração está organizada como um evento interativo (IKEDA, SAPARAS, 2022); pela linguagem é possível negociar relações e expressar opiniões e atitude (FUZER; CABRAL, 2014), a metafunção interpessoal tem a ver com o uso da língua para interagir com outras pessoas (THOMPSON, 1996), portanto, o eixo interpessoal, trata da troca no espaço semântico que é aberta entre o locutor e interlocutor (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 144). Se na metafunção ideacional o conceito-

chave é *interpretação da nossa experiência de mundo como significado*⁶, na metafunção interpessoal o conceito-chave pode ser explicado como sendo o *ato de pôr em prática papéis sociais e relações como significado* (M.I.M. MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 88).

Quando usamos a língua há sempre algo a mais acontecendo. Ao mesmo tempo que a língua gera interpretação, ela também está **pondo algo em prática**: pondo em prática nossas relações pessoais e sociais com as pessoas a nosso redor. A cláusula gramatical não é apenas um organismo que representa algum processo – processo de fazer, acontecer, dizer ou sentir, estar ou ter – junto com várias outras participantes e circunstâncias, ela também é uma proposição, ou uma proposta, por meio da qual informamos ou perguntamos, damos, pedimos ou fazemos uma oferta e expressamos nossa avaliatividade de uma atitude de quem quer estamos nos endereçando e sobre o que estamos falando. Esse tipo de significado é mais ativo: Se na função ideacional da gramática “língua é considerada como reflexo”, na metafunção interpessoal “língua é considerada como ação” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), p.30).⁷

As relações (*tenor*) de um texto podem ser associadas com a realização de significados interpessoais; esses significados interpessoais são realizados por meio dos padrões de *mood* e modalidade (EGGINS, 2004, p. 111). O sistema de *mood* é a gramaticalização do sistema semântico da função de fala (por meio de orações declarativa, interrogativas e imperativas), nas palavras de Halliday e Matthiessen (2014):

Mood é o principal sistema interpessoal da cláusula, ele fornece aos interagentes envolvidos no diálogo os recursos para oferecer ou exigir algo, informação ou bens e serviços; em outras palavras, recursos para pôr em prática as funções de fala (atos de fala) por meio da gramática da cláusula: declarativas (dar informação), interrogativas (solicitar informação), ofertas (oferecer bens e serviços) e imperativas (exigir bens e serviços) (HALLIDAY, 2014, p.97).⁸

⁶ “...the construal of our experience of the world as meaning”; “...the enactment of social roles and relationships as meaning.”

⁷ Whenever we use language there is always something else going on. While construing, language is always also **enacting**: enacting our personal and social relationships with the other people around us. The clause of the grammar is not only a figure, representing some process – some doing or happening, saying or sensing, being or having – together with its various participants and circumstances; it is also a proposition, or a proposal, whereby we inform or question, give and order or make an offer, and express our appraisal of an attitude towards whoever we are addressing and what we are talking about. This kind of meaning is more active: if the ideational function of the grammar is “language as reflection”, this is “language as action”. We call it the interpersonal metafunction... (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

⁸ MOOD is the major interpersonal system of the clause; it provides interactants involved in dialogue with the resources for giving or demanding a commodity, either information or goods-&-services – in other words, with the resources for enacting speech functions (speech acts) through the grammar of the clause: statements (giving information), questions (demanding information), offers (giving goods-&- services), and commands (demanding goods-&- services) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Ou seja, a gramática da interação é vista por uma perspectiva semântica, pois quando usamos a língua para interagir, uma das coisas que fazemos com ela é estabelecer uma relação entre nós: entre a pessoa que fala agora e a pessoa que irá provavelmente falar em seguida; para estabelecer essa relação toma-se turnos de fala (EGGINS, 2004, p.144).⁹

A modalidade refere-se à série de significados disponíveis entre os polos *sim* e *não* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). De acordo com Fuzer e Cabral (2014) a modalidade é um recurso interpessoal utilizado para expressar significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus. Refere-se a como os falantes e escritores assumem uma posição, expressam uma opinião ou ponto de vista ou fazem um julgamento. A modalidade se desmembra em dois tipos: Modalização e Modulação.

Modalização: A modalização ou modalidade epistêmica ocorre em proposições ou informações e refere-se aos *valores de certeza*; logo as informações podem ser expressas em graus de probabilidade ou usualidade/ frequência, exemplos:

*O cãozinho **pode** estar sofrendo maus-tratos.* (probabilidade)

***Raramente** ela sai de casa à noite.* (frequência)

Esses significados epistêmicos podem ser expressos por diversos recursos léxico-gramaticais, como verbos modais (pode, deve), adjuntos modais (possivelmente, talvez certamente, seguramente, usualmente, frequentemente, sempre, normalmente, raramente, ocasionalmente, eventualmente), grupos adverbiais (sem dúvida, com certeza, às vezes, com frequência) e expressões como *é possível, é provável, é certo, é costume* (FUZER; CABRAL, 2014, p.114).

Modulação: A modulação ou modalidade deontica ocorre em propostas (ofertas e comandos). Em comandos há graus de *obrigação* e em ofertas há graus de *inclinação* (FUZER; CABRAL, 2014), exemplos:

*O governo **deve** resolver esse problema.* (obrigação)

***Quero** meu chá com um pouco de açúcar.* (inclinação)

⁹ ...the grammar of interaction from a semantic perspective. He points out that whenever we use language to interact, one of the things we are doing with it is establishing a relationship between us: between the person speaking now and the person who will probably speak next. To establish this relationship, we take turns at speaking.

De maneira resumida, os tipos de modalidade podem ser esquematizados da seguinte forma:

Quadro 4 - Tipos de modalidade

MODALIDADE	
Modalização	Modulação
probabilidade	obrigação
usualidade	inclinação

Fonte: Halliday e Matthiessen (2014)

Ainda na metafunção interpessoal há os epítetos atitudinais que são chamados em inglês de *Appraisal*, traduzido por Avaliatividade; por questão de estruturação textual o tema será abordado adiante.

1.2.4 Metafunção textual

Na metafunção textual, todas as outras metafunções são englobadas, sendo que o discurso se torna possível porque o emissor pode produzir um texto, e o ouvinte ou leitor pode reconhecê-lo (NEVES, 2018), ou seja, a metafunção textual organiza os significados ideacionais e interpessoais de uma oração (IKEDA, SAPARAS, 2022) em um determinado contexto. De acordo com Thompson (1996), a repetição, conjunção e tematização são as três principais maneiras nas quais os significados textuais são construídos em um texto, o autor explica a noção de estrutura temática por meio da seguinte frase:

Por séculos, canários amarelos têm sido usados para "testar" a qualidade do ar na mineração.

Segundo Thompson (1996) os componentes dessa frase podem ser reordenados de várias maneiras, algumas delas são:

Canários amarelos têm sido usados para "testar" a qualidade do ar na mineração por séculos.

Na mineração, canários amarelos têm sido usados para "testar" a qualidade do ar por séculos.

Para "testar" a qualidade do ar na mineração, canários amarelos têm sido usados por séculos.

Thompson (1996) aponta que todas as frases foram manipuladas para que houvesse um ponto de vista diferente, e isso foi possível porque um Tema diferente foi escolhido. Seguindo a terminologia dos linguistas da escola de Praga, o tema é, portanto, o primeiro constituinte da cláusula e o Rema o restante da cláusula. Embora todas as frases são sobre o mesmo assunto, elas produzem significados diferentes, pois os Temas são pontos de partida da mensagem, que orientam a cláusula dentro de um contexto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p.89)¹⁰.

1.3 Sistema de avaliatividade

A metafunção interpessoal tem sido enfoque de muitos estudos linguísticos e recebido muitas contribuições; uma delas é a avaliatividade (*appraisal*), desenvolvida pelos professores James Robert Martin e Peter R. R. White (2007). A teoria do sistema de avaliatividade se concentra em explicar como o falante/escritor constrói significados dentro do texto que produz, ou seja, refere-se a uma coleção de recursos semânticos para negociar emoções, julgamento e apreciação (IKEDA, SAPARAS, 2017). Essa teoria tem como objetivo analisar como a atitude / mensagem do emissor é expressa e quais os mecanismos utilizados para alinhá-la aos valores e crenças socialmente construídos (as relações sociais que são invocadas no discurso), em outras palavras a avaliatividade tem como objetivo sistematizar os mecanismos de avaliação na linguagem; os tipos de atitudes que são negociadas em um texto, a força dos sentimentos envolvidos e os modos pelos quais, valores são obtidos e os leitores alinhados (MARTIN; ROSE, 2007, p. 25). Em síntese, o sistema de avaliatividade possibilita mostrar se uma palavra ou frase inteira carrega um viés positivo ou negativo para o avaliador (IKEDA, SAPARAS, 2017).

Ele (o sistema de avaliatividade) preocupa-se com a construção por textos de comunidades que tenham sentimentos e valores compartilhados e mecanismos linguísticos para o compartilhamento de emoções, preferências e apreciações normativas. O sistema de avaliatividade preocupa-se em entender como o falante / escritor constrói significado para si mesmo, na sua imagem particular percebida pelos outros, em como se ajusta ou desajusta com seus respondentes

¹⁰ The Theme is the element that serves as the point of departure of the message; it is that which locates and orients the clause within its context.

reais ou potenciais e também em como é construído no texto mecanismos para o público real ou pretendido. (MARTIN; WHITE, 2005, p.1).¹¹

O sistema de avaliabilidade é ramificado em três subsistemas / dimensões semânticas: (atitude, engajamento e gradação).

1.3.1 Atitude

São recursos graduáveis para a avaliação de pessoas, lugares e coisas de nossa experiência (IKEDA, SAPARAS. 2017). Diz respeito a nossos sentimentos, incluindo as reações emocionais, julgamentos de comportamento e avaliação das coisas (MARTIN; WHITE, 2005, p.35).

A atitude é subdividida em três dimensões do sentimento: afeto, julgamento e apreciação.

- (1) Afeto: A dimensão emotiva do significado; recursos para expressar estados emocionais positivos ou negativos. Se o falante / escritor sente-se feliz ou triste, confiante ou ansioso, interessado ou entediado (MARTIN; WHITE, 2005, p.35).
- (2) Julgamento: Recursos para expressar comportamento relativo aos princípios normativos da conduta ética (o certo e o errado, admirar ou criticar, exaltar ou condenar) (MARTIN; WHITE, 2005, p.35).
- (3) Apreciação: Recursos para expressar o valor das coisas, incluindo fenômenos naturais e semiose (MARTIN; WHITE, 2005, p.36), em outras palavras a apreciação constrói a qualidade estética dos processos semióticos do texto, dos fenômenos naturais (notável, desejável, harmonioso, elegante, inovador etc.) (IKEDA, SAPARAS. 2017).

1.3.2 Engajamento

O engajamento é conjunto de recursos que capacita o escritor/falante a tomar uma posição sobre determinado assunto (IKEDA, SAPARAS, 2017, p.79). O compromisso ou

¹¹ it is concerned with the construction by texts of communities of shared feelings and values, and with the linguistic mechanics for the sharing of emotions, tastes and normative assessments. It is concerned with how writers/ speakers construe for themselves particular authorial identities or personae, with how they align or disalign themselves with actual or potential respondents, and with how they construct for their texts an intended or ideal audience.

engajamento do escritor/falante pode ser realizado sob a forma de discurso monoglóssico ou heteroglóssico. O discurso monoglóssico tem característica impositiva, nele não há negociação com o interlocutor; quem fala se envolve muito no que diz, não dando espaço para que ninguém possa contradizer ou rebater a opinião proferida ou escrita, já no discurso heteroglóssico há possibilidade de negociar com o interlocutor; admite-se outras opiniões e outros pontos de vista. O discurso monoglóssico e o discurso heteroglóssico podem ser produzidos, por exemplo, por meio de recursos, tais como *citação* ou *relatos* (MARTIN; WHITE, 2005, p.36).

1.3.3 Gradação

A gradação envolve força (em maior ou menor intensidade da avaliação) e foco (que aguça ou suaviza a avaliação).

O quadro 5 apresenta uma síntese das três dimensões do sentimento na avaliatividade.

Quadro 5 - Panorama geral dos recursos do sistema de avaliatividade

monoglóssico / heteroglóssico	juízo, afeto e apreciação	força e foco
ENGAJAMENTO	ATITUDE	GRADAÇÃO

Fonte: Martin; White (2005)

1.4 Multimodalidade

O linguista genebrino Ferdinand de Saussure definiu semiótica como sendo *a ciência que estuda a vida dos signos*, ou seja, para ele o signo é peça chave na acepção de semiótica. No entanto, a partir das ideias de Halliday e Matthiessen (2014) inicia-se uma expansão e readequação desses conceitos, era o início da chamada Semiótica Social (SS), na qual o enfoque deve ser no termo "recurso" ao invés de signo, para evitar a impressão que signo seja algo pré-estipulado e de que não seja algo afetado pelo uso (VAN LEEUWEN, 2005). Essa postura dos estudiosos da Semiótica Social, quer deixar claro que os recursos semióticos são as ações e artefatos usados para comunicar, sendo que a gramática de uma língua não é um código, nem um conjunto de regras para produzir sentenças corretas, mas um *recurso para fazer significados* (HALLIDAY, 2012).

(esses recursos) tanto podem ser produzidos fisiologicamente, com nosso aparelho fonador; com os músculos que usamos para fazer as expressões faciais e gestos etc. como também por meio de tecnologias: com a caneta, a tinta e o papel; com o *hardware* e o *software* do computador; com tecidos, tesouras e máquinas de costurar etc. (VANLEEUVEN, 2005, p.3)¹²

Sendo assim o signo na SS não é visto como estando separado do meio social. Outro ponto, é o de que a circulação e a produção social dos textos são inerentemente realizadas por diversas modalidades, ou seja, sempre envolveram duas ou mais modalidades de comunicação (a chamada multimodalidade) e o modo de fazer ou mesmo ler texto muda no decorrer da história (RIBEIRO, 2016, p.30), pois como já foi dito, o texto é um recurso produzido no meio social, um retrato das mutações das semioses sociais e que por consequência disso é adaptado para suprir necessidades sociais específicas de um determinado período ou momento na história, um exemplo disso foi o chamado *scriptio continua* (termo latino para *escrita contínua*), quando o texto é escrito sem o uso de espaços. Esse sistema de escrita era muito comum em textos de povos da antiguidade; tais textos não eram só escritos sem os espaços entre as palavras; não havia também o uso de maiúscula e minúscula ou pontuação (SAENGER, 1997); um exemplo é o epitáfio na figura 3 curiosamente feito para homenagear um animal de estimação (uma cadela chamada Myia). A placa de mármore foi encontrada na comuna francesa de Auch, antiga cidade galo-romana, conhecida na antiguidade por Augusta Auscorum.

Figura 3 - Exemplo de *scriptio continua*



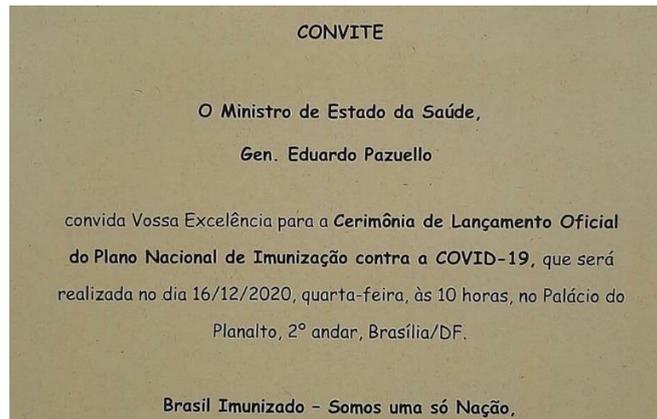
Fonte: Fuzeau, 2019¹³

¹² ...whether they are produced physiologically – with our vocal apparatus; with the muscles we use to create facial expressions and gestures etc. – or by means of technologies – with pen, ink and paper; with computer hardware and software; with fabrics, scissors and sewing machines etc.

¹³ FUZEAU, Philippe. *Le chien: un "gardien muet" à qui l'homme peut donner un nom*. In: Odysseum. eduscol.education.fr. Pau, 10 dez. 2019. Disponível: <https://eduscol.education.fr/odysseum/le-chien-un-gardien-muet-qui-lhomme-peut-donner-un-nom>. Acesso em: 20 mar. 2023

A razão para o *scriptio continua* ter sido um método comum de escrita pode estar relacionada com os hábitos de leitura naquela época, quando o texto era geralmente lido em voz alta, pois não era comum a leitura silenciosa, que surge apenas na idade média, a partir do século nove, quando monges copistas nas chamadas *scriptoria* (salas em monastérios europeus onde eram produzidos livros) foram obrigados por regulamento da igreja a permanecerem em absoluto silêncio (MANGUEL, 1997). A leitura silenciosa exige de quem lê uma maior concentração, e a partir desse momento os monges começam a adaptar o texto para ajustar a uma necessidade específica dentro do monastério, ou seja, por exigências de um regulamento, hábitos tiveram que ser alterados e essas modificações foram levadas para a estrutura textual, que agora precisava de novos componentes para se adequar com mais facilidade ao uso naquele determinado contexto: espaçamento entre as palavras, vírgula e pontuação. Essas modificações permanecem até hoje e evidenciam uma característica social inerente de qualquer texto, pois o texto não existe *per se*, ele existe como uma manifestação transformada por quem o lê, e o manipula, ele é um reflexo das demandas ou traços culturais de uma sociedade. Um exemplo disso, pode ser observado na controvérsia causada por um documento assinado por Eduardo Pazuello, ex-ministro da Saúde no governo Bolsonaro; tratava-se de um convite aos secretários de saúde para o lançamento do Plano Nacional de Imunização contra a Covid – 19, o documento teve grande repercussão nas redes sociais, pois sinalizava o início da vacinação contra uma doença que já tinha matado quase 200 mil brasileiros, até o final de 2020. Apesar de ser um documento esperado com anseio pela sociedade ele acabou se tornando uma piada na internet, pois foi escrito com a fonte Comic Sans, que como o próprio nome demonstra (*comic* = cômico), seria inapropriada para um documento oficial, ainda mais sobre um tema tão sério. A explicação talvez esteja no fato de que na cultura contemporânea a fonte Comic Sans é geralmente associada a histórias em quadrinhos ou cartilhas infantis de alfabetização, o uso da fonte acabou gerando ainda mais desconfiança por parte de muitos internautas em um governo que frequentemente foi acusado pela mídia de desmandos no enfrentamento à Covid – 19 e por vários episódios que deixavam evidente o negacionismo por parte do presidente da república à época.

Figura 4 - Convite para evento do Ministério da Saúde



Fonte: Ministério da Saúde / Governo Federal, 2020

A multimodalidade não é, portanto, uma teoria, mas uma característica inerente a qualquer texto, pois o texto possui sempre mais de um modo semiótico, ou seja, recursos semióticos que permitem a realização simultânea de discursos e tipos de (inter)ação (KRESS; VAN LEEUWEN, 2011). De acordo com Kress e van Leeuwen (2006) as sociedades humanas usam uma variedade de modos de representação, e cada modo tem potenciais representacionais diferentes para a produção de sentido, sendo igualmente complexos e ao mesmo tempo plurais e nunca autônomos em sua composição. Mesmo um texto falado nunca é somente verbal.

...Um texto falado é também visual, pois combina outros modos como a expressão facial, gestos, postura e outras formas de auto apresentação. Um texto escrito também envolve mais de uma linguagem, pois é escrito em algo, em algum material (papel, madeira, couro, pedra, metal etc.) e escrito com algo (ouro, tinta, goiva (gravuras), pontos de tinta); ou mesmo com fontes específicas, e isso tudo é influenciado por concepções estéticas, psicológicas e pragmáticas (da sociedade) ... (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.41)¹⁴

Ainda assim, a multimodalidade dos textos escritos tem sido de maneira geral ignorada em contextos educacionais, mas que aos poucos está sendo notada devido a era dos avanços tecnológicos contemporâneos (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.41).¹⁵

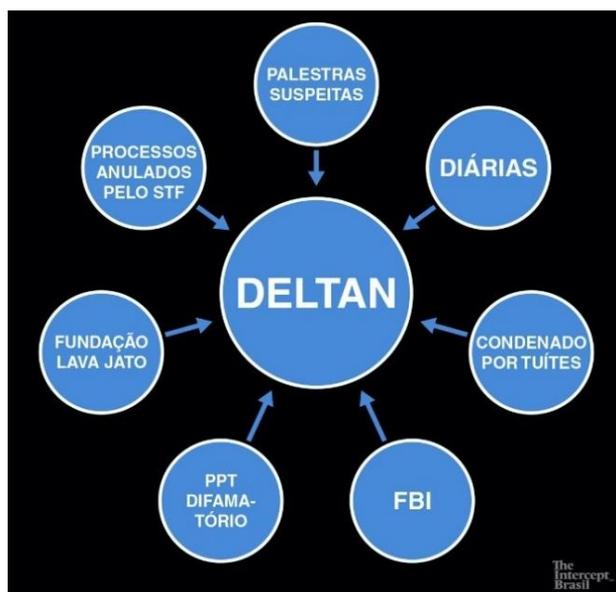
¹⁴ A spoken text is never just verbal, but also visual, combining with modes such as facial expression, gesture, posture and other forms of self-presentation. A written text, similarly, involves more than language: it is written on something, on some material (paper, wood, vellum, stone, metal, rock etc.) and it is written with something (gold, ink, (en)gravings, dots of paint etc.); with letters formed as types of font, influenced by aesthetic, psychological, pragmatic and other considerations.

¹⁵ Much of the cohesive work that used to be done by language is now realised, not through linguistic resources, but through layout, colour and typography.

Apesar dos textos teóricos que tratam das multimodalidades com frequência trazerem correlações com a cultura digital e sociedade de informação, o hibridismo na linguagem muito comum nos tempos atuais, não é algo novo, pelo contrário, o texto nasce multimodal e isso pode ser observado nos primórdios da escrita. Em 1799, durante a invasão francesa ao Egito, uma pedra com um texto em escrita hieroglífica foi encontrada por soldados, a pedra de Roseta, como ficou conhecida, trazia à tona uma língua incompressível tendo sido extinta há milhares de anos, logo dezenas de intelectuais de diversos países se debruçaram sobre ela na tentativa de decifrá-la. O professor francês Jean-François Champollion suspeitava que os hieróglifos poderiam ser lidos foneticamente, ao perceber que algumas palavras estavam circundadas ele resolveu limitar sua pesquisa a esse componente pictórico do texto; já se sabia naquela época da importância e o título de nobreza de um faraó para sociedade egípcia da antiguidade, que considerava seu dirigente como tendo o mesmo estatuto de um deus na terra, e que por isso, Champollion acreditava que se houvesse o nome de um faraó inscrito na pedra, esse nome deveria ter tido algum tipo de destaque no corpo do texto. Tendo essa hipótese como ponto de partida, Champollion conseguiu facilmente decifrar não só os nomes dos faraós, mas todo o conteúdo gravado na pedra de Roseta (P. ALLEN, 2010). O motivo do êxito de Champollion talvez esteja no fato que ele estudou o texto como um produto multimodal daquela determinada sociedade, não desassociando daquele corpo textual componentes pictóricos que tinham uma razão pragmática de estarem ali.

Voltando aos dias atuais, tem-se constatado cada vez mais que o contexto tecnológico atual traz novas características ao texto, muito do trabalho coesivo que antes costumava ser realizado exclusivamente com recursos linguísticos hoje é realizado pelo *layout*, a cor e a tipografia. A mensagem não é mais expressa apenas linguisticamente, mas também por uma gama de arranjos visuais (VAN LEEUWEN, 2006).¹⁶ Em muitos textos contemporâneos a construção do significado é estabelecida pela mistura entre elementos visuais e verbais. Um exemplo é a ilustração a seguir (figura 5). Esquemas desse tipo são facilmente encontrados em apresentação de slides. A imagem em questão foi desenvolvida pelo jornal *The Intercept Brasil* para uma reportagem que apontava possíveis transgressões cometidas pelo ex-procurador Deltan Dallagnol.

Figura 5 - Powerpoint para Deltan



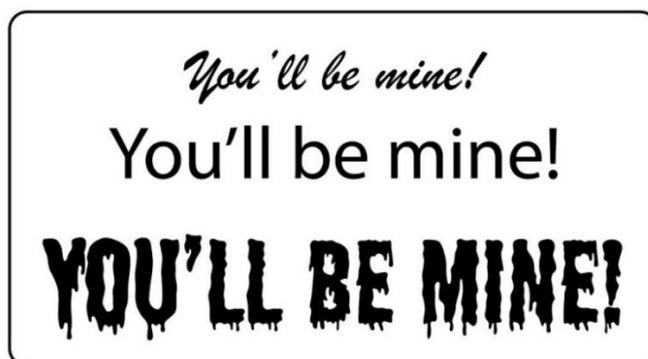
Fonte: The Intercept Brasil, 2022

Na imagem o processo é realizado visualmente e os participantes são realizados verbalmente. A seta, que realiza o processo visualmente, substitui verbos como: fazer, receber etc. Nesse caso, a ilustração poderia ser parafraseada com frases do tipo: *Palestras suspeitas foram feitas por Deltan; diárias foram recebidas por Deltan* etc. O conteúdo lexical dos participantes é realizado verbalmente, por meio de grupos nominais. Ou seja, há nesse caso uma convergência de modos, pois a gramática é visual e o léxico é verbal. Portanto, as imagens não são ornamentos do texto escrito, pois elas (as imagens) têm grande potencial para gerar significado, tanto quanto textos escritos (VAN LEEUWEN, 2006).

Bellantoni e Woolman (2000) argumentam que o design é também informação. Elementos gráficos, como a tipografia, por exemplo, já não é mais uma arte abstrata, a própria palavra tem agora dois níveis de significado, a *palavra-imagem*, a ideia representada pela própria palavra, construída com letras encordoadas, e a *imagem tipográfica*, a impressão holística visual¹⁷(VAN LEEUWEN, 2006). Um exemplo é a figura 6, a fonte pode mudar o significado do enunciado, pois cada uma expressa atitudes e sentimentos diferentes.

¹⁷ the printed word has two levels of meaning, the 'word image', i.e. the idea represented by the word itself, constructed from a string of letters, and the 'typographic image', the 'holistic visual impression.

Figura 6 - Tipografia como forma de comunicação



Fonte: autor, baseado em van Leeuwen (2006)

1.4.1 Revolução digital, Multimodalidade e sala de aula

Esse tipo de uso da tipografia como uma forma de comunicação não está mais restrito aos designers profissionais, trata-se de um fenômeno que pode ser observado em todo lugar, pois hoje o acesso a processadores de textos é mais democrático. A tecnologia trouxe, dentro outras coisas, uma emancipação quanto ao vínculo social em relação ao texto que já não é mais puramente linguístico, ele é altamente multissemiótico. Se antes o texto era algo linear e que geralmente já vinha pronto sem poucas chances de ser remixado, hoje, na sociedade pós-tipográfica, ele se tornou muito mais alienar e dinâmico (DUBOC, 2015). Pois agora quem lê pode ser leitor e autor ao mesmo tempo, o que Rojo (2003) chamou de sujeito *lautor* (amálgama de **leitor** + **autor**).

O meme é um caso emblemático nessa questão, pois ele é um exemplo típico da chamada transtextualidade, quando um texto-fonte é reinventado, alterado ou adaptado por meio de práticas como o remix e *mashup*¹⁸ (BUZATO et al., 2013). Esse tipo de fenômeno já existia nos tempos analógicos, mas hoje, por conta das facilidades de edição, montagem e agilidade na circulação de acervos midiáticos tudo ficou mais dinâmico e fácil. Ou seja, quem lê memes também pode muitas vezes criá-los com ferramentas acessíveis na própria internet.¹⁹

¹⁸ Remix e *mashup* podem ser caracterizados como sendo produtos da cultura digital, ou seja, produtos de práticas de montagem, sampleagem (copiar e colar) e colagem que objetivam a criação de algo novo (SONVILLA-WEISS; 2010). A diferença entre ambos é que o remix é feito tendo como base uma obra original, já o *mashup* combina elementos de fontes variadas.

¹⁹Em sites como: imgflip.com/memegenerator e iloveimg.com/meme-generator é possível criar memes de maneira simples e rápida.

A leitura e produção de textos visuais, como o meme, tornou-se protagonista na contemporaneidade. Sendo necessário, portanto, que o letramento multimodal, com textos do ciberespaço, esteja também na sala de aula, pois esses textos são parte fundamental das leituras diárias na vida cotidiana.

O meme ou qualquer outro tipo de texto multimodal pode estar na sala de aula de várias formas. Uma delas pode ser pelo aspecto emocional e engajamento presente em momentos introdutórios da aula, que por sua vez estão previstos em sequenciamentos didáticos do tipo ESA (*Engage, Study, Activate*) (HARMER, 1998). Segue uma explicação breve sobre os três elementos sequenciadores de aula:

- 1) Engage: despertar o interesse do aluno para a aula (a leitura de um meme sobre o tema, por exemplo);
- 2) Study: estudar a língua e sua construção (a análise de um tópico gramatical, por exemplo);
- 3) Activate: usar a língua em uma situação (uma espécie de ensaio para o mundo real, é o caso de atividades como role-play, por exemplo).

O *engage*, portanto, pode se tratar de um momento inicial da aula, ou não na qual o professor engaja, estimula ou envolve (*engage*) os alunos para a aprendizagem. Apesar de parecer em primeiro momento um atraso para o fluxo normal da aula, o *engage* é na verdade uma atividade extremamente relevante, pois trabalha com o emocional do aluno, que muitas vezes já chega na sala de aula com vários bloqueios, que nem sempre são linguísticos: cansaço, estresse, desinteresse etc. Há várias formas de se fazer um *engage*, perguntas introdutórias sobre o tópico da aula, por exemplo, podem ser uma atividade pertinente para engajar os alunos, mas levando em consideração a presença tão onipresente das telas e textos multimodais no cotidiano do alunado, o meme pode ser uma opção plausível. Por ser um gênero extremamente popular e massivo, é possível encontrar milhares de memes na internet sobre os mais variados temas e tópicos. O quadro abaixo mostra essa variedade.

Quadro 6 - Meme como atividade de *engage*

 <p>WE DON'T EAT EGGS, MEAT, FISH, DAIRY, OR GLUTEN. WHAT WOULD YOU RECOMMEND?</p> <p>A TAXI.</p>	 <p>"WHERE DO YOU SEE YOURSELF IN FIVE YEARS?"</p> <p>"I WOULD SAY MY BIGGEST WEAKNESS IS LISTENING."</p>	<p>When everyone keeps saying "Stay strong" after break up</p> 
<p>Atividade de <i>engage</i> para uma aula sobre comida.</p>	<p>Atividade de <i>engage</i> para uma aula sobre mercado de trabalho.</p>	<p>Atividade de <i>engage</i> para uma aula sobre relacionamentos amorosos.</p>

Fonte: br.pinterest.com/pin/432486370472282079/; imgflip.com/meme/91824313/job-interview; sayingimages.com/break-up-meme

Piadas verbo-visuais como as do quadro 6 podem se tornar excelentes recursos didáticos. Pois podem facilmente provocar discussões sobre questões sociais e culturais ou simplesmente e apenas fazer rir, melhorando o filtro afetivo (KRASHEN, 1981)²⁰ do aprendiz. Mas não só isso, ao rir de um meme quem lê sente-se como se estivesse fazendo parte daquele grupo (MCCULLOCH, 2019), há um sentimento de pertencimento e isso é importante para manter a autoestima dos alunos no processo de aprendizagem, que por vezes pode ser exaustivo e monótono.

Por ser um produto de massa, produzido sem nenhum filtro ético, o professor precisa estar atento quanto a mensagem presente no meme, pois muitos podem conter mensagens de ódio e intolerância. Em alguns casos essas mensagens podem estar explicitamente no texto, mas em outros as mensagens estão na subjacência e na parte imagética. O quadro 7 apresenta dois memes que, apesar de parecerem, de certa maneira ingênuos à primeira vista, apresentam ideias racistas na subjacência.

²⁰ A hipótese do filtro afetivo (KRASHEN, 1981) diz respeito a um bloqueio mental que impede os aprendizes de utilizarem o insumo (*input*) de maneira efetiva na aprendizagem de língua adicional. Ou seja, o filtro será alto se o aluno estiver ansioso, desmotivado, indiferente ou com qualquer outro tipo de atitude negativa que possa interferir no recebimento do conteúdo.

Quadro 7 - Memes controversos



Fonte: makeameme.org/meme/free-watermelon-chicken, acessado em fevereiro de 2022

O meme (a) traz um estereótipo racista, que associa alimentos como a melancia como sendo uma fruta de grande preferência por parte de afro-americanos. O assunto pode parecer banal, mas tem raízes em um passado escravocrata e racista que ainda causa impacto em aspectos socioculturais dos Estados Unidos (BLACK, 2018)²¹. O meme (b) também pode ser considerado controverso, porque traz duas interpretações com relação ao termo cracker, que tanto pode ser o biscoito de creme salgado (conhecido no Brasil por *creme-craque*) quanto uma palavra de cunho pejorativo para se referir a pessoas brancas nos Estados Unidos (DENHAM, 1993).

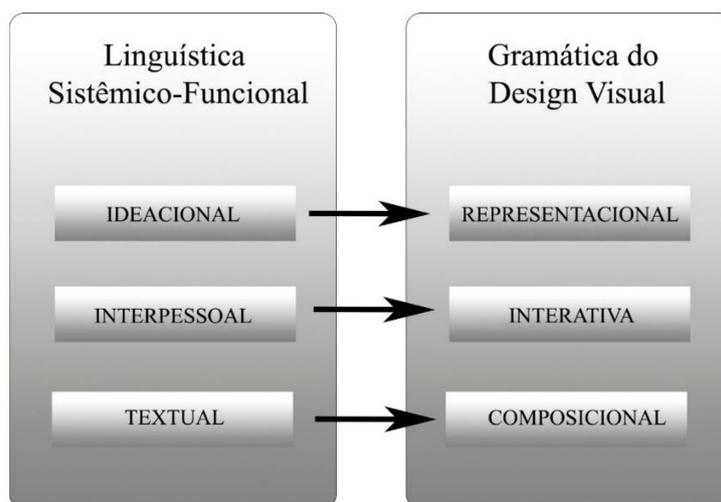
O professor precisa estar atento quanto as questões linguísticas e culturais, ao coletar memes para o trabalho em sala de aula. Pois mesmo não sendo ofensivos para a cultura brasileira, como no caso dos memes do quadro 7, o uso de memes desse tipo podem de certa maneira mostrar um desinteresse do professor a respeito da cultura na qual a língua está imbricada, o que compromete a importância de entender a língua como prática social.

²¹ Esse estereótipo racista tem conexão com o período escravagista e a guerra civil nos Estados Unidos. Naquela época um número expressivo de agricultores negros cultivava a melancia como fonte de renda e com o fim da guerra civil o cultivo da melancia representou a emancipação econômica dessas pessoas. Essa emancipação representou para muitos brancos, na época, uma ameaça a hegemonia econômica e política da branquitude estadunidense, logo a mídia começou a associar a melancia com ideias inferiorizantes como: ignorância, falta de higiene e indolência (BLACK, 2018).

1.4.2 Gramática do Design Visual

Tendo em vista o fim da hegemonia de textos monomodais na cultura contemporânea, e o surgimento de uma relação com o texto muito mais multimodal, onde os significados são com frequência realizados por múltiplos modos. Os autores Kress e van Leeuwen (2006), inspirados pelos aportes da GSF, propõem um método de análise de imagens, na qual os recursos *gramaticais* nas imagens sejam relacionados com as metafunções ideacional, interpessoal e textual.

Figura 7 – Equivalência entre a GSF e a GDV



Fonte: Autor. Adaptado de Silva e Almeida (2018)

Na metafunção ideacional a função da língua é construir representações sobre o que está ocorrendo no mundo (ou nas mentes humanas) os sistemas linguísticos que realizam a metafunção ideacional são o léxico e a gramática da transitividade. Na imagem essa função é realizada por certos aspectos composicionais e por sistemas de vetorialidade. Na GDV essa função é chamada de função representacional.

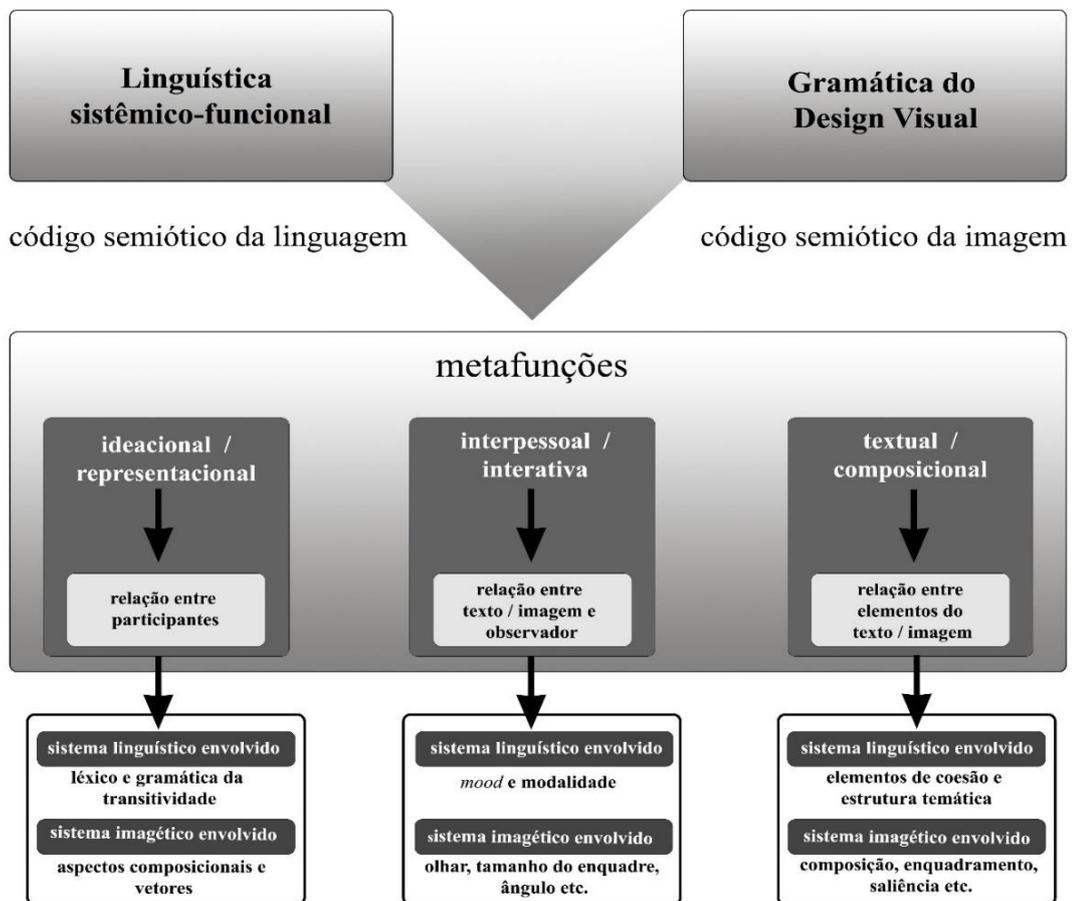
Na metafunção interpessoal a função da língua é estabelecer relações e expressar atitudes para o que está sendo representado. Essa metafunção é realizada linguisticamente pela gramática do *mood*, que permite ao falante fazer declarações e perguntas etc. Na imagem essa metafunção é realizada pelo olhar, tamanho do enquadre e ângulo. Na GDV essa função é chamada de função interativa.

A metafunção textual permite o uso da língua para juntar representações individuais com interações na obtenção de textos coerentes e eventos comunicativos.

Linguisticamente isso pode ser feito pela coesão, estrutura temática etc. Na imagem essa metafunção é realizada por meios de sistemas de composição, enquadramento e saliência. Na GDV essa função é chamada de função composicional.

O esquema a seguir (figura 8) sintetiza as correlações entre a metafunções da GDV com a os recursos gramaticais nas imagens.

Figura 8 - Metafunções na LSF e GDV



Fonte: Autor. Adaptado de Fernandes (2019)

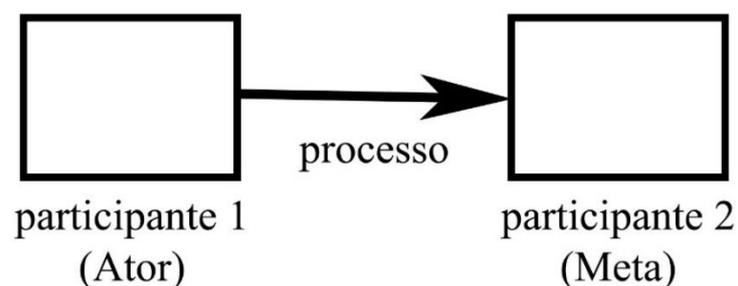
1.4.2.1 Função representacional

Kress e Leeuwen (2006) propõem um paralelo entre os dois tipos de texto, ou dois modos semióticos (visual e escrito), o com palavras e o com imagens, apesar de ambos terem suas peculiaridades, também têm relações semânticas similares. O que linguisticamente é realizado por verbos de ação, visualmente é realizado por elementos

chamados de vetores. O que na língua é realizado por preposições locativas, visualmente é realizado por características formais que criam o contraste entre cenário de fundo e cenário da frente (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.56). Apesar disso, os autores não inferem que imagens e diagramas trabalham da mesma forma que a língua; mas que eles *dizem* algumas das mesmas coisas, de maneiras diferentes. Ou seja, os processos na linguagem (verbal, mental, textual etc.) são diferentes dos processos no estudo de imagens.

Na LSF o modo semiótico para representar a experiência humana no mundo é a metafunção ideacional, que é realizada por meio da transitividade tendo como foco os processos, que na linguagem é realizado pelo do grupo verbal e os participantes do processo estão no grupo nominal; exemplo: *A GDV* (grupo nominal) *surgiu* (grupo verbal) *da LSF* (grupo nominal). Visualmente, o vetor (a linha de ação) é o realizador do processo, ou seja, o envolvimento ou processo de interação de dois objetos é feito pelo vetor. Quando participantes são conectados por um vetor, eles estão representando uma ação, e esses padrões vetoriais são chamados de *padrões narrativos*²²(KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.59). A figura 9 demonstra um processo de ação transacional, ou seja, tem dois participantes, um participante (*Ator*) que realiza a ação (que é representada pela flecha) e outro participante (*Meta*) que recebe a ação:

Figura 9 - Processo de ação transacional unidirecional

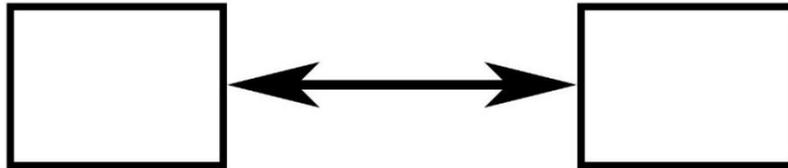


Fonte: Kress; van Leeuwen (2006)

²² When participants are connected by a vector, they are represented as doing something to or for each other. From here on we will call such vectorial patterns narrative.

O processo de ação transacional, também pode ser bidirecional, como demonstrado na figura 10. Nesse tipo de ação, cada participante faz o papel de ator. Para indicar o papel duplo dos participantes, eles são chamados de interagentes (*interactors*) (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

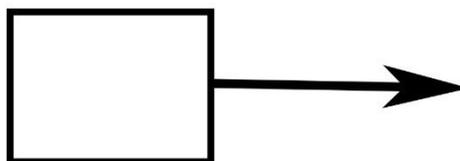
Figura 10 - Representação visual do processo de ação bidirecional



Fonte: Kress; van Leeuwen (2006)

O processo de ação também pode ser do tipo não-transacional, ou seja, quando imagens ou diagramas têm apenas um participante (um Ator), de onde sai um vetor, mas não aponta para nenhum outro participante (figura 11). Esse processo é análogo ao verbo intransitivo na língua, ou seja, quando o verbo não precisa de um objeto. Essa representação visual é muito parecida com a forma na qual fenômenos meteorológicos são representados em língua inglesa (*it rains* ou *it snows*)²³ (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

Figura 11 - Processo de ação não-transacional unidirecional

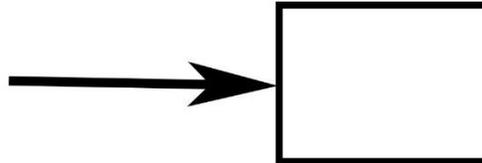


Fonte: Kress; van Leeuwen (2006)

²³ This visual representation is a kin to the way meteorological processes are represented in English; it rains, or it snows.

Outra forma de processo de ação unidirecional pode ser observada na figura 12. Nesse caso, o participante (Meta) sofre uma ação, no entanto, o Ator não é visível nessa imagem. Kress e van Leeuwen (2006) chamam tipos de ação como esse de Eventos, uma ação está sendo feito a alguém, mas não se pode ver quem ou o que faz essa ação acontecer (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

Figura 12 - Ator não visível em ação não-transacional unidirecional



Fonte: Kress; van Leeuwen (2006)

O processo também pode ser reacional, ou seja, o vetor é formado por uma linha de olhar, pela direção do olhar fixo de um ou mais participantes representados²⁴ (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006); nesse processo quem olha deve ser necessariamente um humano, ou algo com característica antropomórfica, esse participante que olha é chamado de *Reator* e outro participante que está sendo olhado pelo *Reator* é chamado de *Fenômeno*. Assim como nas ações, as reações podem ser transacionais ou não-transacionais. Quando os vetores que saem dos olhos de um participante (*Reator*) têm como direção um outro participante (*Fenômeno*), nesse caso o processo é transacional. Mas se o *Reator* estiver olhando para algo ou alguém que não pode ser visto na imagem nesse caso o processo é não transacional.

1.4.2.2 Função interativa

Trata-se da interação entre o produtor e o leitor/espectador da imagem, ou seja, a relação entre quem vê a imagem e quem a produz, essa relação pode ser feita pelo: olhar

²⁴ "...is formed by an eyeline, by the direction of the glance of one or more of the represented participants.."

(*contact*), distância (*social distance*) e ponto de vista (*attitude*)²⁵, conceitos discutidos a seguir:

1.4.2.2.1 Olhar (*contact*)

O olhar de um participante representado estabelece algum tipo de contato e conseqüentemente um significado. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), o objetivo do produtor de uma imagem que utiliza participantes representados olhando diretamente para os olhos do espectador ou observador é solicitar algo a esse espectador ou observador, ele quer que o espectador ou observador execute uma ação, essa função na GDV é chamada de Demanda (*Demand*). Por outro lado, em imagens nas quais os participantes representados não olham diretamente para o espectador, que nesse caso é apenas um observador invisível a função ganha o nome de Oferta (*Offer*), pois a imagem “oferta” o participante representado ao espectador como uma informação, um objeto de contemplação, algo impessoal como se fossem itens em uma vitrine (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006)²⁶.

1.4.2.2.2 Distância (*social distance*)

Essa dimensão da função interativa das imagens trata a respeito do tamanho do enquadre que a imagem possui, ou seja se a imagem está por exemplo, em *close-up*, plano médio ou plano geral. A distância proporcionada pelos enquadres, de acordo com Kress e van Leeuwen (2006) cria significado, pois tem relação direta com a interação social do dia a dia; quando pessoas têm uma relação íntima, são amigos por exemplo, a distância social é curta, já quando não se conhecem a distância social tende a ser geralmente maior. As imagens são criadas levando em consideração a replicação dessas ideias sociais, e por vezes esses recursos são explorados para engajar o espectador, um exemplo é o *close-up*, que surgiu na Renascença em imagens religiosas, para oferecer aos devotos a sensação de proximidade com Deus (RINGBOM, 2022). Kress e van Leeuwen (2006) argumentam

²⁵ O livro *Reading images: the grammar of visual design* ainda não possui uma tradução para o português, para evitar mal-entendidos com relação a s nomenclaturas, preferiu-se por a apresentar a s versões em língua inglesa em parênteses.

²⁶ “... it ‘offers’ the represented participants to the viewer as items of information, objects of contemplation, impersonally, as though they were specimens in a display case.”

que a distância social pode ser observada também no processo interacional da língua. O uso de "língua íntima" é um tipo de linguagem pessoal, falado por vezes só por entre membros de uma família por exemplo. Na chamada língua íntima, além do coloquialismo e gírias também há as expressões faciais, o contato visual, a entonação, a articulação da voz que carregam muito do significado. Por outro lado, a chamada "língua social", aquela utilizada para comunicação fora de um núcleo íntimo, apesar de ter traços de informalidade, precisa ser mais articulada, e o não verbal tem menor importância, a fala não é mais tanto improvisada, estando sujeita ao controle da sintaxe e do registro, o uso das palavras no contexto social apropriado. Portanto, assim como nas imagens, onde o distanciamento é feito pela aproximação ou distanciamento de campo visão, na língua essa aproximação ou distanciamento pode ser realizada pelo registro linguístico específico e outros recursos semântico-pragmáticos.

1.4.2.2.3 Ponto de vista / dimensão / perspectiva (*attitude*)

De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), a seleção de um ângulo pode expressar pontos de vista sobre o que está sendo representado. São as chamadas atitudes subjetivas, que apesar do nome são determinadas socialmente. Na cultura ocidental há dois tipos de imagem: subjetiva e objetiva, como pode ser observado na figura a seguir.

Figura 13 - Pontos de vista subjetivo e objetivo de um quadrado

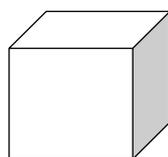


imagem subjetiva



imagem objetiva

Fonte: Kress; van Leeuwen (2006)

Na imagem subjetiva um ponto de vista é selecionado para o espectador (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). O observador consegue ver o participante representado na imagem apenas pelo ponto de vista em que a imagem foi feita. Por outro lado, a imagem objetiva não tem perspectiva, não há um ponto de vista, pois não é possível ver o topo ou as laterais do quadrado; esse tipo de imagem desconsidera o espectador, pois é como se

dissesse: “eu sou desse jeito, não importa quem você é, onde está ou quando me observa” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006)²⁷. As fotografias geralmente são imagens subjetivas e vários significados são oferecidos por elas, como por exemplo o ângulo frontal e o ângulo oblíquo. Segundo Kress e van Leeuwen (2006) uma imagem em ângulo frontal e uma imagem em ângulo oblíquo evidenciam envolvimento e distanciamento respectivamente.

(Uma imagem) em ângulo frontal é como se dissesse: “O que você vê aqui é parte do nosso mundo, algo que estamos envolvidos”. Já o ângulo oblíquo diz: “O que você vê aqui não é parte de nosso mundo, é o mundo deles, algo que não estamos envolvidos.” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.136, tradução nossa).²⁸

1.4.2.3 Função composicional

A composição de uma imagem ou representação visual também está permeada de relações interpessoais. Na LSF a metafunção textual é aquela relacionada a coesão e a estrutura temática (tema e rema) em uma frase, na GDV o mesmo princípio de estrutura temática pode ser observado na imagem, pois, de acordo com Kress e van Leeuwen (2006) a posição de elementos em um *layout* ou mesmo a perspectiva geram significados ou *valores de informação*. Ainda segundo os autores mudar a disposição de elementos em um *layout* pode alterar completamente relação entre o texto escrito, a imagem e o significado geral. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.43).

1.4.2.3.1 Dado e novo: O valor de informação da esquerda e da direita

Em uma imagem com elementos dispostos no eixo horizontal, ou seja, elementos posicionados a esquerda ou à direita, esses elementos são de acordo com Kress e van Leeuwen (2006) considerados como Dado e Novo respectivamente. O elemento posicionado a esquerda é Dado por se tratar de algo que o leitor já conhece, está familiarizado ou que há concordância no ponto de partida da mensagem (KRESS; VAN

²⁷ They say, as it were, ‘I am this way, regardless of who or where or when you are.’

²⁸ The frontal angle says, as it were, ‘What you see here is part of our world, something we are involved with.’ The oblique angle says, ‘What you see here is not part of our world; it is their world, something we are not involved with.’

LEEUVEN, 2006, p.181).²⁹ O elemento posicionado a direita é considerado Novo, ou seja, o elemento representado é algo ainda não conhecido, ou talvez não há concordância por parte do leitor, sendo, portanto, algo que deve receber atenção especial por parte do leitor. De maneira geral, o novo é tido como problemático, contestável e em discussão, enquanto o dado é apresentado como prático e evidente por si mesmo (KRESS; VAN LEEUVEN, 2006, p. 18).³⁰ Kress e van Leeuwen (2006) mencionam como exemplo uma gravura do século 14 que mostra a criação de Eva. Deus é o dado, a origem incontestável de tudo que existe, a mulher, por outro lado, é o novo e no contexto da história bíblica do gênesis, ela é problemática, e tentadora.

Figura 14 - A criação de Eva (Lorenzo Maitani)



Fonte: Georges Jansoone, 2008

Por outro lado, a pintura *A criação de Adão* por Michelangelo, na capela sistina coloca Deus a direita, reafirmando o espírito humanista da Renascença, neste período Deus de repente se torna novo e problemático. Gerações de filósofos tentaram redefini-lo por meio da ciência, e tentaram provar sua existência ou inexistência pela razão.

²⁹ ...Given means that it is presented as something the viewer already knows, as a familiar and agreed-upon point of departure for the message.

³⁰ Broadly speaking, the meaning of the New is therefore 'problematic', 'contestable', 'the information "at issue"', while the Given is presented as commonsensical, self-evident.

Essas orientações espaciais dos elementos são sensíveis a cada tipo de cultura, ou seja, na sociedade ocidental a escrita e leitura são feitas da esquerda para a direita, portanto o Dado estará à esquerda e o Novo à direita, mas em outras culturas, como por exemplo, a árabe essa lógica é invertida, pois nessa língua a escrita e leitura é feita da direita para a esquerda. As imagens no quadro 8 mostram essa diferença; a reportagem publicada no site da ONU (Organização das Nações Unidas) mostra os potenciais de um tipo de cereal, conhecido como milho-painço ou Millet.

Quadro 8 - Exemplo do Novo e o Dado em layout de website



Fonte: un.org, 2023

1.4.2.3.2 Ideal e real: O valor de informação da parte superior e inferior

Assim como a esquerda e a direita possuem valor de informação, elementos na parte superior e inferior de uma imagem também adquirem valores na organização da mensagem. Kress e van Leeuwen (2006) citam como exemplo as propagandas em revistas e em websites, o texto na parte de cima é uma “promessa do produto” algo que pode ser concedido aos usuários ou uma realização sensorial que ela pode trazer. Na parte de baixo geralmente o que aparece é o produto real, a informação mais concreta, dados mais ou menos reais, como por exemplo, onde aquele produto pode ser obtido, como conseguir mais informações sobre ele ou mesmo como compra-lo.

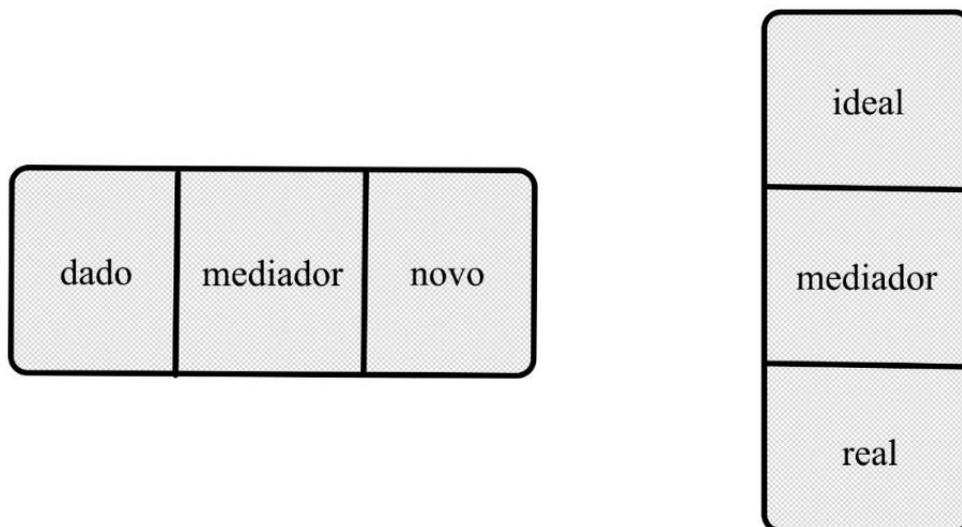
O elemento ideal é apresentado como a essência da informação idealizada ou generalizada, conseqüentemente, esse elemento é ostensivamente a parte mais saliente. O elemento real é o oposto disso, pois ele apresenta informação mais específica e detalhada, informação mais realista (fotografias como evidência

documental, mapas ou gráficos) ou informações mais práticas (consequências práticas, direções para a ação) (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 187)³¹.

1.4.2.3.3 Centro e margem: O valor da informação central e periférica

A composição visual também é estruturada tendo como referência o centro e a margem, Kress e van Leeuwen (2006) citam como exemplo a arte bizantina, onde geralmente a imagem do soberano divino é apresentada na parte central e circundada por elementos subordinados. Sendo assim, quando uma imagem é apresentada na parte central, essa imagem é considerada um núcleo de informação na qual todos os outros elementos são de certa maneira subservientes (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.196)³² De acordo com Kress e van Leeuwen (2006) os valores de informação novo-dado e ideal-real também podem ser combinados e mediados pelo centro em uma estrutura tríptica, conforme o esquema abaixo.

Figura 15 - Elementos mediadores



Fonte: Autor, adaptado de Kress; van Leeuwen (2006)

³¹For something to be ideal means that it is presented as the idealized or generalized essence of the information, hence also as its, ostensibly, most salient part. The Real is then opposed to this in that it presents more specific information (e.g., details), more 'down-to-earth' information (e.g. photographs as documentary evidence, or maps or charts), or more practical information (e.g. practical consequences, directions for action).

³² For something to be presented as Centre means that it is presented as the nucleus of the information to which all the other elements are in some sense subservient.

Ainda de acordo com Kress e van Leeuwen (2006) estruturas trípticas são facilmente vistas em layouts de revistas e jornais, onde um elemento posicionado no meio da imagem une os outros dois elementos.

1.4.2.3.4 Saliência

Além dos valores de informação, há ainda outros dois princípios da composição: Saliência e enquadramento. Saliência refere-se aos recursos gráficos empregados para chamar a atenção do espectador a determinados elementos em uma imagem, ou seja, a ênfase que certos elementos têm na imagem, esses recursos podem ser o tamanho, nitidez ou contraste no valor tonal, ou seja, independentemente de onde as imagens são dispostas a saliência cria uma hierarquia de importância entre os elementos, selecionando alguns elementos como mais importantes, mais merecedores de atenção do que outros (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006)³³.

1.4.2.3.5 Enquadramento

Por sua vez, o enquadramento refere-se à presença ou a falta de molduras que guarnecem as imagens, esses recursos de enquadramento podem conectar ou desconectar elementos em uma imagem, sinalizando ao leitor que os elementos pertencem a um conjunto ou não.

1.5 Metáfora conceitual

A linguagem figurativa tem chamado a atenção de um grande número de estilísticos, estudiosos literários e linguistas há muito tempo (KOVĚČSES, 2010). Mas só nos últimos trinta anos começou a haver também um interesse no estudo das conceituações subjacentes à figuração. Uma das primeiras e mais amplamente discutidas figuras neste contexto é a metáfora conceitual. A abordagem conceitual agora também inclui um mapeamento diferente, conhecido como integração conceitual (ou combinação). Ambos os conceitos têm sido usados em estudos gerais de significado linguístico, mas também têm aparecido cada vez mais em discussões de outros aspectos da linguagem e tornaram-se populares em discussões cognitivas de artefatos visuais,

³³Regardless of where they are placed, salience can create a hierarchy of importance among the elements, selecting some as more important, more worthy of attention than others.

gêneros discursivos e disciplinas não linguísticas. Grande parte da literatura existente não faz distinções claras entre as duas explicações conceituais do significado; além disso, analistas e estudantes, muitas vezes, não têm certeza de como os dois conceitos são semelhantes e diferentes. Uma explicação é claramente necessária.

A gama de linguagem metafórica a ser discutida vai desde usos altamente convencionais de uma única palavra, como aqueles em (1), passando por casos que empregam esquemas metafóricos familiares, sejam lexicais ou estendidos, como aqueles em (2), até novos, criativos, talvez usos poéticos/literários, sejam lexicais ou (muito mais) estendidos, como aqueles em (3).

Exemplos:

(1)

a. *Jane é um anjo.*

b. *O namorado dela é um porco.*

c. *Eu devo voar.*

(2)

a. *Era uma guerra diária entre meus pais quando eu era criança.*

b. *A vida é uma jornada, com montanhas para escalar, rios para navegar e outros viajantes para caminhar ou fugir.*

(3)

a. *O desempenho padrão-ouro vem de McDiarmid. Vocalmente, ele é soletrado encadernação, dando linhas hábeis e explosões inesperadas de poder.*

b. *A vida é apenas uma sombra ambulante, um pobre ator que se pavoneia e se preocupa em sua hora no palco. E então não é mais ouvido: é uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria, significando nada.*

Tradicionalmente a metáfora é definida como sendo palavras ou expressões que divergem da linguagem literal ou denotativa, ou seja, em frases do tipo: *ela tem um coração de pedra*, ou *aquele garoto é um doce*, os vocábulos *pedra* e *doce* não devem ser

interpretados literalmente, pelo contrário, o que deve ser levado em conta nesses casos são os sentidos conotativos dos vocábulos. Ou seja, na visão tradicional, a metáfora é uma figura de linguagem e sua função é meramente retórica ou poética, um artifício linguístico que por vezes pode ser facilmente ignorado, no entanto, a partir das ideias de Lakoff e Johnson (1980) a metáfora começa a ser vista como algo prevalente no pensamento e na ação humana, não só como um recurso linguístico, pois a maneira de pensar e agir do ser humano é por natureza metafórica (LAKOFF; JOHNSON, 1980. p.3), sendo assim, a partir das teorias de Lakoff e Johnson (1980) a metáfora passa a ser observada também como uma ferramenta cognitiva, de característica conceptual, ou seja, tem relação com operações mentais de abstração do pensamento, sendo realizada não só pelo sistema linguístico, mas por outros modos comunicativos, tais como o visual e o gestual (KÖVECSSES, 2010), a metáfora serve também para conceptualizar a experiência humana. Muitas vezes o sistema conceptual, que é metafórico por natureza, não é algo que as pessoas necessariamente são cientes; Lakoff e Johnson (1980) citam como exemplo frases do tipo:

Ele atacou o ponto fraco no meu argumento.

É difícil vencer uma discussão com ela.

Se você usar essa estratégia, ele vai acabar com você.

Ela detonou todas as minhas falas.

As críticas foram precisamente no alvo.

Apesar de corriqueiras, as sentenças acima guardam de maneira implícita uma metáfora conceptual: DISCUSSÃO É GUERRA. Discussões e guerras são situações distintas (discurso verbal e conflito armado) no entanto, a discussão é estruturada, expressada, entendida e executada como uma guerra. A essência da metáfora é, portanto, entender e experienciar algo no lugar de uma outra coisa (LAKOFF; JOHNSON, 1980. p.5).

Além da metáfora conceptual, há também outros tipos de metáfora, como por exemplo, as metáforas orientacionais (aquelas que têm a ver com a orientação espacial: acima-abaixo, dentro-fora, frente-atrás). Por exemplo, em português é comum encontrar frases do tipo: *ela estava pra cima ontem* (estava feliz), *ela está para baixo hoje* (ela está triste) ou mesmo: *ela caiu em depressão*. Um outro exemplo, desta vez da metáfora orientacional frente-atrás é a expressão que tem origem no futebol: *bola pra frente!*, usada

na tentativa de encorajar alguém a seguir em frente (o futuro) apesar das adversidades, ou seja, a não olhar para trás (o passado). Esse tipo de conceptualização é facilmente observado em diversas situações do dia a dia e está inclusive na fala de figuras políticas, como por exemplo o ex-presidente da República, Michel Temer ao rebater no Twitter uma declaração de Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) que o chamou de *golpista* durante um discurso em Montevideu, no Uruguai:

“Mesmo tendo vencido as eleições para cuidar do futuro do Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva parece insistir em manter os pés no palanque e os olhos no retrovisor, agora tentando reescrever a história por meio de narrativas ideológicas”

O uso do termo *retrovisor* traz uma metáfora orientacional ao *tweet* de Michel Temer, pois olhar no retrovisor é olhar para trás, logo o tempo é conceptualizado como sendo uma linha horizontal por onde se viaja, sendo que o passado está para trás e o futuro está à frente dessa linha.

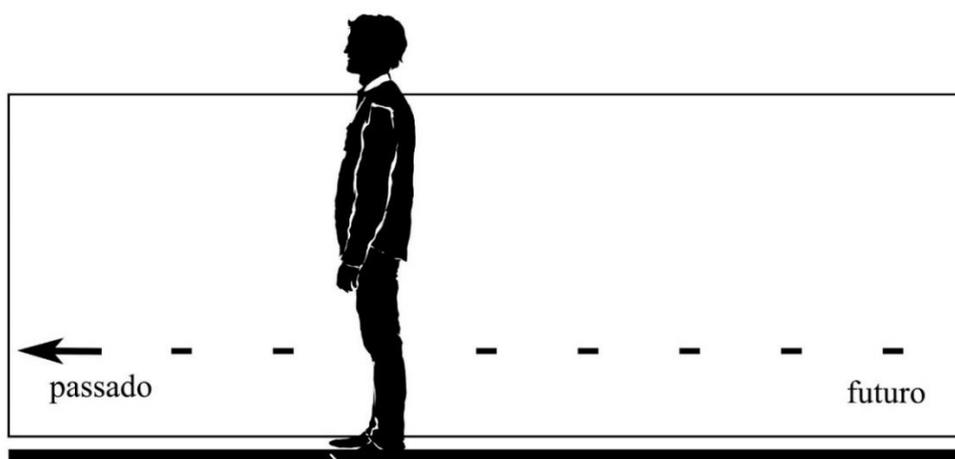
Figura 16 - A percepção do tempo na sociedade ocidental contemporânea



Fonte: Trask; Mayblin, 2013, Lakoff; Johnson, 1980

No entanto, para os gregos da antiguidade essa conceptualização era invertida, pois percebiam o tempo parados enquanto ele passaria por eles, o futuro estaria atrás e o passado na frente (TRASK; MAYBLIN, 2013, p. 54).

Figura 17 - A percepção do tempo na sociedade grega da antiguidade



Fonte: Trask; Mayblin, 2013, Lakoff; Johnson, 1980

As orientações metafóricas não são, portanto, arbitrárias, têm como base experiências físicas e culturais da humanidade e que podem diferir de cultura para cultura e com o passar do tempo.

1.6 Metonímia conceptual

A palavra metonímia deriva do grego antigo. Foi/é usada como disciplina retórica e significa *mudança de nome*.

Em contraste com a metáfora, a forma esquemática da metonímia não é

A é B

mas sim

B por A

Lakoff e Johnson (1980) apontaram em seu livro pioneiro *Metaphors We Live By* que a metonímia, semelhante à metáfora, não é apenas uma figura de linguagem, mas também de natureza conceitual. Mas o que isso significa? Significa que combinamos esquemas gravados em nossos cérebros como conceitos que dependem de nossa percepção física e experiência do mundo. A metonímia funciona chamando um domínio de uso e uma série de associações e transferindo-os para um novo domínio de uso, indicando um relacionamento próximo entre as duas entidades combinadas. Ao observarmos os exemplos a seguir,

1. *A Casa Branca negou os rumores.*

2. *Meus amigos me avisaram sobre suas mãos errantes.*

3. *A caneta é mais poderosa que a espada.*

Sabe-se que não foi o próprio prédio (a Casa Branca) que desmentiu os rumores, mas sim o presidente dos Estados Unidos. Podemos entender a frase, no entanto, porque os termos Presidente e Casa Branca estão intimamente relacionados e podem ser substituídos, pois derivam do mesmo domínio ou conceito em nossas mentes. As mãos errantes, evidentemente, referem-se aos avanços sexuais indesejados da pessoa em questão.

Tanto a metáfora quanto a metonímia envolvem um mecanismo de conceptualização de um domínio de experiência em termos de outros (FERRARI, 2014), a diferença é que a metáfora envolve o mapeamento entre dois domínios conceptuais distintos, já na metonímia o mapeamento ou conexão é realizado dentro de um mesmo domínio (W. GIBBS, 1999)³⁴, em outras palavras, a metonímia é diferente da metáfora porque nela há apenas um domínio e não dois (SUÁREZ ABREU, 2010). Por exemplo: quando alguém apresenta por fotografia (3x4) uma pessoa, geralmente não se diz:

Essa é a cabeça da minha mãe,

nesse contexto soaria estranho, a maneira mais usual seria algo do tipo: *Essa é minha mãe.* Essa última frase é um conceito metonímico conhecido como A PARTE PELO TODO, pois há inconscientemente a conceptualização da cabeça (parte) para representar o corpo (todo). Lakoff e Johnson (1980) apontam que esse tipo de sistema conceptual funciona ativamente em nossa cultura, pois a parte que se prioriza ao identificar ou diferenciar alguém é geralmente a parte do rosto, o ser humano funciona metonimicamente:

A tradição dos retratos, tanto na pintura quanto na fotografia é baseada nisso. Se você me pedir para mostrar uma imagem do meu filho e eu mostrar uma imagem do rosto dele, você ficará satisfeito. Você vai considerar que viu uma imagem dele. No entanto, se eu mostrar uma foto do corpo dele sem o rosto, isso será considerado estranho. A metonímia O ROSTO PELA PESSOA não é meramente uma questão de linguagem. Na nossa cultura olha-se para o rosto de alguém a o invés da pose ou movimento para conseguir informações básicas sobre como a pessoa é. (LAKOFF; JOHNSON, 1980. p.37).

³⁴ Like metaphor, metonymy involves the understanding of one thing in terms of the other. Differing from metaphors that involve the mappings between two conceptual domains, in metonymies, 'the mapping or connection between two things is within the same domain'

1.7 Neologia e neologismos

O acervo lexical das línguas vivas está sempre em constante processo de transformação. Algumas palavras acabam sendo esquecidas, se tornam arcaicas, enquanto que outras novas podem surgir a todo instante, os chamados neologismos (MARIA ALVES, 2007).

A neologia tanto pode ser entendida como a capacidade de renovação do léxico como também o objetivo de estudo com metodologia específica. De acordo com Correia e Maria de Barcellos Almeida (2012) há, basicamente, dois tipos de neologia:

- (a) **neologia denominativa**: neologismos criados em virtude de uma necessidade específica de nomeação, sendo comum a entrada direta no sistema linguístico (nos dicionários).
- (b) **neologia estilística**: neologismos que existem apenas no nível do discurso (com frequência no discurso jornalístico, humorístico etc.), são efêmeros e raramente entram no sistema da língua.

Ainda de acordo com Correia e Maria de Barcellos Almeida (2012) os neologismos podem apresentar tipo de novidade distintos:

1. **novidade formal**: a forma significante é nova, ou seja, não havia registro gráfico da palavra anteriormente;
2. **novidade semântica**: uma nova associação significado-significante, ou seja, a palavra já existia, mas agora adquire uma nova acepção.

Todas as inovações lexicais apresentadas nas análises desta dissertação podem ser consideradas novidades semânticas, ou neologismo semânticos, ou seja, foram criados sem que se operasse nenhuma mudança formal em unidades léxicas já existentes, como

ocorreu no português com as palavras: barato (qualquer coisa agradável) (MARIA ALVES, 2007). Muitas palavras sofrem transformações semânticas no decorrer dos tempos, muitas acepções vão se modificando pelas interações sociais de gerações para gerações. Um exemplo, é a palavra *família* que hoje tem acepções bastante positivas de amor e afetividade, sendo em muitos casos até idealizada por grupos religiosos ou mesmo por grupos políticos conservadores que a usam a fim de reforçar princípios ideológicos. No entanto, em retrospecto etimológico o vocábulo de origem latina, *famulus*, denotava o conjunto de posses de alguém e era utilizado para a demarcação de propriedade de pessoas, como escravos e parentes, portanto família ou *famulus* designava um escravo doméstico (MOURA; CAMBRUSSI, 2018). Esse tipo de fenômeno é muito mais comum que se imagina, de acordo com Borba (2003) isso ocorre porque não há relação direta entre o uso da língua e sua história: para usar as palavras o falante não precisa saber a história por trás das palavras. O autor cita como exemplo a palavra *cálculo* no sentido abstrato de operação mental (contagem). Não é necessário saber que o termo vem do nome concreto latino *cauculus* [= pedra, seixo], pois se usavam pedrinhas para operações aritméticas. Os vocábulos mamão e leitão também são exemplos desse fenômeno, quando a palavra é empregada, ninguém se lembra de que está diante do aumentativo de mama [= teta] e também não há mais associação do substantivo leitão (filhote de porco que ainda não foi desmamado) com leite (BORBA, 2003). Os vocábulos (*turn up*, *snowflake*, *lit*, *thicc*, *flexing* e *slick*) apresentados nas análises desta dissertação são exemplos de transformações semânticas. Pois em muitos casos os sentidos se desprenderam e uma nova criação se incorporou ao campo semasiológico do significante, o que Biderman (2001) chama de neologismo do tipo conceptual, ou seja, o significado é ampliado porque o significante ganha novas conotações.

1.8 Linguística da internet

A chegada da internet traz mudanças sociais significativas e conseqüentemente mudanças também nos paradigmas científicos da linguística, pois os avanços tecnológicos demandam o surgimento de um novo campo de estudo: a linguística da internet. Dentro desse contexto, cabe destacar primeiramente a comunicação por troca de mensagens síncronas, ou seja, aquela feita em tempo real pela internet, que traz uma combinação de características típicas da oralidade e ao mesmo tempo características da escrita (MARCUSCHI, 2010), há, portanto, uma hibridez que é aliás um fenômeno

comum quando se trata do ciberespaço, pois a cada dia está mais difícil estabelecer onde o ciberespaço começa e onde termina.

O uso da língua na internet traz também muitas mudanças comportamentais, em se tratando da escrita novamente, se antes dos computadores havia certa hesitação ou acanhamento quanto ao ato de escrever, talvez por conta da caneta vermelha do professor na escola ou mesmo pelo sentimento de falta de propósito diante de uma desinteressante folha em branco, hoje isso parece ter mudado, muito provavelmente por conta dos elementos e ambientes atrativos proporcionados pela internet. Há uma emancipação ou revolução em curso quando se trata do texto escrito no ciberespaço, que agora pode ser facilmente produzido, editado e compartilhado em muitas mídias do tipo multimodal como é o caso dos memes e os vídeos no TikTok.

Cabe ressaltar que a produção discursiva no ambiente online é uma nova forma de relação com a escrita, mas não propriamente uma nova forma de escrita (MARCUSCHI, 2010). Nos primórdios da popularização das mensagens instantes, o chamado serviço de mensagens curtas (em inglês; SMS: *short messaging service*), muito se especulava sobre os danos que o *netspeak* ou o *internetês* poderia causar na língua, no entanto toda essa especulação não passou de histeria, pois muitos estudos mostram que crenças populares sobre o uso da língua na troca de mensagens estavam erradas, sendo que geralmente esses termos (LOL, GR8, C U l8r, XOXO etc.) só aparecem em uma pequena parcela dos textos online, como mostrou uma pesquisa feita nos Estados Unidos que constatou que apenas 20 por cento das mensagens online continham algum tipo de *netspeak* ou *internetês* (CRYSTAL, 2011). Um outro exemplo são os itens lexicais da língua inglesa *wot* e *cos*, que na internet são usados com frequência no lugar de *what* e de *because* respectivamente. Como *wot* e *cos* se tornaram termos populares na internet, logo eles começaram ser vilipendiados por puritanos da língua que associaram o surgimento dos vocábulos a interação linguística na internet, no entanto isso é uma interpretação equivocada, pois *cos* já constava no Oxford English Dictionary desde 1828 e *wot* desde 1829, ou seja, muitos antes do aparecimento da internet (CRYSTAL, 2011).

O uso da língua no ciberespaço traz muitas características peculiares e inovações. Crystal (2011) cita alguns exemplos, como o uso de um ponto exclamação inicial (símbolo emprestado da linguagem de programação) para marcar a negação: (!interessante = desinteressante) e a substituição em palavras no plural da letra s pela letra

z para indicar versões não originais (pirateadas) de um determinado conteúdo, exemplo: *gamez; filez; downloadz*.

Outra inovação é o *algospeak* (junção das palavras inglesas *algorithm* e *speak*) que se refere as palavras codificadas para confundir os algoritmos que filtram o conteúdo nas redes sociais na internet e que em muitos casos podem censurar e derrubar uma postagem se ela for considerada imprópria ou que viole a diretrizes do canal. Geralmente estão no radar desses filtros termos sensíveis e que por isso são adaptados pela comunidade online, alguns exemplos são: @bu\$0 (abuso); S3X0 (sexo); yag (gay) arrog4anc1a (arrogância) etc.

Muito da emoção humana na língua é representado de maneira corporificada: o sorriso, as sobrancelhas se que arqueiam, o rubor nas bochechas etc. No entanto a tecnologia da escrita remove o corpo da língua (MCCULLOCH, 2019) pelo menos de maneira sobrejacente, é comum inclusive que haja muitos ruídos na comunicação online pois locutor e interlocutor têm apenas a escrita como apoio. Emoticons e emojis³⁵ entram em cena para tentar preencher essa lacuna: a falta de expressões faciais. Emoticons como :) e :(usados para reações positivas e negativas respectivamente ajudam a evitar ambiguidade atitudinal (CRYSTAL, 2011)³⁶. Ao dispor emojis com um simples cumprimento como *olá* ou *bom dia* significados complexos podem ser facilmente criados; exemplos:

(a) Bom dia 😡

(b) Bom dia 😊

Em (a) quem escreve está chateado ou bravo, e em (b) quem escreve está feliz, e isso pode acarretar em implicações no prosseguimento do diálogo. Em (a) a conversa

³⁵ Apesar de serem palavras parecidas emoji e emoticon tem significados diferentes e origens diferentes. O emoticon é geralmente criado com a combinação de caracteres encontrados no teclado do computador, exemplos: :) (feliz) e :((triste). O emoji é geralmente uma figura no estilo cartum, exemplo: 🤗 (beijo) e 🙌 (positivo). O termo emoticon é uma amálgama, ou seja, a junção de duas palavras inglesas: *emotion* + *icon*, já o termo emoji tem origem na língua japonesa, *e* (絵: imagem) + *moji* (文字: caractere).

³⁶ ... lack the facial expressions which are so critical in expressing personal opinions and attitudes, and in moderating social relationships. The new symbols, such as the basic pairing of :) and :(for positive and negative reactions respectively, were intended to remove attitudinal ambiguity.

tomaria caminhos do tipo: está zangado comigo? foi algo que fiz? e em (b) a continuação da conversa poderia seguir um caminho mais genérico, mais como um *phatic communion*, o uso da língua na manutenção das relações sociais, ao invés de troca de informações.

Em alguns casos os emojis também ajudam a contextualizar o tópico da mensagem dentro de contexto situacional específico. Tome como exemplo a seguinte frase: *Venha à minha casa na sexta*. Cada grupo de emojis implica interpretações pragmáticas bem distintas as sentenças.

Venha à minha casa na sexta 📖 ✎ 📝 (possível convite para estudar)

Venha à minha casa na sexta 🍷 🍷 🍷? (possível convite para uma relação sexual)

Venha à minha casa na sexta 🍷 🍷 🍷 (possível convite para um jantar)

Obviamente todas essas frases cabem interpretações variadas dependendo do contexto geral da interação, mas nesse caso em questão são recortes que exemplificam possibilidades pragmáticas de sentido. Por serem muito frequentes e por vezes utilizados no lugar de construções sintáticas com certo grau de complexidade, como por exemplo:

👤 ❤️ 🐱 (eu amo gatos), os emojis parecem dar a impressão que são ou podem se tornar uma língua independente, mas isso, de acordo com McCulloch (2019) é improvável pois o emoji nada mais é que um recurso que auxilia a realizar determinados significados pragmáticos dentro de uma língua.

Uma importante inovação trazida pela internet foi a popularização de textos humorísticos, como por exemplo os memes. Uma das características marcantes do meme é a repetição e a replicação, ou seja, estas mensagens verbo-visuais são de maneira geral manipuladas ou adaptadas, por vezes até traduzidas e passadas adiante de maneira constante e massiva, característica que ajuda a entender o porquê do nome meme, que não foi escolhido ao acaso. O termo meme nasceu como um conceito de etologia, cunhado por Richard Dawkins em 1976 no livro *The Selfish Gene* (O gene Egoísta) para explicar como os preceitos culturais são disseminados ou replicados. A palavra vem do grego antigo μιμῆμαι (*mīmēma*: algo imitado) da qual Dawkins abreviou propositalmente para meme (MCCULLOCH, 2019). Para o autor meme é a contrapartida ou equivalente ao gene, no entanto, o gene é biológico e o meme cultural, ou seja, os genes replicam características biológicas, já os memes replicam características culturais, exemplo: o gene é o responsável por estabelecer a cor dos olhos de alguém, já o meme é o responsável por

todo conhecimento repassado, imitado e ligeiramente modificado de geração para geração sobre como se cozinhar pão. Parte do que define meme está justamente na presença da remixagem do conteúdo propriamente dito e também das referências culturais partilhadas, portanto o meme não é apenas uma imagem ou vídeo popular, mas para ser meme esse conteúdo precisa ser feito, refeito, re combinado e espalhado muitas e muitas vezes como um átomo da cultura da internet (MCCULLOCH, 2019) ou seja, o meme é inerentemente algo que para ser o que é tem que ter essa característica participativa. Mas não é só o termo que surgiu muito antes do aparecimento da internet, os memes não nasceram com a rede mundial de computadores, um exemplo é o mencionado por Shifman (2014), segundo a autora era muito popular no período da segunda guerra mundial um grafite com um desenho de uma figura no estilo cartum acompanhada da seguinte frase: *Kilroy Was Here* (Kilroy esteve aqui). Esse grafite (figura 18) podia ser visto nos mais variados lugares, como em muros, aeronaves, caminhões, navios e paredes de banheiro. A origem mais provável do meme é a de que James J. Kilroy teria sido um inspetor de um estaleiro naval em Massachusetts, ele tinha a função de inspecionar o trabalho de rebitadores, (pessoas que cuidavam da fixação rebites³⁷) e Kilroy costumava marcar as áreas inspecionadas com a frase (*Kilroy Was Here*). Quando os navios ficavam prontos e eram mandados para o campo de batalha muitos soldados notavam as inscrições que apareciam em todo lugar, até em pequenas partes internas do navio. Alguns soldados adaptaram a inscrição com um desenho e nascia naquele instante um meme (SHIFMAN, 2014).

Figura 18 – Um meme da pré-internet



Fonte: ibew375.org

Portanto, o meme é um texto humorístico que tem uma vida pregressa a internet, mas a diferença é que agora na rede mundial de computadores ele ganha uma nova

³⁷ Rebite é uma pequena haste cilíndrica de metal que é empregada para unir peças, juntas, chapas etc.

dimensão, pois a produção e manipulação desse conteúdo é feita de maneira massiva e muito mais ágil, sendo que qualquer pessoa com um computador e internet pode acessar sites como o *imgflip.com*, criar um meme e fazer com que uma piada, uma ironia ou uma palavra nova, viralize em poucos segundos (CRYSTAL, 2011). E por falar em palavras novas, os memes têm sido ambientes livres e convidativos quando se trata no uso de inovações lexicais, não só em inglês (*turn up, lit, thicc, slick etc.*) como também em português brasileiro (*mucilon, palmito, pistola, biscoiteiro etc.*). Esses termos se tornam tão populares que são por vezes usados como nomes de *trends* e quem os usa quer de certa maneira fazer parte daquele grupo exclusivo. O meme se tornou, portanto, uma ferramenta de recrutamento³⁸(SHIFMAN, 2014). Isso tanto pode ser bom (memes que encorajam as pessoas a ler livros sobre linguística) quanto ruim (fóruns de discussão de extrema direita usam memes e ironia estrategicamente para promover ideologias extremistas (SHIFMAN, 2014). Além disso, os memes se tornaram de certa maneira agentes da globalização, pois proporcionam facilidades para trocas de conteúdo de maneira global, no entanto, a tecnologia não pode ser considerada o fator principal, o comportamento dos internautas é o que gera integração em nível mundial, somado a isso está o fato de que no mundo sociolinguístico contemporâneo o inglês se tornou a língua franca, não só para interações no ambiente offline, mas também no ambiente online (SHIFMAN; LEVY; THELWALL, 2014). Tornou-se muito comum a tradução e adaptação de muitas piadas verbo-visuais para diferentes línguas e culturas. Esse fato reforça a posição do inglês como uma língua global, acarretando uma dimensão insidiosa a respeito do cybercolonialismo (LOTHERINGTON, 2007)³⁹.

1.9 Ironia

Desde o século XIX, a ironia tem recebido certo interesse por parte de linguistas e poetas que buscavam entender e resolver o problema de como detectar a ironia no discurso. Pois em muitos casos ela passa despercebida. Uma das soluções apontadas foi a utilização de sinais de pontuação (como os criados por Alcanter de Brahm)⁴⁰, que nesse

³⁸ Memes can be a linguistic recruitment tool: observers want to be part of the in-group that gets the memes.

³⁹ The language driving the majority of intercultural web traffic is English, which reinforces its position as a global language and adds an insidious dimension of cybercolonialism.

⁴⁰ Alcanter de Brahm foi um poeta, cancionista e crítico de arte francês. Ele ficou muito conhecido por suas propostas de sinais de pontuação inusitados, que representariam diferentes emoções ou dariam novos

caso, serviriam para mostrar uma ironia verbal. No entanto, essa solução recebeu inúmeras críticas, pois quando uma ironia é identificada explicitamente o efeito comunicativo da ironia é perdido. A ironia, portanto, precisa estar na subjacência, ou seja, deve ser implícita para ter efeito (GRICE, 1989); (GIORA, 1995).

Nesse contexto, muitos teóricos se debruçam primeiramente em pesquisas que buscam definir sistematicamente a ironia, pois não há um consenso científico. A ironia pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes. Para um grupo de estudiosos a ironia só é definida pela reação que ela evoca, como a ironia envolve com frequência o humor, ela é sempre acompanhada da risada, o problema nesse caso é que a ironia só poderia ser analisada com gravações audiovisuais, diferentes modalidades como o texto escrito ficariam de fora. No entanto, parece ser consistente a definição de Burgers, Jan Schellens e Van Mulken (2011) sobre a ironia, como sendo um recurso que funciona no nível pragmático. De acordo com esses autores a ironia deve ser considerada como sendo uma oração com avaliação literal que é implicitamente contrária à sua avaliação pretendida⁴¹. Ou seja, a ironia é uma implicatura de avaliação reversa. Se uma oração é lida ironicamente, a valência da avaliação implícita na oração literal é invertida na leitura irônica (BURGERS; JAN SCHELLENS; VAN MULKEN, 2011)⁴². Ainda de acordo com Burgers, Jan Schellens e Van Mulken (2011) a ironia deve ter as seguintes características: (a) Ser avaliativa; (b) ser baseada na incongruência entre a oração irônica e o contexto; (c) ser baseada na inversão de valência entre o literal e o significado pretendido; (d) almejar um alvo; e (e) ser relevante a situação comunicacional de alguma maneira (BURGERS; JAN SCHELLENS; VAN MULKEN, 2011).

A ironia é normalmente abordada nas teorias linguísticas e pragmáticas em dois grupos principais: as teorias neo-griceanas e as teorias de natureza *ecóica* (teoria eco). Nas teorias neo-griceanas a ironia é considerada como sendo um tipo de linguagem figurativa, ou seja, quando palavras ou frases são usadas de maneira não literal para expressar ideias de forma implícita (PERRINE, 1966), o significado de um enunciado

sentidos às frases. Como por exemplo o *point d'ironie* (°) um ponto de interrogação ao contrário, que serviria sinalizar que determinada frase faz uso de um sentido irônico.

⁴¹ ...an utterance with a literal evaluation that is implicitly contrary to its intended evaluation.

⁴² ... an utterance is read ironically, the valence of the evaluation implied in the literal utterance is reversed in the ironic reading.

irônico é alcançado por meio da rejeição de um significado literal, em outras palavras, nesse caso a ironia ocorre quando o uso da língua envolve algum tipo de incongruência ou discrepância.

Segundo Perrine (1996) há basicamente três tipos de ironia: verbal; dramática e de situação.

Ironia verbal: O que é dito é o oposto do significado, ou seja, o uso de palavras para expressar algo além do sentido literal. Exemplo: Fulano é um ótimo aluno, reprovou em todas as matérias semestre passado.

Ironia dramática: Incongruência ou discrepância entre o que alguém diz ou pensa e o que o leitor sabe ser a verdade (ou entre o que uma personagem percebe e o que autor quer que o leitor perceba. Exemplo: As tiras em quadrinho, em muitas delas as personagens estão envoltas de um problema, mas isso só é percebido pelo leitor.

Ironia de situação: Uma situação na qual há incongruência entre aparência e realidade, ou entre expectativa e realização, ou entre a situação real e o que poderia ser apropriado. Um exemplo são memes onde algo inesperado ocorre, como se o universo conspirasse contra a personagem.

Nas teorias de natureza *ecóica*, a definição clássica de ironia é deixada de lado, a ironia passa agora a ser considerada uma forma de menção ecóica (*echoic mention*), reconsiderada em seguida por Sperber & Wilson (1981) como sendo uma interpretação ecóica (*echoic interpretation*), ou seja, nessa visão, um enunciado irônico sempre cita o enunciado de outra pessoa (por isso o termo *eco*) ou, às vezes, uma norma implícita - ao mesmo tempo em que expressa uma atitude de desaprovação em relação ao enunciado ecoado (EL REFAIE, 2005). Sendo assim, o falante ecoa uma interpretação de um pensamento ou opinião ao mesmo tempo que discorda do que é ecoado.

Para El Refaie (2005) a ironia pode ocorrer de muitas formas diferentes, e essas abordagens são limitadoras quando se leva em consideração a ampla gama de possíveis usos da ironia, pois o enfoque central nessas abordagens tem sido apenas a ironia do tipo verbal, sendo objeto da investigação a sentença irônica em isolamento ou em um texto construído. Para Clift (1999) essa postura produziu modelos teóricos muito limitados que dificultam mostrar o que é ironia e ao mesmo tempo muito amplos para esclarecer o que a ironia faz. Clift (1999) sugere que a ironia é analisada de maneira mais eficaz quando se leva em consideração suas diversas formas (dramática, visual, situacional etc).

A ironia pode ser um recurso persuasivo muito potente principalmente para expressar críticas. Como explica El Refaie (2005) que ao analisar reportagens de jornais

austríacos sobre pessoas em busca de asilo na Europa, mostra que esse recurso pode ser usado como uma estratégia eficaz para desafiar os discursos dominantes, e fazer com que o leitor compartilhe da mesma perspectiva do ironizador, encorajando o leitor a reavaliar suas opiniões.

SEÇÃO II

2. METODOLOGIA

A investigação baseia-se em uma metodologia fundamentada na gramática-da-oração na tentativa de aclarar o modo como os traços léxico-gramaticais da estrutura superficial do texto (microestrutura do texto) expressam mensagens específicas e identidades (macroestrutura) no nível profundo do discurso dentro do escopo da LSF de Halliday e Matthiessen (2014).

A partir de traços léxico-gramaticais superficiais do texto, o contexto na qual os memes estão envolvidos, e os preceitos da gramática visual dentro deles, a pesquisa de caráter qualitativo busca trazer um entendimento profundo dessas mensagens e do discurso contidos nos memes analisados, para que, desta forma, os termos caracterizados como novidades semânticas sejam compreendidos plenamente.

2.1 Dados

São analisados seis textos verbos-visuais (memes) que fazem uso de supostas novidades lexicais e/ou variação do tipo semântico-lexical da língua inglesa na internet, ou seja, termos que possivelmente foram criados sem que se operasse nenhuma mudança formal nas unidades léxicas e que estão sendo usados com certa frequência no ambiente online. Todos os memes selecionados para esta pesquisa são recortes ou exemplares de *trends* (palavras, assuntos ou nomes que são mencionados em redes sociais ou sites de notícia durante um período de tempo), são eles:

(a) turn up

	<p>A imagem de um chefe de estado (ex-presidente estadunidense Barack Obama) em um bar confraternizando com amigos acabou se tornando um template (modelo de layout) para a criação de uma <i>trend</i> de memes relacionada à boêmia, divertimento, festas etc. nas redes sociais. <i>Turn up</i> aparece com frequência em memes com essa temática.</p>
---	---

Fonte: imgflip.com/i/4htp2e

(b) snowflake

	<p>A <i>trend</i> de memes com o termo <i>snowflake</i> tornou-se popular recentemente, principalmente, nos Estados Unidos, no período de discussões acaloradas sobre política nas redes sociais. No meme em questão, uma multidão pode ser vista na frente do capitólio,</p>
---	---

Fonte: www.memesmonkey.com/topic/snowflake#&gid=1&pid=5

(c) lit

	<p>O meme de um cãozinho sentado em um ambiente em chamas ficou popular no mundo todo ganhando versões em diversas línguas, principalmente por satirizar mensagens de otimismo, ou negação da realidade. O termo <i>lit</i> incrementa o trocadilho na piada verbo-visual.</p>
---	--

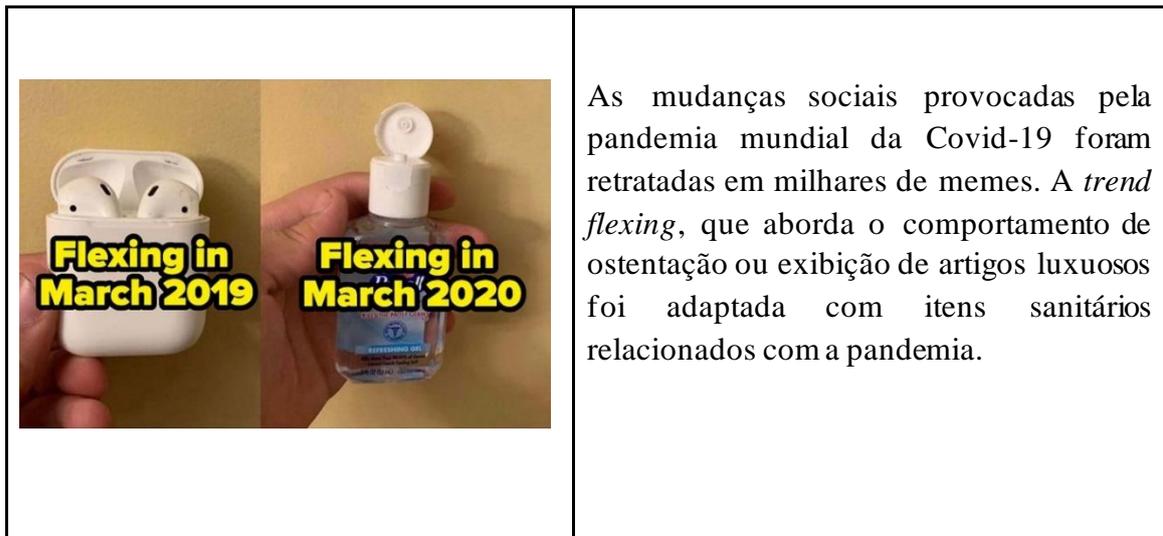
Fonte: imgflip.com/i/4hy8rd

(d) thicc

<p>Mrs Incredibly thicc</p> 	<p>Um garoto que parece olhar fixamente para as nádegas de uma personagem que se apresenta e/ou interage com outras crianças em um evento viralizou nas redes sociais. Este e outros memes ajudaram a popularizar o termo <i>thicc</i>.</p>
---	---

Fonte: pt.memedroid.com/memes/detail/2248890/Thicc

(e) flexing



Fonte: i.kym-cdn.com/photos/images/original/001/797/301/c47.jpg

(f) slick



Fonte: ifunny.co/picture/him-you-think-you-so-fuckn-slick-me-jgSh1wY17

2.2 Procedimentos de análise

Na análise para o exame de qualificação apresentaremos três análises (a, b, c).

Para responder às perguntas de pesquisa – (a) como é feita a persuasão via humor e ironia nos memes de internet? (b) como os sistemas imagéticos, segundo os princípios da abordagem cognitiva e a GDV, estruturam os neologismos (ou as inovações lexicais) em memes da internet. Os seguintes procedimentos foram adotados:

1. apresentação do meme;
2. análise do contexto situacional, e aplicação da Teoria de Gênero e Registro (TGR) do meme (campo, relações e modo);
3. análise da verbiagem (enunciado verbal) do meme, segundo a LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).
4. análise imagética (da imagem e da cor), segundo a Gramática Sociosemiótica. (KRESS; VAN LEEUWEN (2001);
5. análise da metáfora e metonímia conceptuais (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

SEÇÃO III

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS MEMES

A fim de facilitar a organização e padronização, os memes serão identificados pela inovação lexical presente em cada um deles, respectivamente: *turn up*; *snowflake*; *lit*; *thicc*; *flexing* e *slick*.

3.1 *Turn up*

A figura 19 apresenta um meme que traz a imagem do ex-presidente estadunidense Barack Obama em uma celebração do dia de São Patrício, quando esteve no *Dubliner Irish Pub* em Washington, D.C., em março de 2012. A imagem faz parte da *trend* conhecida como *upvoting Obama*. No meme em questão percebe-se a frase *It's Friday!* (É sexta-feira!) na parte superior da imagem e logo mais abaixo *turn up* (termo que será discutido mais adiante).

Figura 19 - *Turn up*



Fonte: @Shitheadsteve/ Instagram, acessado em julho de 2021

3.1.1 Contexto situacional

- (a) **Campo** (assunto): o presidente Obama encontra-se em um *happy hour* em algum tipo de *pub*.
- (b) **Relações** (interação): com um ar um pouco negligente, possivelmente pelo efeito de um chope, o ex-presidente parece estar relaxando com amigos e possivelmente cumprimenta admiradores.
- (c) **Modo** (construção do texto): refere-se ao texto do meme, uma combinação multimodal incluindo língua, imagem e cor.

3.1.2 Análise e discussão do enunciado verbal

It [portador] `s [processo relacional] Friday! [atributo]
Turn up! [processo material]
Apreciação (+)

It's Friday é uma oração do tipo relacional por se tratar de um tipo de frase que contribui para a definição de algo, no caso específico, o pronome neutro *it* é o portador de uma definição, o atributo *Friday*. A problemática maior recai sobre o verbo frasal *turn up*, pois há possibilidade nesse caso de interpretações variadas, de acordo com o dicionário Longman (2014, p.1976):

- (a) *Turn up*: Aparecer em algum lugar inesperadamente.⁴³

No entanto, o termo recebe uma outra definição no *Urban Dictionary*, dicionário colaborativo *online*.

- (b) *Turn up*: Se divertir, aumentar o consumo de drogas ou álcool para se divertir em um evento social (TURN UP, 2023)⁴⁴.

⁴³ *To arrive in a place, especially in a way that is unexpected.*

⁴⁴ *To increase the amount of drugs/alcohol in the body in order to increase the possibility of having a good time at a social gathering.*

Se a acepção fosse (a), a interpretação do meme soaria como algo do tipo: *É sexta-feira, apareça!* (aqui no bar, por exemplo). Se a acepção fosse (b), a interpretação seria algo como: *É sexta-feira, divirta-se!* (extravase-se!).

A escolha entre (a) e (b) implica conceitos ideacionais distintos, pois em (a) o processo é material e em (b) o processo é mental, relacionado com o sentir, tendo por consequência um experimentador e um fenômeno.

A respeito da avaliatividade, a semântica de avaliação, é possível estabelecer algumas conjecturas: *Friday* é em muitos países, o último dia de trabalho na semana e o início do fim de semana, demonstrando que o uso do dia da semana em questão não é arbitrário, ele é parte de um contexto de cultura específico, que ajuda a trazer significado ao meme e a compreender de maneira contextual o termo *turn up*. Se o contexto estivesse atrelado a alguma região do oriente médio, por exemplo, o uso de sexta-feira não teria a mesma carga semântica, pois na tradição islâmica sexta-feira é um dia tradicionalmente reservado à oração e reclusão. A apreciação é, portanto, positiva pois, no contexto de cultura ocidental, a sexta-feira é de certa forma um dia festivo.

3.1.3 Análise e discussão da imagem e da cor

A análise das imagens é feita baseando-se em Kress e Van Leeuwen (2006), uma proposta relacionada à LSF: ideacional, interpessoal e textual atualizada em: (a) contato; (b) distância social; (c) dimensão (horizontal e vertical), respectivamente.

Contato: Em um ar escuro e sombrio, o ex-presidente segura um chope escuro com a mão esquerda e com a direita faz um sinal de positivo. O olhar do ex-presidente estabelece uma Oferta ao espectador e isso ajuda a dar a impressão de que seja alguém muito mais extrovertido do que o normal.

Distância Social: A figura popular do ex-presidente dos EUA tem grandes destaques pessoais como pessoa pública. Apesar de status de um presidente, o gestual carismático e o fato de estar em local popular (um bar) aproxima o leitor do meme com Barack Obama ou seja, esses fatores promovem certa proximidade social.

Dimensão: Na dimensão horizontal, a popularidade do presidente faz o leitor/espectador se aproximar do presidente. O ambiente revestido de madeira traduz a sensação de aconchego em ambientes, intensificando essa aproximação. No caso da dimensão

vertical, a face do presidente acenando a alguém promove uma relação de poder entre o ex-presidente e o espectador.

Cor: O ambiente é escuro e um dos participantes ao lado do ex-presidente tem a cor da roupa da mesma cor do presidente, o que dá um destaque ao presidente e secundariza o ambiente e demais participantes. Exceto pela mão de um dos participantes, de raça branca, que mostra o chope.

3.1.4 Análise e discussão da metáfora

Para Li (2020), as escolhas lexicais coloquiais, no caso do meme, o verbo frasal (*phrasal verb*) *turn up*, constroem metáforas dominantes que funcionam com temas organizacionais promovendo um determinado entendimento desse meme.

No caso da verbiagem do meme, *It's Friday! Turn up!* a soma das escolhas léxico-gramaticais e os detalhes imagéticos do meme, que, por meio de metonímia, podem revelar conteúdos significativos subjacentes ao texto devido a disparos do frame do leitor/espectador. Nesse sentido depreende-se a metáfora:

SEXTA FEIRA É CELEBRAÇÃO/DIVERTIMENTO

No entanto, poderia haver uma outra leitura de *turn up* como variação semântico-lexical ou novidade semântica? Afinal, como e por que o neologismo *turn up* pode ser associado com celebração ou divertimento? Uma hipótese sobre a acepção de *turn up* como colocação adequada para celebração ou divertimento, pela perspectiva cognitiva, é a de que o termo seja uma metáfora do tipo orientacional (MAIS É PARA CIMA ou DIVERSÃO É PARA CIMA), aquela que transformam conceitos abstratos em entidades mais concretas por direcionamento (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Sendo assim, uma hipótese é a de que *turn up* soe como algo do tipo: *extravasar*, o que, neste caso poderia ser um sinônimo de *transbordar*, em uma possível alusão ao copo de bebida que transborda devido à quantidade excessiva de um líquido, no caso do meme em questão, um chope ou mesmo *extravasar* no sentido de fazer exagerar as emoções ao sair de um estado mental sóbrio para um estado mental desregrado. Ou mesmo a comparação do corpo humano com um aparelho eletrônico, como um rádio ou televisão, que para aumentar seu volume é necessário girar uma maçaneta ou apertar um botão, em inglês um verbo frasal para expressar essa ação é coincidentemente *turn up*, como em frases do tipo:

*They turned the volume up so as to listen the song better.*⁴⁵

Isso faria certo sentido, pois, nesse contexto, o contexto de diversão, de festa e boêmia, o som alto é um elemento corriqueiro no ambiente.

3.1.5 Discussão geral da análise

A acepção do verbo frasal *turn up* no meme apresentado nesta dissertação é um neologismo do tipo semântico, ou seja, criado sem que se opere nenhuma mudança formal em unidades léxicas existentes (MARIA ALVES, 2007), portanto, por ser um termo dicionarizado algumas acepções de *turn up* podem passar despercebidas em determinadas ocasiões ou funcionarem de maneira ambígua, como é caso do meme da figura 19, pois poderia ser interpretado como um convite a alguém, algo do tipo: *é sexta-feira, apareça!*, essa é um possível leitura, no entanto ao analisar alguns outros memes em que *turn up* é recorrente, essa acepção pode parecer insuficiente, como é o caso dos memes abaixo.

Quadro 9 - *Turn up* em dois memes



Fonte: ifunny.co/picture/if-you-don-t-look-like-this-by-sam-then-cZO4F6m9?s=cl/
<https://imgflip.com/i/ehaud>

Muitos verbos frasais possuem mais de uma acepção. Isso não é nenhuma novidade, tome por exemplo: (1) *Go out* (sair de casa para ir a uma atividade social) e (2) *go out*: (extinguir, apagar o fogo). Apesar de aparentemente terem dois significados, muitos sentidos que parecem ser totalmente distintos estão, de certa forma, conectados por um

⁴⁵ *Eles aumentaram o volume para ouvir melhor a canção.*

aspecto figurativo e metafórico (WALTER, 2017). Como exemplo, pode-se pensar nas acepções de *break down*, que apesar de apresentarem significados distintos nos dicionários, estão conceptualizadas pela lógica de algo que não funciona corretamente:

- a) *The truck broke down.* (parar de funcionar)
- b) *She broke down and cried when she heard the news.* (descontrolar-se e chorar)
- c) *Their marriage broke down.* (terminar)

Além disso, o contexto situacional é crucial para uma interpretação de maneira coerente e, novamente, sendo o meme um gênero multimodal, a verbiagem ganha significado condizente devido a parte visual, ambas estão imbricadas para que a interpretação seja eficaz e que provoque humor.

3.2 *Snowflake*

A figura 20 apresenta um meme criado a partir de uma fotografia retirada por Erik de Haan; nela, é possível ver milhares de pessoas em frente ao capitólio, prédio em Washington, D.C. que é a sede do legislativo do Estado americano.

Figura 20 - *Snowflake*



Fonte: www.memesmonkey.com/topic/snowflake#&gid=1&pid=5, acessado em maio de 2022

A fotografia tornou-se um registro conhecido nas redes sociais e mídia em geral, da marcha das mulheres que ocorreu em mais de 600 cidades dos Estados Unidos e do mundo, em janeiro de 2017, quando milhares de pessoas foram às ruas em defesa dos direitos das mulheres e das minorias, numa espécie de anticelebração da posse de Donald

Trump, ocorrida em 20 janeiro daquele ano. A mídia considerou o protesto como sendo um dos maiores na história dos Estados Unidos e, além disso, um dos mais pacíficos e bem humorados. Alguns manifestantes carregavam cartazes com dizeres do tipo *we shall overcomb*⁴⁶ em uma alusão jocosa à calvície e ao penteado do então presidente Donald Trump. No lugar de cartazes como esse, nas mídias sociais, o protesto ganhou adaptações adequadas ao tipo de linguagem naquele ambiente. Os memes foram utilizados com um fim parecido àquele ocorrido nas ruas. A figura 20 é um desses memes, que traz uma mensagem de empoderamento de grupos que lutam pelos direitos de equidade entre os cidadãos.

3.2.1 Contexto situacional

- (a) **Campo** (assunto): um protesto ou manifestação, evidenciado por bandeiras e cartazes com palavras de ordem.
- (b) **Relações** (interação): partidários, simpatizantes das pautas consideradas progressistas.
- (c) **Modo** (construção do texto): uma combinação multimodal de língua, imagem e cor.

3.2.2 Análise e discussão do enunciado verbal

Em dezenas de dicionários de língua inglesa, o vocábulo *snowflake* é apresentado com sua definição mais trivial: minúscula gota de água fria que se transforma em cristal de gelo e cai do céu, ou seja, o floco de neve. No entanto, paralelamente à sua acepção mais comum, o termo *snowflake* vem sendo usado, desde há algum tempo, em um contexto político. Inicialmente, por volta de 1860, o vocábulo era utilizado com frequência para se referir às pessoas que se opunham à abolição da escravatura nos Estados Unidos. Fazia alusão à cor branca da neve e ao fato de pessoas brancas menosprezarem ou subjugarem pessoas negras (STONE, 2017). No inglês atual, o vocábulo tem sido usado para referir-se a uma pessoa considerada muito sensível, que é facilmente afetada por algo que foi dito (GALLAGHER, 2020), sendo, portanto, uma palavra de característica bivalente. Tanto pode ser usada para falar de alguém da esquerda

⁴⁶ A piada no cartaz ocorre por conta de uma paronímia (*overcomb* e *overcome*). O uso do termo *overcomb* [quando homens calvos penteiam (*comb*) o cabelo por cima (*over*) da parte da cabeça que não há cabelos] oferece o aspecto jocoso da frase nesse determinado contexto, pois os vocábulos *overcomb* e *overcome* (superar um obstáculo) são quase homófonos em língua inglesa.

quanto alguém da direita, como foi o caso em janeiro de 2017, quando o jornal *The Guardian* publicou uma reportagem (*America: behold, your Snowflake-in-Chief*) afirmando que o insulto (*snowflake*) proferido com frequência por partidários da extrema direita contra os democratas poderia perfeitamente ser aplicado também ao que a reportagem chamou de líder da extrema direita nos Estados Unidos, o ex-presidente Donald Trump, pois, corriqueiramente, Donald Trump impõe a si mesmo a condição de vítima, é presunçoso, egoísta e não suporta críticas, algumas das qualidades que definem um *snowflake*. No Brasil, o termo chegou a ser traduzido e obteve considerável popularidade, com expressões do tipo *geração floco de neve*, usada para descrever pessoas mimadas e extremamente sensíveis que não toleram críticas. Apesar da similaridade, no Brasil o vocábulo não ganhou tanto protagonismo em debates sobre política como ocorreu e ocorre nos Estados Unidos. Em muitas outras culturas esse vocábulo é recorrente, mas não pela acepção política da palavra, pelo menos não de maneira direta, como ocorre nos estados Unidos, onde é utilizada para falar da questão direita-esquerda, por exemplo. Em muitos países o vocábulo aparece com frequência em textos jornalísticos, mais em tom de novidade a respeito do comportamento dos jovens e adolescentes da geração Y, que com frequência é representado pela mídia, como uma geração que se ofende facilmente⁴⁷. Em muitos desses textos o termo ganha até traduções como: *Generation Schneeflocke* (alemão); *generación copo de nieve* (espanhol) e *génération flocon de neige* (francês).

Como já mencionado, nos Estados Unidos a *trend* de memes com o termo *snowflake* tornou-se popular entre internautas estadunidenses em discussões acaloradas sobre política principalmente nas redes sociais, no período que antecede e durante o mandato de Donald Trump. O vocábulo foi e continua sendo utilizado com frequência por idealizadores ou partidários da política conservadora estadunidense, como forma de insulto político direcionado às pessoas que seguem uma visão política liberal, ou de esquerda.⁴⁸ No entanto, em alguns casos raros, o termo também é utilizado por parte de manifestantes da esquerda para referir-se aos manifestantes de direita.

⁴⁷ Os textos que explicam ou abordam *snowflake* têm geralmente títulos como: *Warum sind alle so schnell beleidigt?* (Por que todo mundo se ofende tão facilmente?) ou *¿Qué es la generación copo de nieve y por qué se le acusa de ser conflictiva?* (O que é a geração floco de neve e por que a acusam de ser conflituosa?)

⁴⁸ Apesar do contexto histórico dos Estados Unidos ter de certa forma trazido particularidades aos epítetos (liberal e conservador), como por exemplo as ideologias federalista e anti-federalista; liberais e

Snowflakes [ator] create [processo material] an avalanche [meta].

Apreciação (-)

Quando a frase do meme (*Snowflakes create an avalanche*) é analisada sob o enfoque da gramática de significado de Halliday e Matthiessen (2014), mais especificamente sob o enfoque da transitividade (da metafunção ideacional, quando usamos a língua para falar sobre o mundo) é possível notar o uso de um processo material: *create*, tem-se, portanto, uma oração material transitiva, que é evidenciada pela meta: *avalanche*

Ainda na frase em questão, é possível perceber uma avaliatividade evocada (implícita), pois *create an avalanche* é, em muitos contextos situacionais, dependendo do *frame* do leitor, algo negativo, estando geralmente relacionada a catástrofes e mortes, como em manchetes do tipo: *A avalanche provocou uma dezena de mortos e feridos*. No entanto, esse não parece ser o caso do *token* apresentado no meme, pois quem cria a avalanche são os manifestantes que lutam pelos direitos humanos. Tem-se, portanto, um *token* de atitude apreciação positivo, contra uma postura supostamente autoritária de um presidente mais extremista.

A valência da avaliação implícita de *snowflake* na sociedade estadunidense é a de que o termo seja sinônimo de fraqueza ou fragilidade. Portanto, algo negativo. No entanto, como o apoio do vocábulo avalanche, que é reforçado semanticamente pelo texto imagético (a multidão de pessoas) no meme (figura 20), *snowflake* passa a ser ressignificado por meio da ironia. A ressignificação do termo é uma das armas para estabelecer a plataforma de mudança política de oprimidos em um levante contra opressores.

Portanto, é possível concluir que *snowflake* está um *território em disputa*, pois desde que começou a ser utilizado para tratar de assuntos sócio-políticos, por volta de

conservadores têm uma visão ideológica parecida com movimentos políticos brasileiros de esquerda e direita respectivamente, ou seja, são grupos com visões políticas antagônicas.

1860, o termo oscila entre diferentes avaliações sociais e ressignificações semântico-pragmáticas.

3.2.3 Análise e discussão da imagem e da cor

A análise das imagens é feita tendo como direcionamento os conceitos de Kress e Van Leeuwen (2006), que adaptaram as metafunções do modelo da LSF: (a) contato; (b) distância social; (c) dimensão (horizontal e vertical).

Contato

Na fotografia do meme (figura 20) é possível notar que poucos manifestantes olham diretamente para a câmera, a maioria está alheia ao fato de que uma fotografia estava sendo feita naquele momento e os olhares estão direcionados à outros participantes ou ambiente ao redor deles, de maneira geral, não há um contato direto estabelecido, isso implica afirmar que a ação da imagem sobre o espectador não é de demanda, mas de oferta, ou seja, a ideia não é intimidar o espectador à aderir as manifestações, mas refletir nessa possibilidade de uma maneira

Distância Social

Os participantes da imagem estão relativamente longe do espectador, portanto o enquadramento dá a ideia de não se tratar de uma relação pessoal e de intimidade, isso dá a impressão que o participante interativo está apenas observando a cena e não fazendo parte dela.

Dimensão

A figura 20 tem ângulo superior, o ponto de vista de quem vê a cena do alto e confere um maior poder ao observador.

Cor

A cor com maior destaque no meme é o rosa, que é a cor que remete ao feminino em muitas sociedades contemporâneas na atualidade. No caso em particular, trata-se de uma cor que está em consonância com o evento em questão, a marcha das mulheres.

3.2.4 Análise e discussão da metáfora

Originalmente, o termo *snowflake* era, e ainda continua sendo, usado concomitantemente com o seu sentido literal de floco de neve, e essa mudança ou

ampliação semântica do termo, não parece ser ingênua ou aleatória, ou seja, a ideia de associar um floco de neve com pessoas fracas e sensíveis, na visão de conservadores, parece ser um desdobramento semântico perfeito, pois um floco de neve é sensível a forças naturais maiores como, por exemplo, a luz do sol, que faz com que o floco de neve derreta facilmente. Em um contexto político, *snowflake* acaba por representar as ideologias, argumentos e ideias da esquerda, que, segundo os opositores, podem ser facilmente dissolvidos pelos raios de sol, que nesse caso, representariam, de maneira obviamente abstrata, a direita ou conservadorismo. Portanto, chega-se, assim, à uma primeira metáfora:

PROGRESSISMO É FRAGILIDADE

No entanto, ao considerar o meme da figura 20, um outro tipo de significação é gerado, levando em consideração a metáfora já convencionalizada acima (PROGRESSISMO É FRAGILIDADE). Devido as escolhas léxico-gramáticas, combinadas com imagem no meme da figura 20, a metáfora conceptual gerada é o contrário da primeira, vista na perspectiva de um progressista:

PROGRESSISMO É FORÇA

O conceito por trás dessa última metáfora é o de que um floco de neve (*snowflake*) é, sem dúvida nenhuma, algo fraco, que pode derreter facilmente, mas que a junção, união ou confluência de vários flocos de neve, cria uma massa de neve que pode desprender-se e precipitar-se, causando conseqüentemente danos, nesse caso, danos à ideologia conservadora. Portanto, o significado dessa última metáfora é o de que a UNIÃO É FORÇA, e que ideias conservadoras podem ser dissolvidas quando partidários da esquerda se unem em um propósito comum. Tudo dependerá, obviamente, do *frame* do espectador/leitor.

3.2.5 Discussão geral da análise

O meme de um protesto em frente ao capitólio em Washington, D.C só pode ser compreendido integralmente se a análise partir de um contexto situacional e cultural, considerando-se o frame do leitor/espectador. O significado do meme também ficaria comprometido, caso o enfoque fosse apenas o conhecimento semântico (significado independente do contexto) ou o pragmático (significado dependente do contexto), os dois tipos de conhecimento se complementam para formar um todo, para gerar um significado.

O termo *snowflake* apesar de, nem sempre, ou pelo menos inicialmente, não ter conotação política, acabou sendo utilizado para referir-se a determinados grupos político-partidários, nesse caso, com mais notoriedade à esquerda nos Estados Unidos. Em um paralelo com a realidade sócio-política brasileira, o vocábulo *snowflake*, em português brasileiro, poderia ser traduzido como algo do tipo *turma do mimimi* ou *esquerdopata*, que, por sua vez, também podem ser termos insultuosos para grupos de pessoas que se identificam com as pautas mais progressistas. No entanto, a apropriação do vocábulo (como ocorre no meme da figura 20) por grupos de esquerda ganha uma definição semântico-pragmática inédita, em uma metáfora conceptual trabalhada de forma engajada politicamente, tratando-se, desta maneira, de uma metalinguagem, pois a criação do próprio meme torna-se um ato político, sendo que a manipulação e ressignificação da conotação de um termo, dito ofensivo ou inferiorizante, para um outro que sugere empoderamento, é um ato de demonstração de poder, sendo que mudanças sociais ou inovações lexicais tanto podem surgir naturalmente como também ser produto da força de grupos subjugados que se apropriam, não só do discurso, como também das mais diversas instâncias culturais e reescrevem sua própria representação, em uma luta simbólica por direitos, uma luta que requer armas peculiares (LOURO, 1997). Como exemplo no português, tem-se a palavra *viado* ressignificada no campo de batalha das lutas pela representatividade; o termo chulo foi, e muitas vezes ainda continua sendo utilizado no português brasileiro contemporâneo para referir-se de maneira difamatória ao homossexual masculino, no entanto é perceptível que, nos últimos anos, ele começa a ganhar espaço no discurso das pessoas ou grupos que lutam pelos direitos LGBTQIA+ de maneira ressignificada, ou seja, *viado* parece estar saindo de uma conotação exclusivamente aviltante para uma outra de empoderamento, de autoafirmação, do gay como detentor de direitos e respeito não mais como um paria ou subjugado, como aconteceu com o termo *queer* no inglês, que hoje ganhou uma acepção empoderada e é inclusive nome de teoria (*queer theory*). O discurso do opressor está sendo aos poucos aniquilado por justamente aqueles que antes eram os oprimidos. Esse tipo de inovação semântico-lexical que vem das ruas e que é pressionado por questões pragmáticas de uma sociedade em busca de um aditamento dos direitos civis pode ser notado em muitos outros cantos do mundo. Na China, por exemplo, o jargão médico *tongxinglian*⁴⁹ que implica a

⁴⁹ 同性恋

homossexualidade como patologia tem perdido força (mesmo contra a vontade dos lexicógrafos vinculados com o governo chinês) para *tongzhi*⁵⁰ (literalmente: a *mesma vontade* ou *mesmo propósito*) (CHAO, 2009). Um termo não só de empoderamento, mas politicamente correto e coerente, sendo que desde 2001 a homossexualidade naquele país não é mais considerada uma doença mental (WU, 2008).

Inovações semântico-lexicais como *viado* (no Brasil), *tongzhi* (na China) e *snowflake* (nos Estados Unidos) estão permeadas por um processo político e social que urge por mudanças de comportamento e de discurso; muitas dessas mudanças estão sendo propulsionadas no ambiente *online*, por meio, por exemplo, de memes, que possuem uma maneira específica de manipular e espalhar o texto. A mensagem do meme (figura 20) poderia ter sido feita de maneira direta, agressiva ou contundente, no entanto o meme lança mão de um jogo de palavras e explora como elas podem ser interpretadas em relação a estruturas de conhecimento esquemáticas (*frames*) ou domínios de experiência (FERRARI, 2014), desta maneira o texto é suavizado e enriquecido, fazendo com que seja atraente e engajador para milhares de internautas que, ao replicarem o meme nas redes sociais, replicam também a mensagem e consequentemente a inovação lexical. O meme seria, portanto, como um jogo em que todos querem participar, porque isso lhe daria o sentimento de pertencimento ao grupo.

3.3 Lit

A figura 21 apresenta um exemplo de uma série de memes criada a partir de uma ilustração do cartunista estadunidense K.C. Green, sendo na verdade a primeira parte de um *webcomic* (histórias em quadrinhos publicadas na internet) de seis quadros publicado em janeiro de 2013 no website *gunshowcomic.com*. O meme traz um cãozinho muito calmo e feliz, porém sentado em um ambiente em chamas. Quase nenhuma adaptação foi feita para tornar a ilustração em um meme, a ideia original do cartunista permaneceu praticamente inalterada, no entanto, o texto da ilustração original *this is fine*⁵¹ é

⁵⁰ A aversão do governo comunista chinês em reconhecer e até dicionarizar a nova acepção da palavra *tongzhi* (同志) está possivelmente no fato de que durante a revolução comunista da China (1921- 1949) o vocábulo tornou-se uma forma de cumprimento respeitosa entre os partidários, (algo como *camarada*). No entanto por volta do final da década de 1970 o termo entrou em desuso no âmbito político e após um hiato de algumas décadas a palavra ressurgiu e começa a ganhar popularidade entre a comunidade gay chinesa.

⁵¹ *This is fine. I'm okay with the events that are unfolding currently.*

modificado em alguns memes, como o do escolhido para a análise nessa dissertação (figura 21), *its (sic) lit* e obviamente em versões traduzidas para outras línguas, como, por exemplo, no Brasil (em português: *vai dar certo*), que ficou popular não só como meme, mas como *sticker* em aplicativo de mensagens instantâneas, como o *WhatsApp*.

Figura 21 - *Lit*



Fonte: me.me/i/its-lit-22115154, acessado em novembro de 2022

O meme do cãozinho otimista que tenta garantir que *tudo está bem*, apesar da situação nada favorável, ficou popular por justamente ironizar temas deprimentes da atualidade, como explica o jornalista Orsini (2016) em uma reportagem para jornal francês *Le Monde* sobre o meme que viralizou também nas redes sociais na França: “Donald Trump oficialmente escolhido como candidato republicano à presidência americana? (*This is fine!* Está tudo bem). O derretimento da Antártida nunca foi tão rápido como agora? (*This is fine!* Está tudo bem).”

3.3.1 Contexto situacional

- (a) **Campo** (assunto): um cãozinho aparentemente calmo e feliz ironicamente em um ambiente em chamas tenta comunicar que está tudo bem, quando na verdade o que se percebe é o contrário.
- (b) **Relações** (interação): o cãozinho não parece interagir com outra personagem na imagem, mas dá a entender que interage jocosamente com o leitor do meme.
- (c) **Modo** (construção do texto): texto multimodal combinando língua, imagem e cor.

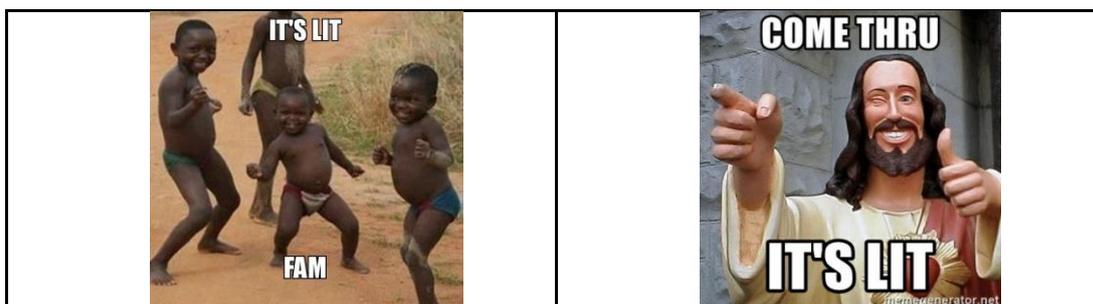
3.3.2 Análise e discussão do enunciado verbal

It [portador] `s [processo relacional] lit [atributo].
Apreciação (-)

A palavra *lit* no inglês padrão é o pretérito (simplex e particípio) do verbo *light* (iluminar, acender, incendiar, clarear). No caso do meme em questão, ao analisar o enunciado verbal é possível perceber que *lit* é na verdade um atributo, trata-se de um verbo atributivo, ou um particípio com valor de adjetivo.

Ao analisar o meme tendo o enfoque na metafunção ideacional, o verbo *lit* mostra ser uma alternativa condizente com a proposta do componente imagético (um ambiente em chamas). No entanto, findar a interpretação de *lit* como tendo unicamente uma definição possível deixaria de lado um outro *frame* (domínio semântico vinculado a uma palavra) que poderia somar para a compreensão integral do meme. O vocábulo *lit* ajuda a entender a problemática de que nem sempre as chamas ou fogo tem relação direta com a palavra:

Quadro 10 - *Lit* em duas *trends* de memes



Fonte: makeameme.org/meme/its-lit-fam-592307

Como é possível observar nos dois memes do quadro 10, que fazem parte de duas *trends* muito populares na internet, a imagem do fogo não faz parte do componente imagético, dissociando dessa forma a acepção de *lit* unicamente como algo em chamas, no entanto, esse elemento (o fogo, a chama) pode estar nos memes do quadro 10 de forma topológica, ou seja, não literal, dentro de uma metáfora conceptual, como será discutido mais à frente. O vocábulo *lit* no meme do cãozinho se torna provocante e consequentemente popular nas redes sociais justamente porque traz um duplo sentido ao imbricar estruturas de conhecimento já armazenadas na memória semântica permanente

do leitor. A brincadeira com dois tipos de *frame* encontrados em *lit* provoca humor e riso, o que supostamente amenizaria a crítica, o que deixa a mensagem muito mais eficaz e poderosa. O significado de uma palavra só pode ser entendido se *frames* cognitivos forem ativados, a experiência estruturada do conhecimento, convicções ou práticas constituem um tipo de pré-requisito conceptual para o entendimento do significado, como pode ser observado quadro abaixo.

Quadro 11 - *Frames* no vocábulo *lit*

<i>Frame</i> de FOGO	Alguém ateou fogo no ambiente, que agora está em chamas, ou seja, <i>lit</i> é usado com o sentido literal de: incendiar, atear fogo.
<i>Frame</i> de DIVERTIMENTO	A situação está favorável a diversão, está tudo bem, algo é excitante, alegre e positivo.

Fonte: Fillmore; Atkins, 1992

3.3.3 Análise e discussão da imagem e da cor

Contato

O cãozinho não olha diretamente para o espectador e isso de acordo com a GDV implica em uma Oferta (*Offer*) ao espectador que observa a personagem como um item em uma vitrine. Kress e Van Leeuwen (2006) sustentam que a escolha entre Demanda (*Demand*) e Oferta (*Offer*) além de engajar ou desestimular a relação espectador e produtor (da imagem) também caracteriza um gênero pictórico⁵², por exemplo, geralmente um âncora e um repórter de telejornal utilizam a função Demanda (*Demand*) para se postar diante da câmera, pois esses profissionais olham diretamente para o telespectador, já o entrevistado geralmente se posiciona em uma função do tipo Oferta (*Offer*), pois geralmente não olha diretamente para a lente da câmera, preferindo olhar para o repórter que o entrevista; a transgressão desse gênero pictórico cria desconforto em quem assiste. Ao não olhar diretamente para o espectador o cãozinho do meme se torna um objeto de contemplação, há portanto uma barreira imaginária entre a personagem e o espectador que tem a ilusão de que o participante representado não sabe que está sendo observado, isso é um recurso plausível do gênero pictórico para humor que dá ainda mais brecha a construção de uma piada visual, pois geralmente é assim que

⁵² *Pictorial genre*

se assiste ou se lê gêneros de humor, como por exemplo o *sitcom* ou a história em quadrinho.

Distância Social

O meme é formado por dois enquadres, no primeiro a personagem é vista em um plano médio que possibilita o leitor notar que o ambiente está em chamas, já no último enquadre a personagem é vista em um plano fechado (*close-up*), onde o foco é o rosto e o sorriso da personagem.

Dimensão

O cãozinho é visto por um ângulo oblíquo e isso traz o afastamento do observador da imagem, como se fosse permitido apenas observar, mas não participar, no entanto, o plano fechado, na segunda imagem, faz com que o leitor participe das emoções da personagem.

Cor

A prevalência da cor amarela condiz com a ideia gerada pelo meme de maneira geral, que é de simular um ambiente tomado pelo fogo, que comumente é representado nos desenhos com tons amarelados.

3.3.4 Análise e discussão da metáfora

A calidez, ou seja, algo que é cálido, que é quente está presente em muitas construções linguísticas, isso tem a ver com conceptualizações cognitivas criadas pelas experiências ideacionais do ser humano, um ser de características biológicas, um animal endotérmico que usa o calor gerado internamente para manter sua temperatura corporal. O calor é, portanto, uma característica de um corpo que está vivo e esse fato está imbricado no imaginário dos seres humanos. A ideia do calor, ou o que gera calor (o fogo, por exemplo) é parte fundamental de muitas construções linguísticas usadas para falar não só da vida (o estado de não estar morto), como também das características do que é viver. Um corpo tem energia, que é representada pelo calor e um corpo morto é inerte e frio. Essa conceptualização pode ser observada na língua portuguesa, em frases coloquiais do tipo: “Esse menino(a) é fogo” (tem muita energia, não para) ou mesmo em “a festa está pegando fogo, venha pra cá logo!” (a festa está muito animada, ou há muitos acontecimentos ocorrendo na festa). Em língua inglesa é possível notar que, além da

conotação sexual, como em: *She/he is hot* (ela/ele é gostoso(a)) o vocábulo *hot* também é usado para falar do estado mental ou físico, como por exemplo: *I don't feel so hot today* (Não me sinto disposto hoje.). O uso do vocábulo *hot* nesse contexto pode em primeiro momento parecer um tanto incomum para os falantes de português, mas isso pode ser explicado pela metáfora conceptual por trás da expressão:

ENERGIA É CALIDEZ

Ou seja, remete ao fato de que se não há calor, não há disposição ou vida. Essa metáfora conceptual (ENERGIA É CALIDEZ) também pode ser encontrada no português brasileiro, em frases do tipo: *O presidente teve uma recepção calorosa*, ou seja, foi uma recepção vivaz e possivelmente amigável. Algumas vezes essa metáfora conceptual (ENERGIA É CALIDEZ) também pode ser observada não apenas de maneira direta, mas encoberta por um determinado vocábulo, é o caso, por exemplo, do termo *acalentar*, em frases do tipo: *A mãe acalentou o filho em seus braços*, a palavra *acalentar* é originária do latim, *calidus*, que denota algo como sendo quente, aquecido ou amornado. Muitas vezes a metáfora pode perder seu caráter explícito no processo de tradução de frases do tipo: *I don't feel so hot today*, isso devido a barreiras linguísticas entre a língua inglesa e portuguesa, pois apesar da palavra *quente* fazer colocação com o verbo *sentir* em português, exemplo: *não me sinto quente hoje*, o sentido pragmático não é o de uma pessoa que está sem disposição ou energia, como ocorre em língua inglesa no contexto da frase *I don't feel so hot today*. Portanto uma tradução literal seria inadequada, pois no português brasileiro soaria ambíguo ou incomum dizer algo como: *não me sinto quente hoje* para dizer que não se está bem. O termo (*hot*) poderia nesse caso ser traduzido como: *bem*, *disposto* ou mesmo *com energia*, exemplo: *Não me sinto bem / disposto / com energia hoje*; essas escolhas lexicais (*bem*, *disposto*, *com energia*) parecem ser os termos adequados para a tradução do meme do cãozinho (figura 21) que tem sua mensagem propulsionada por um trocadilho linguístico e que por consequência disso a mensagem acaba se tornando muito mais poderosa e eficaz, pois a piada está embricada com uma metáfora conceptual preponderante.

3.3.5 Discussão geral da análise

O meme do cãozinho se tornou popular em muitos países justamente porque rompe as barreiras linguísticas, ele demonstra que texto é a soma de verbiagem e imagem, e que significado é articulado por meio dos *frames* do leitor. Além disso, ele evoca uma

metáfora conceptual subjacente que é possível de ser observada em muitas culturas e línguas, a ideia de fogo e calor, como algo positivo, como sugerem os exemplos abaixo:

Quadro 12 - O calor como domínio-alvo em quatro línguas distintas

<i>Português</i>	<i>A <u>chama</u> da paixão continua acesa.</i>	A chama é um componente do fogo, que por sua vez gera calor, se algo é caloroso, nesse contexto é algo positivo ou bom.
<i>Francês</i>	<i>Elle accueille ses amis avec <u>chaleur</u>.</i>	<i>Chaleur</i> pode ser traduzido literalmente como <i>calor</i> , logo, tem-se algo do tipo: Ele recebe / cumprimenta seus amigos <i>com calor</i> (<i>calorosamente</i>), ou seja, com simpatia, de maneira afetuosa.
<i>Espanhol</i>	<i>El poeta expresó su <u>ardiente</u> pasión por la mujer que amaba.</i>	O domínio-fonte calor também está presente em expressões do espanhol, no caso específico da frase <i>ardiente pasión</i> (no exemplo ao lado) é uma paixão intensa ou cheia de entusiasmo.
<i>Mandarim</i>	<i>这里的服务员不太<u>热情</u>.</i>	Mesmo em línguas não latinas é possível observar um sistema de conceptualização parecido. No exemplo em mandarim o vocábulo <i>热情</i> é na verdade a junção de duas palavras <i>热</i> (<i>calor</i>) e <i>情</i> (<i>sentimento</i>), logo a frase no exemplo soaria literalmente como algo do tipo: <i>Os garçons aqui não têm <u>sentimento de calor</u></i> , ou seja, não são amigáveis, receptivos ou amorosos (HAN, 2017).

Fonte: autor

Portanto essa mesma conceptualização está presente em culturas distintas e tendo essa característica em comum as barreiras linguísticas podem ser relativamente fáceis de serem contornadas pelos internautas de diversas partes do mundo, que manipulam o meme com adaptações para suas respectivas línguas, pois o texto ou vocábulo não é só o que está escrito, ou seja, a parte gráfica, ele é como uma árvore, onde é possível ver o caule, os galhos e as folhas, mas não as raízes que estão debaixo da terra, sendo necessário escavar para percebê-las.

3.4 *Thicc*

Este meme (figura 22) mostra um evento com atores fantasiados de personagens do filme de animação, Os Incríveis, lançado em 2004 pela Pixar. No meme é possível observar um garoto que parece olhar fixamente para as nádegas da personagem que se apresenta e/ou interage com outras crianças. No texto do meme o nome da personagem, que em inglês pode ser Elastigirl, Helen Parr ou Mrs. Incredible é trocado por *thicc* (termo que será discutido mais adiante).

Figura 22 - *Thicc*



Fonte: [me.me/i/mrs-incredibly-thicc-21136729](https://www.memegenerator.com/Gen/mrs-incredibly-thicc), acessado em outubro de 2022

3.4.1 Contexto situacional

- (d) **Campo** (assunto): uma criança aparentemente olha para as nádegas de uma atriz fantasiada de uma personagem de filme animação infantil.
- (e) **Relações** (interação): uma criança que assiste uma apresentação e uma atriz que personifica a personagem de filme animação infantil.
- (f) **Modo** (construção do texto): texto multimodal combinando língua, imagem e cor.

3.4.2 Análise e discussão do enunciado verbal

Mrs Incredibly thicc
Apreciação (-)

O termo *thicc* surgiu no inglês vernáculo afro-americano⁵³ em círculos de hip-hop no início da década de 2000 nos Estados Unidos (ECONOMOS, 2018), sendo utilizado na cultura pop para descrever nádegas vultosas e curvilíneas. O vocábulo surge possivelmente como uma variação da palavra inglesa *thick* (espesso, grosso, denso) e por ter seu surgimento ligado a variedade afro-americana do inglês estadunidense o uso indiscriminado de *thicc* pode, em certos contextos, causar interpretações de teor racista, ou em outros casos conotar misoginia ou até gordofobia, não sendo comum nas redes sociais retaliações quando o termo é empregado de maneira inapropriada. Para o escritor negro Phillip Henry, *thicc* é um vocábulo de empoderamento e representatividade de corpos gordos nas redes sociais, principalmente corpos gordos e negros. Corpos que, segundo o escritor, são dificilmente vistos em capas de revistas ou na mídia (HENRY, 2018). O limiar entre elogio e insulto é impreciso pois depende do contexto de situação na qual se encontra.

Apesar da militância em torno da palavra *thicc*, na rede mundial de computadores o termo é geralmente utilizado por internautas de maneira indiscriminada, sem nenhuma observância com relação a questão étnica, utilizado em muitas ocasiões em contextos meramente sexual e machista. Ou seja, apesar da imagem utilizada no meme não ter um

⁵³*African American vernacular English*

foco exatamente sexual, o uso do termo *thicc*, sexualiza o discurso, e faz com que o leitor que por acaso até certo momento esteja alheio a mensagem, interprete o texto como tendo conotação sexual, mesmo que pareça improvável por se tratar de uma personagem infantil e uma criança que possivelmente nem sequer estivesse olhando para as nádegas da atriz.

Em alguns casos é possível observar memes que trazem de maneira implícita variações do termo *thicc*, o que mostra de certa maneira a popularidade do vocábulo na internet. Esse é o caso do meme abaixo que ao trazer a letra C duplicada faz alusão a inovação lexical que não é, portanto, relacionada apenas a nádega volumosa, mas qualquer outro elemento, como por exemplo uma caneta.

Figura 23 - Exemplo de meme que alude a *thicc*



Fonte: knowyourmeme.com/photos/1360765-thicc

3.4.3 Análise e discussão da imagem e da cor

Contato

O olhar do garoto está direcionado as nádegas da atriz fantasiada de super-heroína e isso implica em uma Oferta (*Offer*), como se os vetores gerados pelo olhar do garoto invitassem o espectador a olhar para onde ele está olhando.

Distância Social

A fotografia mostra o menino e a atriz fantasiada de super-heroína em um enquadramento que destaca o corpo da mulher no centro da imagem, de acordo com Kress e van Leeuwen (2006, p.196) o elemento posicionado no centro de uma imagem será o núcleo da informação, o que eles chamaram de elemento Central, na qual os elementos marginais (elementos que rodeiam a imagem) são subservientes.

Dimensão

O garoto está na parte esquerda da imagem e a atriz fantasiada mais à direita, o que implica no conceito de Dado e Novo da GDV, portanto, o garoto na imagem é a informação dada, e as nádegas da atriz a informação nova, ou seja, à esquerda está uma informação que o leitor já conhece, por ser parte, por exemplo, da cultura do leitor e à direita, o Novo é algo que ainda não se conhecia e que, portanto, precisa receber atenção redobrada do leitor (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 181).

Cor

A cor de destaque é o vermelho que ajuda a chamar a atenção do leitor para o elemento representado. O vermelho é uma cor que está associada a emoções intensas, e uma forte ligação à sexualidade. Que nesse caso, mesmo que de maneira desproposital, ajuda a dar significado ao significado geral do meme.

3.4.4 Análise e discussão da metáfora

A conceptualização com relação a preceitos estéticos sobre o que deve ser pequeno ou o que deve ser grande em um corpo é um processo social e histórico, e que por ter essas características sofre mutações com o passar do tempo. A valorização ou sexualização do corpo pode mudar dependendo de fatores culturais, e alguns casos até se tornar o estopim para diversos tipos de abuso e violência, como por exemplo a tradição conhecida como Leblouh nas zonas rurais da Mauritânia onde garotas são forçadas pelos familiares a se alimentarem em excesso até ficarem obesas e dessa forma conseguem se casar, pois para aquela sociedade um corpo grande é mais estético. Na contramão disso, para muitas sociedades, influenciadas pela moda e a estética, o corpo magro é (muitas vezes) sinônimo de beleza (SMITH, 2009). Na sociedade brasileira, por exemplo, cirurgias estéticas como lipoaspiração são muito populares. O uso do item lexical *thicc*

em memes evoca a ideia de que um corpo grande é empoderado, essa concepção é sintetizada pela metáfora conceptual:

TAMANHO É PODER

Esse tipo de metáfora conceptual, de poder como tamanho, pode ser observada em diversos textos multimodais contemporâneos, como por exemplo, os cartuns e as charges políticas, onde dominância e poder são temas recorrentes. Barendse (2011) afirma que cartunistas que retratam temas políticos costumam manipular o tamanho das personagens representadas para criticar as relações de poder, ou seja, ao apresentarem discrepâncias de tamanho a personagem pode ser interpretada como poderosa ou fraca. No entanto, é importante ressaltar que nem sempre a grandiosidade como poder tem avaliação social positiva. Isso pode ser observado em *Gargantua* (figura 24) de Honoré Daumier, charge política publicada em dezembro de 1831 que critica as políticas do rei Louis Philippe. A obra foi censurada, o jornal teve que ser fechado e o chargista preso por seis meses.

Figura 24 - Exemplo da metáfora *tamanho é poder* em uma charge política



Fonte: Bibliothèque Nationale de France (BnF), Paris

3.4.5 Discussão geral da análise

O tamanho dos chamados órgãos sexuais (pênis, seios e nádegas) é tema recorrente no discurso *online* e *offline* em diversas culturas. As concepções sobre o tamanho ideal podem divergir de cultura para cultura ou mesmo diacronicamente, com o passar dos tempos, na Grécia antiga, homens eram representados em esculturas com pênis pequenos e flácidos, pois para aquela sociedade o pênis pequeno representava o ideal de beleza

masculina e norma cultural. Apenas sátiros e bárbaros era representados com pênis grande, pois esses eram considerados como seres vulgares, que não possuíam moderação ou comedimento, características consideradas importantes para a sociedade grega da antiguidade (GOTTHARDT, 2018). Esse modelo grego de valorização da forma física se espalhou pela Europa e influenciou por muitos anos a arte e os costumes daquela sociedade, por meio de hábitos, como por exemplo o uso do espartilho ou mesmo na tentativa de transformar o tema em ciência, quando eugenistas tentariam implementar ideias de perfeição corporal, tendo o caminho para o embelezamento humano os padrões estéticos recomendados na forma física clássica dos antigos gregos (DIWAN, 2014, p.140), o que mostrou ser um contrassenso racista, classificando a eugenia como um devaneio coletivo, que antes de entrar para a lista das pseudociências influenciou centenas de estudiosos e estadistas ao chamado racismo científico que por sua vez ajudou a fortalecer ideias que subjogavam minorias durante o período nazista.

O tamanho dos atributos físicos sempre esteve em contextos sexuais e de poder, como foi o caso ocorrido com Saartjie Baartman, que se tornou símbolo da exploração e do racismo colonial no início do século XIX; Saartjie tinha nádegas grandes e que por conta disso foi *levada* da África do Sul para a Europa, onde foi exibida em *freak shows* (show de aberrações) (PARKINSON, 2016). Apesar da história de Saartjie Baartman mostrar o despautério da objetificação do corpo humano por parte dos europeus, hoje muitos internautas tomam Saartjie como um símbolo de empoderamento, em uma mudança de paradigmas ou normas de beleza impostas pelo pensamento eurocentrista. A inovação lexical *thicc* parece ter ganhado espaço nesse contexto de aceitação do corpo, o termo ganha dessa maneira, em determinados situações uma acepção sexualizada, mas ao mesmo tempo também de empoderamento, evocado por uma metáfora conceptual subjacente, que ao ser utilizada dá muito mais força aos textos multimodais, como é o caso do memes.

3.5 Flexing

O meme da figura 25 ficou muito popular durante a pandemia de COVID-19. Nele é possível observar a junção de duas imagens, na primeira delas, uma mão com um estojo com fones de ouvido sem fio, os chamados *earbuds* e em outra imagem uma mão com um frasco de álcool em gel. A data (março de 2019) faz referência ao lançamento da 2ª geração do AirPods, uma linha de fone de ouvido *bluetooth* desenvolvido pela empresa estadunidense Apple; a data na imagem à direita (março de 2020) faz referência ao alerta de início de pandemia por COVID-19 anunciado por Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Figura 25 - Flexing



Fonte: pt.memedroid.com/memes/detail/3355528/sad-but-true, acessado em julho de 2022

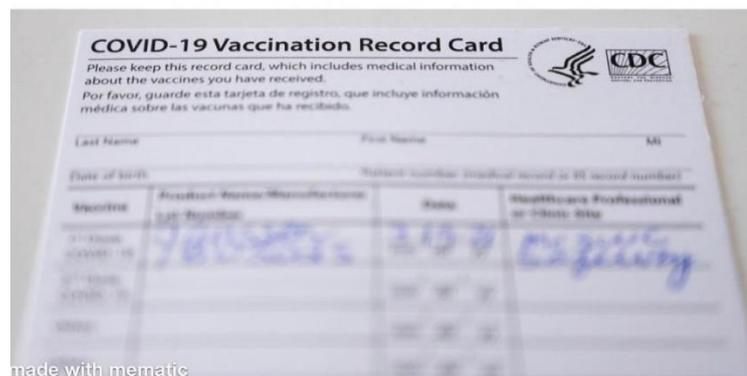
Na época, na tentativa de conter a disseminação da doença, a OMS recomendou algumas práticas, tais como: distanciamento social, uso de máscara e a higienização das mãos com alguma substância antisséptica à base de álcool. O anúncio levou de maneira repentina milhares de pessoas no mundo todo a comprar produtos antissépticos. Depois disso não demorou muito para o álcool em gel começar a desaparecer das prateleiras dos comércios. A demanda global e a escassez do produto fizeram com que o preço do item

subisse exorbitantemente e o álcool em gel, mesmo que de maneira temporária tornou-se um artigo de luxo, o que acabou gerando diversos memes, como por exemplo os de uma *trend* de memes chamada *flexing*, que aborda o comportamento de ostentação ou exibição de artigos luxuosos. Antes da pandemia, a *trend* trazia comumente itens como: carros, a forma física, celulares, bolsas, roupas etc., mas com o início da pandemia, a *trend* ganha de maneira chistosa e irônica um outro protagonista, o álcool em gel. Com o passar do tempo e o desenvolvimento de uma vacina para prevenir a COVID-19, essa *trend* de memes ganhou adaptações, como a da ilustração abaixo.

Figura 26 - Adaptação da *trend flexing* sobre a pandemia



Flexing in March 2021



Fonte: i.redd.it/jbnykv3de3a71.jpg

3.5.1 Contexto situacional

- (a) **Campo** (assunto): refere-se ao fato de que a pandemia forçou a população a alterar os hábitos de consumo e ironiza o preço do álcool em gel que subiu

demasiadamente devido a lei da oferta e procura no começo da pandemia de COVID-19.

(b) **Relações** (interação): baseia-se na expectativa do produtor do meme de contar com o frame do leitor para que seja possível a troca de significado, ou seja, o meme só será entendido caso o leitor tenha tido a experiência de ter acompanhado os fatos ocorridos durante a pandemia de COVID-19.

(c) **Modo** (construção do texto): texto multimodal combinando língua, imagem e cor.

3.5.2 Análise e discussão do enunciado verbal

Flexing in March 2019 / Flexing in March 2020
Apreciação (-)

Em muitos dicionários conhecidos de língua inglesa a definição mais comum do verbete *flex* é a de *comprimir, flexionar, fletir* ou *dobrar os músculos*, como na frase: *He flexed his arms to show off his muscles* (Ele flexionou os braços para mostrar os músculos).

No entanto essa acepção não parece fazer sentido quando se observa o meme da figura 25, pois não há nenhum componente imagético que indique um contexto situacional relacionado a flexão de músculos. Isso possivelmente ocorre porque o meme faz justamente um trocadilho irônico com uma outra acepção de *flexing*: mostrar algo de maneira exibicionista, ostentar.

Nas redes sociais se tornou muito comum a ostentação de maneira geral, pois não é nada difícil se deparar com postagens de viagens a lugares luxuosos, compra de artigos dispendiosos etc.; até a forma física virou motivo para ostentar; esse tipo de exibição (dos músculos ou do físico nas redes sociais) passa a ser chamado por internautas nativos da língua inglesa de *flexing*, termo originário do verbo *flex*, um exemplo: *He flexes about his fancy lifestyle* (Ele ostenta sobre seu estilo de vida extravagante). Em português brasileiro

também é possível observar o mesmo tipo de comportamento, que por sua vez também possui nomenclaturas específicas: *biscoitar* ou *biscoiteiro* são geralmente usados quando internautas em busca de atenção, elogios ou *likes* postam fotos da forma física nas redes sociais, em uma alusão ao fato de quem quer chamar atenção com a forma física se iguala a um cão que para conseguir uma recompensa (um biscoito) chama atenção de alguma forma. Inicialmente como uma gíria exclusivamente de academia ou relacionada ao corpo com músculos desenvolvidos o termo *flex* começa a ser utilizado também para descrever qualquer tipo de ostentação, como por exemplo a ostentação de bens materiais, que é o caso da acepção encontrada no meme da figura 25.

3.5.3 Análise e discussão da imagem e da cor

Contato

Nas duas imagens que compõem o meme há presença de mãos que mostram o objeto (fones de ouvido) ao leitor, isso indica uma Oferta, ou seja, a oferta de uma informação, uma afirmação que busca concordância de quem lê.

Distância Social

Tanto a imagem do lado esquerdo quanto a do lado direito mostram os objetos em primeiríssimo plano (big close-up), trata-se de uma distância íntima, de proximidade, que ajuda a destacar bem os objetos, mostrar de maneira detalhada os objetos (fones de ouvido e o frasco de álcool em gel), que são componentes cruciais para o entendimento do meme.

Dimensão

As duas imagens que compõem o meme estão em ângulo frontal e isso de acordo com Kress e van Leeuwen (2006) traz a ideia de envolvimento, ou seja, pretende evidenciar que os dois objetos representados na imagem fazem parte do mundo em que se está envolvido, e que portanto são facilmente reconhecidos e são rotineiramente utilizados.

Cor

A cor branca se destaca nas duas imagens, conectando de certa maneira os dois objetos que são completamente distintos.

3.5.4 Análise e discussão da metáfora

Apesar de parecerem definições completamente discrepantes, há uma possível leitura como: (1) flexionar músculos e (2) ostentar. As duas definições de *flexing* têm características em comum quando se analisa as acepções pelo viés da metáfora. A flexão de músculos causa um acúmulo de tecido muscular em determinada região do braço, e essa ideia está subjacente no termo *flexing* não só literalmente, mas também como uma metáfora conceptual quando *flexing* tem como acepção o ato de ostentar; pois quem ostenta, no caso bens materiais, promove um ajuntamento ou agrupamento de bens, ou seja, concentra, armazena ou cumula esses bens. Portanto, de maneira geral e puramente linguística (sem levar em consideração o contexto situacional) a metáfora conceptual acionada nessa acepção de *flexing* é:

OSTENTAÇÃO É ACÚMULO

No entanto, quando se leva em consideração a ideia global do meme da figura 25, uma outra metáfora surge: a de que ostentar seja algo trabalhoso e difícil. Pois poucos terão a chance de conseguir (no caso o álcool em gel), o que remete a ideia de uma façanha que só é possível por conta de muito esforço e bravura, tendo, portanto, a metáfora conceptual:

ÁLCOOL GEL É DIFICULDADE

Se o meme da figura 25 fosse desmembrado em parte 1 (antes da pandemia = *flexing in March 2019*), e em parte 2 (durante a pandemia = *flexing in March 2020*). As duas partes também podem gerar metáforas conceptuais diferentes.

Na parte 1 do meme (antes da pandemia = *flexing in March 2019*). A ostentação era geralmente algo supérfluo, dessa forma a metáfora conceptual poderia ser algo do tipo:

OSTENTAÇÃO É SUPERFICIALIDADE

Na parte 2 do meme (durante a pandemia = *flexing in March 2020*) a necessidade tornou-se ostentação:

ÁLCOOL GEL É OSTENTAÇÃO

Ou seja, a pandemia não mudou somente hábitos de vida corriqueira, mas as conceptualizações estabelecidas pela sociedade dentro de um processo cultural.

3.5.5 Discussão geral da análise

O termo *flex* fazer parte do corpo lexical da língua inglesa desde o século XVI, tendo vindo da palavra latina *flectere* (*dobrar*). Inicialmente o vocábulo surge com uma acepção relacionada a um aspecto estritamente físico, para descrever algo que pode dobrar, curvar etc. e por consequência disso começa a ser utilizado como uma maneira de se referir a flexão dos músculos. A partir dessa ideia, posteriormente, o campo semasiológico de *flex* se desprende e é relocado em uma nova acepção, que dessa vez é muito mais abstrata, a acepção de ostentar, se exhibir, se gabar. Ou seja, o significante (*flex*) ganhou nova conotação. Seu significado foi ampliado para suprir uma prática cultural muito comum em ambientes offline e online, a ostentação. Isso não significa que a acepção de *flex* como ostentar etc. tenha surgido na internet, pois *websites* que mantêm um registro informal de termos coloquiais (como por exemplo o *Urban dictionary*) apontam que essa acepção tenha surgido no início da década de 1990. Mesmo assim essa acepção ainda é tida por muitos como uma novidade. Em fóruns de discussão sobre os mais variados temas (como por exemplo o *Quora*), um assunto recorrente são as gírias. Perguntas do tipo: *What is the history of the newer usage of the word "flex" (as in "to show off")?*⁵⁴ são frequentes e mostram como essa nova acepção de *flex* é popular.

O percurso etimológico do termo *flex* evidencia que muitas inovações lexicais podem operar sem nenhuma mudança formal em unidades léxicas já existentes. Além disso, transformações semânticas como a ocorrida com *flex* e biscoito (em português brasileiro) mostram que muitas vezes com o passar do tempo as ideias mais concretas que deram origem aos termos começam a ser esquecidas pelos próprios falantes nativos, pois para usar uma palavra não é necessário conhecer sua etimologia nem as conceptualizações subjacentes.

⁵⁴ *Qual é a história do uso mais recente da palavra "flex" (como em "show off")?*

3.6 Slick

O meme da figura 27 é um exemplo de outros milhares encontrados na internet com termo *slick*, no entanto a escolha desse meme em particular para análise oferece uma ocasião ideal para a discussão de uma metáfora conceptual subjacente que é manipulada por internautas na propagação de inovações lexicais, como é o caso de *slick*.

Figura 27 - *Slick*

Him: you think you so fuckn slick

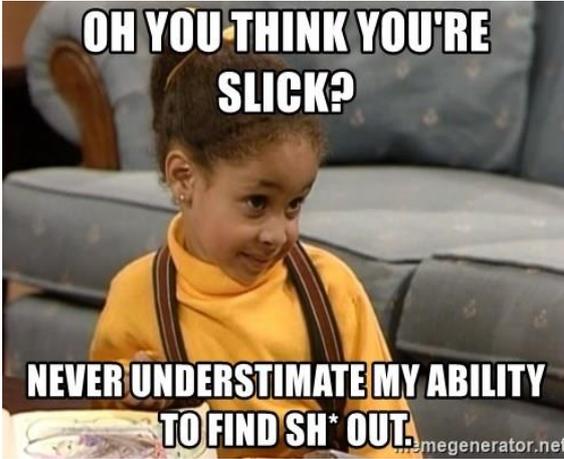
Me:



Fonte: ifunny.co/picture/him-you-think-you-so-fuckn-slick-me-jgSh1wYI7, acessado em janeiro de 2023

Os memes da *trend slick* são geralmente associados a ideia de alguém que pode se safar, se livrar de uma situação desagradável, ou seja, alguém sagaz ou hábil em livrar-se de estorvos, isso pode ser confirmado ao observar alguns exemplares de memes da *trend*:

Quadro 13 - *Slick* em duas *trends* de memes

	<p>A <i>trend</i> de memes com Willy Wonka (Gene Wilder) do filme <i>A fantástica fábrica de chocolate</i> (1971) é um dos exemplos em que é possível observar a utilização do termo <i>slick</i>. Willy Wonka olha de maneira debochada para alguém fora de cena, e parece demonstrar que apesar da tentativa da outra pessoa em tapeá-lo, é ele (Willy Wonka) que está no controle da situação.</p>
	<p>A <i>trend</i> de memes com Olivia Kendall (Raven-Symoné) do <i>sitcom the Cosby show</i> ganhou popularidade nas redes sociais por mostrar a criança respondendo de maneira inteligente e ao mesmo tempo infantil e bem humorada as indagações de adultos que se acham mais espertos que ela, de novo a definição do termo <i>slick</i> parece condizer com o contexto situacional.</p>

Fonte: memegenerator.net/instance/55128785 ; memegenerator.net/instance/65864076

3.6.1 Contexto situacional

- (a) **Campo** (assunto): confronto; uma mulher besuntada com algum tipo de substância oleosa olha de maneira um tanto cínica, como se confrontasse o espectador.
- (b) **Relações** (interação): o elemento representado na imagem (a mulher) olha fixamente para o espectador, estabelecendo dessa forma uma relação.

(c) **Modo** (construção do texto): texto multimodal combinando língua, imagem e cor.

3.6.2 Análise e discussão do enunciado verbal

Him: you [experienciador] think [processo mental] you so fuckn slick [fenômeno]
Apreciação (-)

A frase *you think you so fuckn slick* é uma oração do tipo mental cognitiva, pois traz o que é pensado à consciência da pessoa, que por sua vez está no grupo nominal *so fuckn slick*, o termo *slick* é ponto-chave para entender o meme, pois é ele que faz a ligação com campo visual (a mulher besuntada). O vocábulo *slick* tem uma extensa história, vindo do norueguês (*slikja*) se tornou comum na língua inglesa em meados de 1500 tendo várias acepções, uma delas é recorrente em muitos dicionários, *slick* é muitas vezes usada para descrever uma superfície lisa, ou lustrosa, ou seja, antônimo de áspero. Seguem algumas acepções do vocábulo:

- (1) liso, lustroso, húmido e escorregadio, algo em que é difícil se mover sem deslizar.
- (2) alguém habilidoso que não precisa de muito esforço para fazer determinada atividade ou algo eficiente que funciona sem dar problemas.
- (3) alguém hábil em convencer outras pessoas, mas que não é sincero.
- (4) uma mancha de óleo.

Apesar de possuírem definições bem distintas, algumas acepções podem ter surgido de uma conceptualização em comum, como é sugerido na seção que trata da discussão da metáfora. Levando em consideração o meme da figura 27 as conotações de *slick* mais prováveis são as definições (2) e (3) acima, ou seja, nesse contexto o termo sugere alguém que é habilidoso, que possivelmente se acha esperto, portanto, uma tradução condizente do meme pode ser algo do tipo: *Você se acha esperta(o) pra caramba*. Outro ponto que vale uma observação é a evidente multimodalidade na segunda linha do enunciado verbal (me:) que é complementado por uma imagem, em uma mescla de texto verbal com texto visual.

3.6.3 Análise e discussão da imagem e da cor

Contato

A mulher representada na imagem do meme olha diretamente para o espectador, e isso dentro da função interativa proposta por Kress e Van Leeuwen (2006) implica em uma Demanda (*Demand*), ou seja, solicitar algo a esse espectador ou observador.

Distância Social

O enquadramento da imagem da mulher no meme é plano médio curto, ou seja, um corte na altura do peito, o que facilita ver não só parte do corpo da mulher, que está besuntado, detalhe importante na narrativa do meme, como também observar o rosto da mulher que parece de maneira sutil um tanto debochado.

Dimensão

O ângulo frontal na qual é possível observar a imagem da mulher no meme faz com que o espectador se sinta como participante daquele ambiente, ou seja, espectador e representado criam um laço de envolvimento.

Cor

Os tons de marrom são predominantes, os traços de branco na pele da mulher são cruciais para a elaboração de significado do meme, pois são esses traços brancos que remetem a ilusão de algo besuntado com alguma substância oleosa.

3.6.4 Análise e discussão da metáfora

Como mostrado na seção que trata da análise e discussão do enunciado verbal, o termo *slick* pode ter várias definições. Por exemplo, as que podem ser destacadas para o entendimento da metáfora subjacente ao meme são definições que tratam a palavra como algo escorregadio ou oleoso, pois essas deixam evidentes as outras ramificações semânticas e metafóricas que partem desse contexto. No caso do meme da figura 27, vendo a mulher besuntada, pode-se ter a leitura da metáfora conceptual:

OLEOSIDADE É DESTREZA

Ou seja, o meme da figura 27 aciona uma metáfora conceptual na mente de quem lê, pois remete a um conceito metafórico de que a mulher na imagem seja esperta, hábil ou sagaz, pelo fato de estar besuntada e que por conta disso ela é tida no sentido figurado

como: *escorregadia* ou *maleável*, sendo, portanto, difícil *segura-la*, pois ela consegue desvencilhar-se e escapar facilmente de qualquer situação adversa ou que por conta disso a mulher se considere mais esperta do que a outra pessoa. Portanto, o fato de estar besuntada é o ponto alto da piada no meme que só é engraçada porque metáfora e inovação lexical estão embricados, um é o complemento do outro.

No registro informal do português brasileiro é possível encontrar um atributo metafórico similar. Observe a seguinte frase:

O político foi muito sabão nas respostas durante o debate na TV.

O uso do vocábulo *sabão* no contexto da frase acima segue uma acepção parecida de *slick* no meme da figura 27, pois o político mostrou destreza em se desvencilhar facilmente de perguntas delicadas, que possivelmente o colocariam em uma situação não muito confortável perante a opinião pública, aspecto relevante durante campanhas políticas.

3.6.5 Discussão geral da análise

O meme da mulher besuntada provoca humor porque evoca diversos elementos, alguns evidentes com a inter-relação de verbiagem e imagem e outros elementos subjacentes com o uso de metáfora conceptual que está atrelada ao termo *slick*. O meme ganha ainda mais força humorística por provocar o leitor ao associar a inovação lexical a imagem, deixando explícita o domínio de origem do termo: algo viscoso, oleoso e escorregadio e que a partir disso transpõe-se até um domínio alvo: alguém sagaz, esperto etc., como mostra o esquema abaixo:

slick → *street smarts, clever*

Os *frames* de ambos os domínios também precisam entrar em ação para efetividade da mensagem, pois dependendo do contexto a definição de *slick* sofre mudanças de sentido.

Slick é mais um exemplo de neologismo semântico que conseguiu propulsão no ambiente online, por conta da constante presença nos memes, em textos multimodais manipulados a todo instante por internautas que na busca por gerar um produto de humor também acabam por consequência disso perpetuando de certa maneira conceptualizações

preexistentes e subjacentes no sistema cognitivo humano, conceitos que estruturam as ações e os pensamentos.

SEÇÃO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As demandas sociais de uma sociedade pós-tipográfica como a nossa traz uma série de reflexões, redefinições e mudanças epistemológicas a respeito da língua e da linguagem. A cibercultura tem transformado a produção de sentido, que se tornou muito mais variada e complexa devido a amplitude das multissemioses proporcionadas por tantas novidades tecnológicas nos últimos anos.

Nesse contexto, a linguagem não é mais código, é prática social. O texto não é mais estável e monomodal, ele é agora dinâmico e multimodal. O leitor se tornou protagonista. Ele agora é um *lautor* (leitor + autor) (ROJO, 2003), ou seja, alguém que lê, mas ao mesmo tempo cria e recria, como ocorre com o meme.

As mudanças trazidas pelo ciberespaço não devem ser vistas por um viés conversador, onde a tecnologia é ameaçadora. Pelo contrário, trata-se apenas de um encontro. O encontro entre duas importantes tecnologias: a língua e a internet. Nesse encontro a língua continua sendo a principal protagonista, pois particularmente acredito que a nossa maior tecnologia não são computadores, *smartphones* ou qualquer outro dispositivo eletrônico, afinal para que serviriam essas coisas se não houvesse a língua?

A preconceção da língua online como a destruidora da língua offline se torna cada vez mais um contrassenso. No início da internet até poderia fazer certo sentido falar da língua do online e língua do offline, mas hoje com a explosão da cibercultura e expansão das redes planetárias de comunicação, falar sobre uma língua do online e outra do offline se tornou algo no mínimo controverso, afinal o limiar entre online e offline está gradualmente mais difícil de ser estabelecido. Nossa sociedade se encontra cada vez mais em espaços intersticiais, ou seja, espaços híbridos, onde já não existem bordas entre espaços físicos e digitais. As fronteiras rígidas que colocam o físico, de um lado, e o virtual, de outro estão desaparecendo, estão sendo dissolvidas (SANTAELLA, 2009). O sair do espaço físico para entrar no espaço digital já não faz mais sentido, pois estamos cercados pela digitalidade, falamos com a Alexa sentados no sofá na sala de estar, recebemos comandos do GPS enquanto dirigimos o automóvel. A rotina das pessoas está tendo muito mais interferências tecnológicas hoje do que há alguns anos e possivelmente a tendência é que essas interferências cresçam ainda mais. A digitalidade se tornou tão difusa em nossas vidas que já não cabe mais entendê-la como uma metáfora de *container*,

onde é possível entrar ou sair, como ocorria até meados dos anos 2000, quando se dizia frases do tipo: *Mais tarde eu entro na internet e te mando o e-mail*. Essa conceptualização está morrendo, porque hoje com a expansão de cobertura, a internet está ao alcance das mãos em quase todo lugar por meio de um *smartphone*, não sendo mais necessário entrar lá, porque ela já está aqui. Por essa perspectiva já não cabe mais falar em a *língua da internet*, pois o ciberespaço pode ser tanto lá quanto aqui e transformações que ocorrem no online podem ter reflexos no offline e vice-versa. O humor, por exemplo, é uma dessas atividades influenciadas pela cultura digital. O riso, uma expressão física do corpo humano tão presente no cotidiano das vidas offline é muitas vezes criado hoje a partir de conteúdo gerado no online.

O meme tem destaque nessa discussão sobre linguagem e internet, porque ele se tornou parte importante das práticas de leitura na atualidade. Manchetes do tipo: *44% da população brasileira não tem hábito de leitura* (CZELUSNIAK, 2016) são tão alarmantes, que muitas vezes um complemento passa despercebido: *44% da população brasileira não lê LIVROS*. Uma reclamação constante de pais e professores é a de que *os adolescentes não leem*, quando na realidade eles leem o tempo todo - uma mensagem no WhatsApp, um post no Instagram, a legenda do vídeo no TikTok. No contexto tecnológico atual se tornou quase impossível não ler (RAJAGOPALAN, 2013), pois as telas se tornaram espaços de leitura muito atraentes. É fato que talvez os jovens não estejam lendo Shakespeare ou Tchekhov, mas isso pode ser resolvido com um direcionamento na sala de aula, um espaço que deve ser encarado como um ambiente de acolhimento e reconhecimento das práticas sociais do aluno. O professor não deve tratar o meme como um mero besteiro sem propósito, pois o meme pode muito bem funcionar como um elemento encorajador para outros tipos de leitura. A utilização de textos multimodais na escola enriquece as aulas e as torna mais horizontais (RIBEIRO, 2016).

Tendo em vista essas questões sobre as transformações sociais cabe aqui mencionar algo sobre as inovações lexicais trazidas pela interação no ciberespaço, que se tornam por vezes alvos de acusações injustas. Um dessas acusações é a de que internet seja um recurso que deturpa a língua. No entanto, isso pode não passar de um mito, pois a internet é, sem dúvida, um meio de propagação de novas palavras, mas não necessariamente é a causadora de novas palavras. Uma outra questão que permeia o imaginário de muita gente tem a ver com o *netspeak* ou *internetês* e as chamadas *palavras da internet*. Esses termos podem até ser significativos nesse momento em que

a cultura digital é uma novidade recente, mas é possível que muito em breve se tornem inexpressivas, pois é inevitável considerar que as gerações futuras já nascerão conectadas e para essas pessoas todas as palavras serão palavras da internet, porque possivelmente essas gerações notarão as palavras pela primeira vez por meio das telas (MCCULLOCH, 2019) não mais pelo texto escrito no ambiente offline.

Apesar de todas as inovações na língua trazidas pela tecnologia, muitas das nossas conceptualizações são ainda da fase pré-internet e talvez isso, de certa maneira, acaba por tentar domar o entendimento sobre o papel da língua dentro desse novo cenário tecnológico. Um exemplo prático: quando se pensa em determinado assunto, uma imagem sintetizadora vem as nossas mentes, ou seja, uma conceptualização que mais ou menos define o conceito daquele vocábulo. Se a palavra for sobremesa, por exemplo, é possível que surja na mente de muitas pessoas o desenho ou imagem de um pudim, brigadeiro, cocada etc., pois esses doces são muito populares no Brasil. Mas, e se a palavra for um pouco mais abstrata, como: *língua*? Qual imagem seu cérebro processaria? A resposta é obviamente muito subjetiva, mas ao digitar o termo no *Google Images*, que de certa forma é um curador digital das conceptualizações da sociedade, uma imagem ou motivo tem grande destaque: o livro. Ele aparece de várias formas: como um dicionário, em cima de uma escrivaninha, em uma estante e por vezes, quando o tema é língua inglesa, a figura do livro aparece do lado de uma pequena bandeira do Reino Unido ou Estados Unidos, imagens que inclusive vão na contramão das tendências contemporâneas que entendem o inglês como uma língua franca. De certa maneira, a Google quer nos dizer que para nossa sociedade, língua é o que está no livro (LÍNGUA É LIVRO), ou seja, ela precisa ser estática, ser domada pelas páginas dos dicionários e manuais. Essa conceptualização autoritária que ainda permeia o imaginário popular na contemporaneidade, surgiu há muito tempo. Ela remonta ao *boom* dos movimentos normativistas da língua que ocorreram entre o início de 1700 até o final de 1800, período em que houve uma efervescência na produção massiva de dicionários e livros de gramática (MCCULLOCH, 2019). Mas essa metáfora deve estar com os dias contados, porque o livro já não pode ser mais unicamente aquele lugar onde as palavras vivem, como na campanha publicitária de 1977 do dicionário Merriam-Webster Webster's: *New Collegiate Dictionary: it's where the words live*. (Novo dicionário acadêmico da Webster: Onde as palavras vivem) (MCCULLOCH, 2019). A internet traz uma nova metáfora para a língua, pois hoje a língua se tornou uma rede de trabalho conjunto (*network*). A língua

se tornou colaborativa e descentralizada, portanto, LÍNGUA É LIVRO, mas também LÍNGUA É COLABORAÇÃO. O termo *web* (teia) nunca foi tão propício para esse momento, pois a língua é na internet uma rede participativa ampla. Se tornou, nas palavras de Mcculloch (2019), um projeto *open source* humano (algo livre que pode ser modificado e compartilhado, porque o acesso é público).

As características particulares de um texto multimodal, como é o caso do meme, precisam ser analisadas com ferramentas que possibilitem ao pesquisador cobrir toda a variedade de semioses nesses produtos verbo-visuais. A LSF e GDV mostram-se fundamentais para tentar entender as práticas discursivas na internet. As acepções dos itens lexicais analisados nessa dissertação (*turn up*, *snowflake*, *lit*, *thicc*, *flexing* e *slick*) só são entendidas plenamente quando se leva em consideração não só o texto verbal, mas também o texto imagético dentro de um contexto situacional e cultural da mensagem. Além disso, a linguística cognitiva mostrou ser indispensável para as análises porque com ela foi possível compreender significados cognitivos subjacentes a mensagem. Por exemplo, o porquê do termo *lit* ter conotação de algo legal ou bom ou *slick* ser usado como uma conotação positiva nos memes. Todas essas perguntas foram respondidas quando submetidas ao enfoque da teoria da metáfora conceptual.

Retomando as perguntas de pesquisa – (a) como é feita a persuasão via humor e ironia nos memes de internet?, Podemos retomar nossas adolescências em que, muitas vezes fomos confrontados com textos multimodais de humor e como nos divertimos com eles. Alguns exemplos de memes que consideraremos nesta dissertação incluem políticos, pessoas comuns, protestos e gírias, novos termos, dicionarizados ou não. Muitas vezes os aprendizes de línguas estrangeiras, trazem ao professor termos tirados de memes, que foram encontrados na navegação da internet, mostrando que foram persuadidos a aprender um novo termo em seu léxico, mas que não fazia o menor sentido se não fosse combinado com pistas encontradas em imagens para uma nova significação.

Em (b) tentando entender a persuasão do meme pelos sistemas imagéticos, segundo os princípios da abordagem cognitiva e a Gramática do Design Visual (GVD), percebe-se que juntos, a GVD e a parte verbal do meme, levando em conta o frame do leitor, estruturam os neologismos (ou as inovações lexicais) em memes da internet.

Como exemplo, podemos voltar ao termo *thicc*, que não se espera ser encontrado em material didático tradicional. Para que tal termo possa ser apresentado a aprendizes,

os memes nos quais ele aparece, poderiam elucidar e atrair os aprendizes a se envolverem em uma atividade linguística dentro de uma sequência didática proposta pelo professor.

Na análise e discussão do contexto situacional do meme que contém o neologismo *thicc*, sem o conhecimento de mundo do leitor (*frame*), seria difícil a compreensão da acepção dos termos. O contexto (campo), as relações interpessoais dentro do meme (relações) e o modo como o meme é apresentado ao leitor (modo), ajudam no disparo do *frame* desse leitor e a conseqüente compreensão do meme e das expressões nele contidas.

Outras pistas para a compreensão do meme e do que ele contém, são os itens estados pela GVD (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Por meio das análises imagéticas pode ser ver o lado divertido/humorístico do meme que faz uma releitura de termos que em diferentes contextos pode ser considerado um termo racista e gordofóbico. Porém, na mesma linha de raciocínio do termo QUEER, dentro da comunidade LGBTQIA+, *thicc* tornou-se um vocábulo de empoderamento e representatividade de corpos gordos nas redes sociais, principalmente corpos gordos e negros.

Os elementos imagéticos e linguísticos presentes no meme estão de certa maneira corroborando para releituras semânticas, e como nos dias de hoje o elemento imagético tem tido papel de destaque na sociedade dos multiletramentos o meme se tornou um veículo ideal para persuasão de leitores, que ao quererem fazer parte do grupo acabam por aceitar as regras do jogo, o que contribui para a propulsão de ideias (de empoderamento, por exemplo), de metáforas conceptuais (TAMANHO É PODER, por exemplo) ou mesmo no campo semântico-lexical com a utilização de termos que podem ser neológicos (*thicc*, por exemplo) ou não (*flex*, por exemplo). Esta mesma dissertação, produzida com termos da língua inglesa, também pode desenvolvida com qualquer outra língua, pois a internet tem trazido novidades para língua e linguagem de uma maneira global. Não é preciso ir muito longe para perceber isso, no próprio português brasileiro, palavras como *chave*, tem sido o foco de uma mudança semântico lexical propulsionada pelo ambiente online (quadro 14). Se antes *chave* era usada somente para designar o utensílio de metal que se introduz na fechadura para abrir ou fechar portas, hoje em muitas redes sociais na internet o termo ganha uma conotação paralela, sendo usado para designar alguém ou algo estiloso, bonito etc.

Quadro 14 - Termos *chave* e *chavoso* nas redes sociais



Fonte: pt.memedroid.com/memes/detail/2163171; @alanzoka

Ao finalizar espera-se que este trabalho tenha contribuído não só para despertar nos leitores o uso dos memes como um recurso didático para a sala de aula de língua adicional, mas também despertar o interesse dos pesquisadores sobre a linguagem na internet, um tema bastante amplo, atual e rico que oferece muitas possibilidades de pesquisa e descobertas no campo das ciências da linguagem.

REFERÊNCIAS

BARENDSE, Juliette. **Het interpreteren van omvangmanipulatie in politieke cartoons**. 2011. Dissertação de mestrado (Communication Design) - Faculteit Geesteswetenschappen Departement Communicatie en- Informatiewetenschappen, Tilburg, 2011.

BATTISI, Elisa; OTHERO, Gabriel; FLORES, Valdir do Nascimento. **Conceitos Básicos de Linguística: Noções Gerais**. São Paulo: Contexto, 2022.

BELLANTONI, Jeff; WOOLMAN, Matt. **Type in motion: innovations in digital graphics**. Londres: Thames & Hudson, 2000.

BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 28, n. 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3676>. Acesso em: 13 mar. 2023.

BLACK, WILLIAM R. How Watermelons Became Black: Emancipation and the Origins of a Racist Trope. **The Journal of the Civil War Era**, The University of North Carolina Press, v. 8, ed. 1, p. 64-86, 2018. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26381503?read-now=1&seq=5#page_scan_tab_contents. Acesso em: 14 mar. 2023.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: UNESP, 2003.

BURGERS, Christian; JAN SCHELLENS, Peter; VAN MULKEN, Margot. Finding Irony: An Introduction of the Verbal Irony Procedure (VIP). **Metaphor and Symbol**, Estados Unidos, v. 26, ed. 3, p. 186-205, 2011. DOI: 10.1080/10926488.2011.583194. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233453214_Finding_Irony_An_Introduction_of_the_Verbal_Irony_Procedure_VIP. Acesso em: 9 mar. 2023.

CLIFT, Rebecca. Irony in conversation. **Language in Society**, Cambridge, v. 28, p. 523-553, 1999. DOI: 10.1017/S0047404599004029. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259362695_Irony_in_conversation. Acesso em: 9 mar. 2023.

CHAO, Eveline. **Niubi!: The Real Chinese You Were Never Taught in School**. New York: Penguin Group, 2009. 7-12 p.

CRYSTAL, David. **Internet Linguistics: A Student Guide**. Abingdon: Routledge, 2011.

DENHAM, JAMES M. The Florida Cracker Before the Civil War As Seen Through Traveler. **Florida Historical Quarterly**, [s. l.], v. 72, ed. 4, 1993. Disponível em: <https://stars.library.ucf.edu/fhq/vol72/iss4/5>. Acesso em: 2 mar. 2023.

DEUTSCHER, Guy. **Through the language glass: Why the world looks different in other languages**. 1. ed. Nova York: Picador, 2010.

DIWAN, Pietra. **Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

DUBOC, Ana Paula Martinez. Avaliação da aprendizagem de línguas e os multiletramentos. In: **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo, v. 26, n. 63, p. 664–687, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/ea/article/view/3628>. Acesso em: 5 set. 2022.

ECONOMOS, Nicole. Insult or compliment? Why “thicc” had us thoroughly confused in 2018. **The Sydney Morning Herald**, [S. l.], 30 nov. 2018. Disponível em: <https://www.smh.com.au/lifestyle/life-and-relationships/insult-or-compliment-why-thicc-had-us-thoroughly-confused-in-2018-20181228-p500jf.html>. Acesso em: 31 out. 2022.

EGGINS, Suzanne. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. Londres: Continuum International Publishing Group, 2004.

EL REFAIE, Elisabeth. Our purebred ethnic compatriots: irony in newspaper journalism. **Journal of Pragmatics** 37, [s. l.], p. 781–797, 2005.

EVERETT, Daniel. **Language: The Cultural Tool**. Nova York: Vintage Books, 2012.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2014.

FERNANDES, José D. C. **Processos linguísticos no cartaz de guerra: semiótica e gramática do design visual**. 2009. Dissertação (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Linguística. João Pessoa, 2009.

FENG, William Dezheng. Metonymy and visual representation: towards a social semiotic framework of visual metonymy. **SAGE Publications**, [s. l.], 2016. DOI: 10.1177/1470357217717142. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281327741_Metonymy_and_Visual_Representation_Towards_A_Social_Semiotic_Framework_of_Visual_Metonymy. Acesso em: 6 fev. 2023.

FILLMORE, C; ATKINS, B.T. Toward a frame-based lexicon: the semantics of RISK and its neighbors. In: Lehrer, A.; Kittay, E.F. (eds.). **Frames, Fields and Constrasts**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. 1992.

FUZER, Cristiane & CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GALLAGHER, Sophie. What does the term snowflake mean and why is it used?. **Independent**, [S. l.], 6 out. 2020. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/life-style/snowflake-meaning-definition-gammon-piers-morgan-trump-b737499.html>. Acesso em: 5 fev. 2023.

GOTTHARDT, Alexxa. Why ancient greek sculptures have small penises. **Artsy**, [S. l.], 21 jan. 2018. Disponível em: <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-ancient-greek-sculptures-small-penises>. Acesso em: 31 jan. 2023.

GRICE, H. P. *Studies in the way of words*. [S. l.]: First Harvard University Press, 1989.

GIORA, Rachel. **On Irony and Negation. Discourse Processes**, [s. l.], v. 19, ed. 2, 1995. DOI 10.1080/01638539509544916. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/234735222_On_Irony_and_Negation. Acesso em: 9 mar. 2023.

HAN, Feifei. Metaphors in English and Chinese. **Academic Exchange Quarterly**, Stuyvesant Falls, v. 21, ed. 1, 2017.

HARMER, Jeremy. **How to teach English**: an introduction to the practice of English language teaching. Essex: Pearson Educational Limited, 1998.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: a brief history of humankind. 1ª. ed. Nova York: Harper Collins, 2015.

HENRY, PHILLIP. Perfectly Steeped: Instagays, Please Stop Calling Yourself "Thicc". **Them**, [S. 1.], 3 jul. 2018. Disponível em: <https://www.them.us/story/dear-instagays-stop-calling-yourself-thicc>. Acesso em: 31 out. 2022.

HOLMES, Janet. Politeness, Power and Provocation: How Humour Functions in the Workplace. **Sage**, [s. 1.], v. 2, ed. 2, 2000. DOI <https://doi.org/10.1177/1461445600002002002>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461445600002002002>. Acesso em: 14 mar. 2023.

INGOLD, Richard. **Society, Context and Function**: An Introduction to Systemic Functional Linguistics. [S. 1.], 2017. Disponível em: <https://learningandteachingnavitas.com/language-winnie-pooh-linguistics-can-help/society-context-and-function-an-introduction-to-systemic-functional-linguistics-richard-ingold/>. Acesso em: 9 jan. 2023.

LOTHERINGTON, Heather. From Literacy to Multiliteracies in ELT. In: CUMMINS, Jim; DAVISON, Chris. **International Handbook of English Language Teaching**. Nova York: Springer, 2007. p. 891-905. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/226802846_From_Literacy_to_Multiliteracies_in_ELT. Acesso em: 8 mar. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. [S. 1.]: Cortez, 2010.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. v. 3.

M.I.M. MATTHIESSEN, Christian; TERUYA, Kazuhiro; LAM, Marvin. **Key Terms in Systemic Functional Linguistics**. Londres: Continuum International Publishing Group, 2010.

PARKINSON, Justin. Sarah Baartman: a chocante história da africana que virou atração de circo. **BBC**, [S. 1.], 11 jan. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab. Acesso em: 30 jan. 2023.

SPERBER, Dan, Wilson, DEIRDRE. **Irony and the use-mention distinction**. In: Cole, P. (Ed.), *Radical Pragmatics*, 1981. Academic Press, Nova York, pp. 295–318.

- SAPARAS, Marcelo; IKEDA, Sumiko Nishitani. **Metáfora Cultural**: Persuasão e Revelação. Dourados: Ed. UFGD, 2017.
- SAPARAS, Marcelo; IKEDA, Sumiko Nishitani. **Estrutura e textura de um texto dissertativo-argumentativo**: A escrita acadêmica. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2022.
- SILVA, M. M. P.; ALMEIDA, D. B. L. Linguagem Verbal, Linguagem Verbo-Visual: Reflexões teóricas sobre a perspectiva Sócio-Semiótica da Linguística Sistêmico-Funcional. **Revista Odisséia**, Natal-RN, 3, n.1, p. 36-56, 2018.
- S. PEIRCE, Charles. **Semiótica**. 4ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- JASON, Tore. **The History of Languages: An introduction**. Oxford University Press. 2012
- KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.
- KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor**: A Practical Introduction. Amsterdã: John Benjamins, 2010.
- KRASHEN, Stephen D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Londres: Prentice-Hall International, 1981.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images**: the grammar of visual design. 2ª ed. Nova York, Routledge, 2006
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. Londres: Hodder Arnold, 2001.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LI, J. Transitivity and lexical cohesion: Press representations of a political disaster and its actors. In: **Journal of Pragmatics**, 42.12, p. 3444-3458, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MANGUEL, Alberto. **A History of Reading**. Nova York: Penguin Books, 1997.
- MARIA ALVES, Ieda. **Neologismo**: Criação lexical. 3.ed. São Paulo: Ática, 2007.
- MARTIN, J.R.; WHITE, P.R.R. **The language of evaluation**: Appraisal in English. Nova York: Palgrave Macmillan, 2005.
- MAHER, John; GROVES, Judy. **Introducing Chomsky**. Cambridge: Icon Books, 2004.
- MCCULLOCH, Gretchen. **Because internet**: understanding the new rules of language. Nova York: Riverhead Books, 2019.
- MOURA, Heronides; CAMBRUSSI, Morgana. **Uma breve história da linguística**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática funcional**: interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2018.

ORSINI, Alexis. De « this is fine » à « this is not fine », l’histoire d’un « meme » qui a du chien. **Le Monde**, [S. l.], 4 set. 2016. Disponível em: https://www.lemonde.fr/pixels/article/2016/08/04/de-this-is-fine-a-this-is-not-fine-l-histoire-d-un-meme-qui-a-du-chien_4978393_4408996.html. Acesso em: 6 out. 2022.

P. ALLEN, James. **Middle Egyptian**: An introduction to the language and culture of hieroglyphs. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais**: leitura e produção. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

RINGBOM, Sixten. Icon to Narrative: The Rise of the Dramatic Close-up in Fifteenth-Century Devotional Painting. **Åbo Akademi**, [s. l.], ed. XXXI, 1965.

ROJO, R. **Escola conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA, Lucia. A ecologia pluralista das mídias locativas. *Revista FAMECOS*, [s. l.], v. 15, ed. 37, p. 20–24, 27 jan. 2009. DOI <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2008.37.4795>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4795>. Acesso em: 7 mar. 2023.

SAENGER, Paul. **Space Between Words**: The Origins of Silent Reading. Stanford: Stanford University Press, 1997.

SENF, Gunter. Bronislaw Malinowski and Linguistic Pragmatics. **Lodz Papers in Pragmatics**, [s. l.], ed. 3, p. 79-96, 2007.

SONVILLA-WEISS, S. Introduction: **Mashups, Remix, Practices and the Recombination of Existing Digital Content**. In: SONVILLA-WEISS, S. (Ed.). *Mashup Cultures*. Wien; New York: Springer, 2010. p. 8-23.

STONE, Brianna. **Been called a 'snowflake'? The 'it' new insult**. [S. l.], 1 fev. 2017. Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/college/2017/02/01/been-called-a-snowflake-the-it-new-insult/37427267/>. Acesso em: 5 fev. 2023.

SUÁREZ ABREU, Antônio. **Linguística Cognitiva**: Uma visão geral e aplicada. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SHIFMAN, Limor. **Memes in Digital Culture**. Massachusetts: Mit Press, 2014.

SHIFMAN, Limor; LEVY, Hadar; THELWALL, Mike. Internet Jokes: The Secret Agents of Globalization?. **Journal of Computer-Mediated Communication**, [S. l.], v. 19, n. 4, p. 727–743, 20 maio 2014. DOI <https://doi.org/10.1111/jcc4.12082>. Disponível

em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/jcc4.12082>. Acesso em: 2 mar. 2023.

SMITH, Alex Duval. Girls being force-fed for marriage as fattening farms revived. **The Guardian**, [S. l.], p. 99, 1 mar. 2009. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2009/mar/01/mauritania-force-feeding-marriage>. Acesso em: 31 jan. 2023.

TRASK, R.L.; MAYBLIN, Bill. **Entendendo Linguística**. São Paulo: LeYa, 2013.

THOMPSON, Geoff. **Introducing Functional Grammar**. Oxford: Routledge, 2014.

WU, Jing. From “Long Yang” and “Dui Shi” to Tongzhi: Homosexuality in China. **Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy**, Filadélfia, v. 7, ed. 1-2, p. 117-143, 2008.

WALTER, Liz. Phrasal verbs with more than one meaning. **About words**, [S. l.], 15 abr. 2017. Disponível em: <https://dictionaryblog.cambridge.org/2017/03/15/phrasal-verbs-with-more-than-one-meaning/>. Acesso em: 1 fev. 2023.

W. GIBBS, Raymond. Speaking and Thinking with Metonymy. **Human Cognitive Processing**, Amsterdam, ed. 4, 15 set. 1999.

VAN LEEUWEN, Theo. **Introducing social semiotics**. Oxford: Routledge, 2005.

VAN LEEUWEN, T. Towards a semiotics of typography. **Information Design Journal** 14:2, 2006.